

A FENIX  
RENASCIDA,

OU

OBRAS POETICAS

Dos melhores Engenhos Portuguzes.

DEDICADAS

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

D. JOAÕ

DE ALMEIDA E PORTUGAL,  
CONDE DE ASSUMAR, DOS CONSELHOS  
de Estado, e Guerra, &c.

III. TOMO.

*Segunda vez impresso, e accrescentado*

POR

MATHIAS PEREIRA  
DA SYLVA.



LISBOA.

Na Offic. dos Herd. de ANTONIO PEDROZO GARRAM?

M. DCC. XLVI.

*Cara as licenças necessarias, e Privilegio Real.*



MO  
EXCEL. SENHOR.



LORIOSAMENTE  
decidida se vé hoje aquella questãõ,  
que altercaõ os Ornithologicos, so re

§ 2 a qual



a qual das aves se deva a primazia; se á Manucodiata, ou ave do Paraíso, que pela sua singularidade parece a estar merecendo; se á Aguia, a quem a mesma natureza poz na cabeça a coroa, como dan dolbe a investidura daquelle alado Reyno: porque se se attender á justiça da minha Fenix, se lhe ha de julgar sem duvida a preferencia pois apparece boje no Mundo debaixo da protecção de Vossa Excellencia, que he prerogativa tão grande que vence claramente a dos seus contrarios.

Da Manucodiata dizem os naturaes ser de tão estranha natureza que em nenhum tempo se vé na terra, mas sempre no ar; de tal sorte, que até quando ha de dormir, o facto perjurada dos ramos das arvores



ço a Vossa Excellencia, que a defenda contra a calunnia; porque basta levar o esclarecido de seu nome para ficar isenta deste geral contagio, mas que se sirva de lbe accrescentar nos vos creditos com a reconhecer por muito sua: acreditando os seus Authores taõ benemeritos com esta nova gloria sobre as muitas, que com geral applauso tem merecido com os discretos. E ficará compensada com esta honra aquella reprehensivel ingratakaõ, que ategora os teve sepultados nas cinzas do esquecimento. Porém não entenda Vossa Excellencia, que a protecçaõ, que solicito, he favor, que peço; pois não he senão obrigaçaõ, que lembro; porque sendo Vossa Excellencia glorioso Fenix Portuguez (como reconhecem não só este, mas outros muitos Rey-

nos

nos estranhos, que tiveraõ a fortuna de nos roubarem por algum tempo a pessoa de Vossa Excellencia) como tal está obrigado de justiça á protecçaõ, amparo, e patrocínio da nova Fenix Portuguez, a, que na semelhança com Vossa Excellencia funda todo o seu direito para conseguir esta gloria. A Pessoa de V. Excellencia guarde Deos por dilatados annos.

EXCELLENTISSIMO SENHOR.

De Vossa Excellencia

Humilde servo

Mathias Pereira da Sylva.

AOS





## AOS LEITORES.

**N**ESTE terceiro Tomo, que he outro voo da *Fenix Renascida*, continuo a fazer publicas ao Mundo as obras dos grandes, e discretos Engenhos Portuguezes, a quem o descuido de tantos annos escondera entre o silencio, pouco merecido a taõ grandes partos dos Engenhos mais elevados; mas já agora dignamente engrandecidos, pelas publicas acclamaçoens, e applauso, com que em todas as partes, a que poderaõ remontarse os voos da nova *Fenix*, foraõ recebidas; naõ sendo menor elogio a ancia, com que saõ procurados de todos, para admirar nas suas regras o elevado do melhor discurso, atado rigorosamente ás escrupulo. as leys da



da Poetica. Neste Tomo me parece ainda precisa a advertencia, que já foy no segundo, de que não estranhe o Leitor o ver attribuidas algumas obras, a quem não tinha por seu Author. Porque muitas estavaõ perfilhadas por quem lhe não dera o ser, ou por erro, ou por furto. Podera apontar varios exemplos para satisfazer ao Leitor, porém bastará por todos dizer, que a Fabula de Polifemo, que damos neste Tomo com o nome do celebre Jacinto Freire de Andrade (de quem he sem controversia) a vimos já em hum manuscrito com o nome do não menos celebre Antonio Barbosa Bacellar, o que sem duvida foy erro. Destes fizemos, o que foy possível, por nos livrar, conferindo os manuscritos, que tinhamos, com os que muitos curiosos com generoso animo nos offereceraõ. Esta advertencia bastará para socegar alguns genios mais escrupulosos. O quarto Tomo está corrente, e sahirá brevemente a lograr com os outros os mesmos applausos; a que seguirãõ todos os mais, que determinamos

mos dar a luz, que são bastantes; e por mais bem recebidos, que sejaõ, nunca seraõ bastantemente engrandecidos, porque vence a todo o louvor a sua singularidade.

VALE.



# INDEX

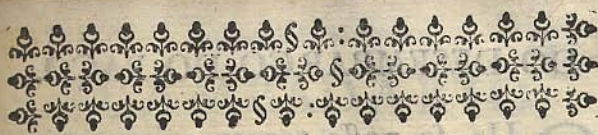
## DAS OBRAS DESTE TERCEIRO Tomo.

<b>L</b> Ampadario de Crystal,	pag. 1.
<i>A Santa Isabel, Canção,</i>	p. 51.
<i>Coimbra chorosa, Canção,</i>	p. 55.
<i>A morte da Princeza de Portugal, Canção,</i>	p. 61.
<i>A un javali Idilio,</i>	p. 64.
<i>Panegyrico ao Marquez de Marialva,</i>	p. 68.
<i>A El Rey D. Affonso, Decimas,</i>	p. 79.
<i>Aos Cabos da guerra, Decimas,</i>	p. 81.
<i>A F. picando-se com huma rosa, Decima,</i>	p. 82.
<i>A El Rey D. Affonso arrebeitando-lhe hum bacamorte, Decima,</i>	p. 83.
<i>Mote glosado em Decimas burlescas,</i>	p. 84.
<i>A hum bocado, Decima,</i>	p. 86.
<i>Outras</i>	

<i>Outras até</i>	p. 96.
<i>Fabula de Jupiter, e Leda, Romance,</i>	p. 97.
<i>A El Rey D. Affonso, Romance,</i>	p. 110.
<i>A F. desfolhando huma rosa, Romance,</i>	p. 113.
<i>Retrato,</i>	p. 115.
<i>Ao Marquez de Liche fugindo do Castello, Romance,</i>	p. 118.
<i>Retrato,</i>	p. 124.
<i>A Ramba de Portugal indo a Salva-terra, Romance,</i>	p. 128.
<i>A humas mãos, Romance,</i>	p. 130.
<i>Retrato,</i>	p. 131.
<i>A hums olhos, Romance,</i>	p. 135.
<i>Retrato,</i>	p. 138.
<i>A El Rey D. Affonso, Romance,</i>	p. 142.
<i>Ao mesmo fazendo annos, Romance,</i>	p. 150.
<i>Ao Conde de Castelmelhor, Romance,</i>	p. 153.
<i>Fabula de Jupiter, e Europa,</i>	p. 158.
<i>A Batalha de Elvas, Romance,</i>	p. 170.
<i>A's barbas do Regimento do Conde de Rebat, Sylva,</i>	p. 179.
<i>Sonetos varios até</i>	p. 214.
<i>Madrigais varios, até</i>	p. 219.
<i>Todas estas obras são do Bahia.</i>	
<i>Varios Sonetos de Vasconcellos até</i>	p. 267.
<i>Glosa a hum Soneto de Gongora,</i>	p. 268.
<i>Fabula de Narciso de Andrade,</i>	p. 274.
<i>Fabula</i>	



<i>Fabula de Polifemo do mesmo,</i>	p. 293.
<i>A hum mosquito do mesmo,</i>	p. 318.
<i>Fabula de Polifemo, Romance,</i>	p. 322.
<i>A morte de F. Sylva.</i>	p. 329.
<i>Ao mesmo assumpto, Soneto,</i>	p. 346.
<i>Varias obras do mesmo Author, até</i>	p. 384.
<i>A huma Dama sangrada, Romance,</i>	p. 387.
<i>Retrato,</i>	p. 390.
<i>Outro Retrato,</i>	p. 394.
<i>Ausente fallando com o seu suspiro, Ro-</i>	p. 396.
<i>mance,</i>	p. 398.
<i>A hums olhos,</i>	p. 398.
<i>Outros Romances a diferentes assump-</i>	p. 401.
<i>tos,</i>	p. 417.
<i>Retrato por titulos, Romance,</i>	p. 419.
<i>Retrato pelos Reynos, Endechas,</i>	p. 422.
<i>A huma Dama escrevendo, Romance,</i>	p. 426.
<i>Sitio Amoroso, Romance,</i>	p. 430.
<i>Outro Romance,</i>	p. 431.
<i>Seguidillas,</i>	p. 435.
<i>Decimas,</i>	



# L I C E N Ç A S .

## DO SANTO OFFICIO.

**P**odem reimprimirse os cinco tomos, que se appresentaõ, e depois de impressos tornarãõ conferidos para se dar licença, que corraõ, sem a qual naõ correrãõ. Lisboa, 12 de Outubro de 1745.

*Fr. R. Alencastre. Sylva. Soares.*  
*Abreu. Almeida. Trigozo.*

## DO ORDINARIO.

**P**odem-se reimprimir, e depois tornem para se dar licença para corretem. Lisboa, 18 de Outubro de 1745.

*D. J. A. L.*



DO DESEMBARGO DO PAÇO.

**Q**ue se possa tornar a imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornar á Mesa para se conferir, e taxar, e dar licença para que corra, que sem ella não correrá. Lisboa, 20. de Outubro de 1745.

*Vaz de Carvalho. Costa. Almeida.  
Carvalho.*

LAMPADARIO

DE

CRYSTAL

*QUE MANDOU A DUQUEZA  
de Saboya à Real Magestade da P. derrosissima  
Rainha de Portugal sua irmãa.*

IDILIO PANEGRICO

A SUAS ALTEZAS REAES

O PRINCIPE

**D. PEDRO,**

e sua Augusta Consorte

**D. MARIA FRANCISCA**

ISABEL DE SABOYA.

*A U T H O R*

**JERONYMO BAHIA.**

**A**LPE luzido, luminar nevado,  
Pompa da Regia sala,  
Thefouro no valor, brinco na gala,  
Onde á materia vasta a sutil arte  
Fazendo illustre excessso,  
O preço abate sublimando o preço:

*III, Part.*

A

Con-



Confusão porém clara  
 Da luzida no Ceo, na terra escura  
 Sciencia, que reparte  
 Fortuna a Venus, e infortunio a Marte;  
 Porque quando separa  
 Do crystallino Ceo Ceo estrellado,  
 Vosso puro crystal, vossa luz pura  
 Une fazendo proprio o peregrino  
 Com estrellado Ceo Ceo crystallino.

Lampada soberana,  
 Dignissima do templo de Diana,  
 Mas se nelle tivera  
 Vossa luz sua esféra,  
 Com tal excesso brilha,  
 Brilha tão sem exemplo,  
 Que fora mais estranha maravilha  
 A lampada, que o templo;  
 Que fora o templo, emulação do polo  
 De Diana por si, por vós de Apollo.

Bello farol luzente,  
 Mais do que objecto, admiração da gête,  
 Digno da torre, não menor que Atlante,  
 Da torre, que segundo  
 Milagre foy do Mundo,  
 Antes mais que da torre, do Gigante,  
 Que se yira tão lucidos affombros

Em

Em feus robustos estrellados hombros,  
 A todo o Ceo tratara com desprezo,  
 Pois vós tendes mais luz, e o Ceo mais  
 Rica facha pomposa, (pezo,  
 A cuja luz mais que as estrellas clara  
 Aquella ave famosa,  
 Não sey se verdadeira, ou fabulosa,  
 Aquella ave do Sol, e Sol das aves  
 De ser Fenix deixara  
 Só por ser borboleta,  
 E sendo borboleta ser tomara  
 Outra vez ave do mayor Planeta,  
 Pois Fenix entre incendios tão suaves,  
 Borboleta entre tochas tão luzidas  
 Com gostos immortaes,perpetuas sorte,  
 Qual Fenix renovara inda mais vidas  
 Por lograr borboleta inda mais mortes.  
 Nocturno Sol fermoso,  
 A cuja luz, mais que á do Sol, quizera  
 Icaro derreter vanglorioso,  
 Azas não só, mas coraçoens de cera,  
 Porém se os derretera  
 No fogo lisongeiro,  
 Não chorára perdida  
 No salgado crystal a doce vida,  
 Que entre suaves magoas

A 2

Lha



Lha tiráraõ primeiro  
 Os incendios, que as agoas,  
 As luzes, que os incendios,  
 E naõ feria só luz taõ brilhante,  
 Que deixa ao Sol estrella,  
 Da vida juvenil Atropos bella,  
 Mas ainda feria  
 Parca gentil do artifice elegante,  
 Que com tantos dispendios  
 Depois de Author foy reo do laberinto  
 Pois quando faz que a noite vença o dia,  
 Sendo occaõ da luz á luz de Cyntho,  
 Tanto aos olhos namora,  
 Que quem Dedalo foy, Icaro fora.  
 Fermofo Sol nocturno,  
 Cuja luz tanto admira,  
 Que se a vira o varaõ, vira o mancebo  
 De Japeto penhor, penhor de Febo,  
 Que tendo em larga idade escaça forte  
 Naõ morre á vida por viver á morte:  
 Que tendo em Ceo sereno escuro fado,  
 Com ser filho do Sol he desgraçado;  
 Ham nũa encarcerado, e sempre prezo  
 Pois vê livre, e sogeito  
 O monte aberto, como aberto o peito:  
 Outro mais frio quando mais acceso,

Pois

Pois chora extincto n'hũ, noutro elemêto  
 De fogo a morte, de agua o monumento;  
 Ou se a vira Faetonte,  
 Se Prometheo a vira,  
 Quando qual Sol, e Aurora  
 Na cera quanto bella derretida  
 Lagrimosa naõ menos, que luzida,  
 Alegre como Sol, como alva chora,  
 Nem Phaetonte prezara,  
 Nem Prometheo roubara.  
 Fogo celestial, farol diurno  
 Só por vós mais ousado,  
 Fora seu furto, e brio,  
 E se aquelle no rio,  
 E se estoutro no monte  
 Por taõ lustroso crime  
 Ou fora prezo, ou fora sepultado,  
 Em virtude de causa taõ sublime  
 Por gloria reputara  
 O primeiro, o segundo delinquente  
 A corrente, a corrente  
 Que aperta, que desfata  
 O Caucafo de ferro, o Pó de prata.  
 Claridade excessiua, antes immensa  
 Em luzes rara, porque em luzes densa,  
 Illustre, singular, prenda admirada,

Que



Que com digna de si Real grandeza,  
 Por mão de Embaixador excelso manda  
 A' Magestade mór, a mór Alteza,  
 Que manda. ( Oh se meu canto  
 Aqui subisse tanto,  
 Que podesse passar da terra ao vento,  
 Do vento ao Ceo, do Ceo ao Firmamêto,  
 E desde o Firmamento até o Empyrio! )  
 Que manda a rosa o lirio,  
 Antes o brinco á joya,  
 Antes ao Sol a estrella,  
 Antes a bella irmãa a irmãa mais bella,  
 Esta de Lysia, aquella de Saboya,  
 Que o ser irmãs he mais nesta, e naquella,  
 Do que o ser fermosa, e mais fermosa,  
 Brinco, e Sol, joya, e lirio, estrella, e ro-  
 Dem os cisnes do Tejo, (fa.  
 Do Tejo aonde pulsaõ de ouro as veas  
 Mais que as areas finas,  
 E numerosas mais do que as areas,  
 Os cisnes, cujas musicas divinas,  
 Quanto mais naturaes, mais peregrinas  
 Invejo só, mas amo mais que invejo,  
 Os cisnes doce injuria das fereas  
 Soltando ao vëto a voz, q' prende ao vëto,  
 Dem a taõ claro assumpto claro accento.

Can-

Cantem com verso digno  
 De celebrar mil Troyas (palma  
 Levando a Esmirna o louro, a Mantua a  
 Estas aves com alma,  
 Com penna estes mancebos  
 A hum Ceo, thesouro, prado,  
 Luminoso, magnifico, brincado,  
 Que em corpo crystallino  
 Ostenta mais que bellas  
 Boninas, mas de joyas,  
 Joyas, porém de estrellas,  
 Estrellas, mas de Febos;  
 Porém vencem taes luzes, taes primores  
 Mil soes, mil astros, brincos mil, mil flores  
 Ficando locuçoes menos condignas,  
 Febos, e estrellas, joyas, e boninas.  
 Acclame-vos seu verso,  
 Que ao tempo humilhe, a fama se cõsagre  
 Naõ ultimo milagre do Universo,  
 Ultimo naõ, mas unico milagre:  
 Chame a voßas columnas radiantes,  
 Onde por toda a parte  
 Os crystaes se estaõ rindo dos diamantes,  
 Metas da fermosura em mares de arte.  
 Em fim seja coroa de seu canto  
 De Gongora temor, de Lope espanto

Vossa



8  
 Vossa mais que a do Ceo bella coroa,  
 Menosprezo do Sol, Sol de Lisboa:  
 Coroa sim muy mais que a do Sol bella,  
 Bem que juntando aquella  
 Entre Auroras da terra, e do Ceo Mayos  
 As boninas, que teve, os que tem rayos,  
 Formassê claramente confundindo  
 Com o bello do Ceo da terra o lindo,  
 Formasse, digo, entre jardins, e esfêras  
 De flores Ceos, e de astros primaveras.

Mas eu q̃, bem q̃ absorto de Morptheo,  
 Nem ainda sonhando

Bebi da tantas vezes clara fonte,  
 Que serve fria, que se ri chorosa  
 No monte feyo, no fermoso monte,  
 Aos ouvidos fermoso, aos olhos feo,  
 Eu que nunca tirey do crystal brando  
 Com sede generosa,  
 Ou por dar gloria, ou por fazer injuria  
 Ao Mondego, ao Letheo  
 Em liquido calor discreta furia,  
 Para mayor espirito deixando  
 Vossa estupenda traça,  
 Estranha fermosura,  
 Encantadora graça,  
 Vos celebro a ventura,

Porque

Porque lograis estrella taõ propicia,  
 Taõ clara, antes taõ propria,  
 Que se naõ fois feitiço, fois caricia  
 Do soberano par, da Augusta copia  
 Do Francez Polyarcho, e clara Argenis,  
 Par sim, mas Sol, sim copia, porêm Fenix,  
 Onde com mil esmaltes Jove amigo  
 Juntou em digno corpo alma mais dina,  
 Como em fino metal pedra mais fina,  
 Antes em bello corpo alma mais bella,  
 Bé como em claro Ceo mais clara estrella  
 Que de ambos sexos cõseguindo a palma  
 Aquelle Semi-Deos, esta Heroiña,  
 Corpo de Adonis tem, de Alcides alma,  
 Alma de Pallas, corpo de Erycina,  
 Onde com mil finezas naõ commuas  
 O cego perspicaz, o Infante antigo  
 Ou dividio huma alma, ou juntou duas:  
 Da copia, do par digo,  
 A cuja sempre igual serenidade  
 Humilde, bem que ufana a regalia,  
 Ufana, bem que humilde a Magestade,  
 Auge rogava, exaltação pedia,  
 Por final, que lhe dá quanto lhe pede,  
 Quando lho naõ concede,  
 Pois seu preço subindo em seu desprezo,  
 Mais



Mais grave faz, dando pezar o pezo  
 Ao sublime Diadema,  
 E faz mais viva a cor dobrando o pejo  
 A purpura suprema,  
 Com que o pallido lustre o lustre acceso  
 Da purpura Real, do metal louro,  
 Aquella de Sidonia, este do Tejo  
 Mais purpura medio, pezou mais ouro.  
 Se quando aos dous despreza, aos dous su-  
 A Ceo taõ alto, a taõ luzida esféra, (blima  
 O' que fizera, se fizera estima  
 Antes que se a fizera, naõ fizera!  
 Mas por naõ ser sobejo  
 Em dous nomes recolho  
 Quanto em mil epitetos desperdiço,  
 Repetir pois escolho  
 O que antes proferia,  
 Que sois caricia, se naõ sois feitiço,  
 E de huma, e de outra Alteza  
 Do Principe mayor, mayor Princeza,  
 De Pedro, e de Maria,  
 Do Mavorte, do Jove, mas naõ falle  
 De Thalia, e de Clio  
 O doce accento, o retumbante brio,  
 Pois he benigno mais, pois he mais forte,  
 Que Jove Pedro, Pedro que Mavorte.

Da

Da flor, da luz, mas outra vez se calle  
 De Clio, e de Thalia  
 O valente clarim, lyra mimosa,  
 Pois a Cesarea, antes celeste Esposa,  
 Posto que he flor de Lis, antes de Lyfia,  
 Posto que luz he Lusa, antes Elyfia,  
 Naõ he só flor, he toda a primavera,  
 Naõ he sómente luz, he toda a esféra.  
 Oh mil vezes crystal affortunado,  
 Alpe luzido, luminar nevado!

Vós da Alteza gloriosa

Pedro Segundo, e sem segundo Pedro,  
 A quẽ he breve o mûdo, a fama he breve,  
 Bẽ que hũ dobrado, e q̃ outra mentirota,  
 Mentirota? pois naõ: mas como? eu minto,  
 Só porque digo menos que a verdade,  
 A cuja heroicidade  
 Tributa Clio os meus, bem q̃ lhos deve,  
 Versos de Tasso em paginas de cedro,  
 A cujos simulacros he succinto,  
 Quanto Faro lavrou, fundio Corinθο,  
 Vós deste pois mais do q̃ Augusto augus-  
 Com rara estimaçaõ, com favor justo, (to  
 Com ventura em crystal nũca mais vista,  
 O agrado mereceis, lograis a vista.  
 Oh mil vezes crystal affortunado,

Alpe



Alpe luzido, luminar nevado!

Vós da mais chara Esposa,  
 Mais linda Ignez do mais amante Pedro,  
 Que a neve, e rosa, melhor rosa, e neve,  
 De envergonhada já, já de medrosa  
 Deixa o sangue gelado, o gelo tinto,  
 Cuja graça excedendo a Magestade  
 Emula a divindade,  
 A cujos soes azues Urania escreve  
 Versos dignos do Ceo, não só do cedro,  
 Para quem sinto breve, e largo sinto  
 De Juno o sceptro, e de Acidalia o cinto:  
 Vós da copia Real, do par Augusto  
 Com rara estimaçãõ, com favor justo,  
 Com ventura em crystal nunca mais vista  
 O agrado mereceis, lograis a vista.  
 Oh mil vezes crystal affortunado,  
 Alpe luzido, luminar nevado! (gio,

Vós de D. Pedro o Principe, o prodi-  
 Que no Americo Mũdo, no Ceo Punico,  
 No Gangetico polo, e orbe Hesperio  
 Não estampando o pé n'outro vestigio  
 Soube formar sem ter coroa Imperio,  
 E com segundo ser soube ser unico.

Vós deste, cuja vasta Monarchia  
 Tanto mar prende, tanto Mũdo encerra,  
 Que

Que a não vê, q̃ a não acha o Ceo, e a ter-  
 Ou só n'hũ Universo, ou n'hũ só dia (ra,  
 Monarchia taõ vasta,  
 Que como publicando lhe não basta  
 Vencer ao Mundo, a fama desafia,  
 Pois se nas partes quatro a Pedro accla-  
 A Monarchia chega aonde a fama, (ma,  
 Porém não chega lá, bem que porfia,  
 Que a fama com seu nome sem segundo,  
 Se sobe ao Ceo, depois q̃ occupa o Mũdo.

Vós deste, cujo grato, e grave aspecto  
 Mostra segura graça, e rigor brando,  
 Adonde o mesmo mando se está rindo,  
 Adonde o mesmo riso está mandando,  
 E respeito no mar introduzindo,  
 Como amor no respeito aconselhando,  
 Gera no coraçãõ, cria no peito  
 Entre imperfeito medo amor perfeito,  
 Sim amor, mas grave, medo sim, mas leve,  
 Porq̃ o medo he de fogo, o amor de neve.

Vós deste, em cuja dextra agigantada  
 O montante não chega a ser espada,  
 Mas a espada menor em qualquer risco  
 Passa de ser espada a ser corisco,  
 Por sinal, que fazendo a mór ruina  
 Mais de huma vez se ostenta colubrina,  
 Porque



74  
 Porque causando o mais mortal desmayo  
 Do ferro o fogo sahe, do fogo o rayo.

Vós deste, que sem ferro, que sem ira,  
 Se contendera, he certo, que opprimira,  
 Mas opprimira tem que contendera  
 Ao vasto Herilo, a Geriaõ disforme,  
 Disforme em corpo como vasto em alma,  
 Pois triforme alma tem, corpo triforme,  
 E cada qual não só perdera a palma,  
 Mas ainda perdera

✓ Morrêdo aquelle, estoutro, e sem ferillo  
 Geriaõ tres corpos, almas tres Herilo.

E se nas valentias se provára,  
 Não digo cõtra os Scevas, cõtra os Cides,  
 Mas contra o mesmo Atlante hõbro por  
 Sem duvida ficara (hombro

Do Polo Atlante, antes de Atlante Alci-  
 E de Alcides affombro, {des,  
 Porque mais facilmente levantára

De Alcides mil hum Pedro só trofeos,  
 Do que hum Alcides só de mil Pigmeos.  
 Se os sacrilegos montes que arrogantes,  
 Fazendo invasoens mais do q̄ horizontes  
 Hum tempo foraõ montes dos Gigantes,  
 E Gigantes agora saõ dos montes,  
 Se Olympo, Pelio, e Ossa

Que

Que parece emprendiaõ mover guerra,  
 Como ao Polo contrario, á propria terra,  
 Pois já por inconstantes, já por altos  
 Levaraõ nesta, aquella, estoutra serra  
 Precipicios á terra, ao Polo assaltos,  
 Sentiraõ sobre as fronte  
 Por sua confusãõ, por gloria nossa  
 Da desmedida lança a entena grossa,  
 Abyssmados sómente do ameaço  
 Do façanhoso fulminante braço,  
 Os vira o Mundo entre ruinosos males,  
 Bem que nasceraõ montes, morrer valles.

Vós deste, com quem tanto se recrea  
 A candida, incorrupta, igual Astréa,  
 Festejando o governo,  
 Que posto que foy guerra vitoriosa,  
 Sobre guerra ser justa,  
 Entronizando a paz, abate a guerra,  
 Recrea-se pois tanto,  
 Que esquecida do pranto  
 Se já subio queixosa  
 Da terra ao Ceo, por ver a terra inferno,  
 Hoje desce gostosa  
 Por ver a terra Ceo do Ceo á terra,  
 E da maõ, a que Marte a lança fia,  
 Fia a balança, que na maõ famosa

O pre-



O premio ao bem, a pena ao mal iguala,  
 Da sorte que se ajusta  
 O luto com a gala,  
 Da noite horrivel, do agradavel dia,  
 Naquelle tempo quando  
 O Signo justo (paralelo digno  
 He só de Pedro o Justo o justo Signo)  
 Ouro em fio pezando

Ao deos do louro esquivo amante louro,  
 Poem no fiel da Libra o brinco de ouro.

Vós deste Sol, q̄ posto sobre Ethonte  
 Bem poderem parelha cavalleiro  
 Deixar atraz ao vento mais ligeiro,  
 Leyar diante o mais pezado monte,  
 E levado diante, atraz deixado,  
 Hum veloz Noto, hum Apenino inteiro,  
 Póde fazendo em tempo muito breve,  
 Ou leve o que he pezado,  
 E pezado o que he leve,  
 Com leve acção, com impeto violento  
 Mudar ao vento em monte, ao monte em  
 E gigante em grandeza, (vento,  
 E Centauro em destreza,  
 Poderá no quadrupede arrogante,  
 Naõ qual Principe já sobre cavallo,  
 Mas como torreaõ sobre elefante,

Das

Dar temor tâto ao Múdo, ao Polo aballo,  
 Que pareça romper alto, e profundo  
 Trovaõ ao Polo, e terremoto ao Mundo.

Vós do charo Senhor, do Heroe claro,  
 A quem, se houverem de fazer escolha,  
 Elegeraõ campanhas, e Camenas  
 Mais que a Cesares mil, q̄ a mil Mecenas,  
 Por seu raro saber, e esforço raro,  
 Digno de ter nas Romas, nas Athenas  
 Mais estatuas, que marmores tem Paro,  
 E mais famas, que tem a fama pennas;  
 Pois tẽ mais prẽdas, cõ q̄ mais naõ quero  
 Chamar prendas aos pasmos, que venero;  
 Pois tẽ mais pasmos, com q̄ excede ás fa-  
 Que tem rayos o Sol, o louro ramas, (mas,  
 Felhas as ramas, atomos as folhas,  
 Cujos esforço, e saber fia, e promette,  
 Ou já sentenças peze, ou armas prove,  
 Vencer á Grecia os sete, á fama os nove,  
 Vécer ao Pindo as nove, ao Múdo as sete,  
 Deixando abfortos huns, outras confusas  
 Maravilhas, varoens, sabios, e Musas.

Vós deste, que merece mais louvores,  
 Que tem flores o Abril, orvalho as flores,  
 Vós deste pois mais do q̄ Augusto agosto  
 Com rara estimação, com favor justo,

III. Part.

B

Com



Com ventura em crystal nunca mais vista  
 O agrado mereceis, lograis a vista;  
 Oh mil vezes crystal affortunado,  
 Alpe luzido, luminar nevado.

Vós do Senhor, que amado, q̄ temido  
 Vencido tem ao grande Rey de Pella,  
 Antes vencido ao Rey mayor do Múdo,  
 E mais o Rey vencido

Nem de valente appella a venturoso,  
 Nem de triunfante a liberal appella;  
 Porque fica glorioso,

Por segundo ficar, e por segundo  
 Já muy mais esforçado, mais ditoso,  
 Já muy mais vencedor, mais grandioso,  
 Pois como he mais ser Sol, q̄ ser luzeiro,  
 Que hũ mar de luz de luz hũ rio absorbe,  
 Mais he segundo ser, que ser primeiro,  
 Segundo a Pedro, que primeiro ao Orbe.

Na liberalidade

Excede merces dando  
 A Lusa Alteza á Grega Magestade,  
 Que Alexandre as semea, e Pedro as cho-  
 Cada qual indicando (ve,  
 Aquelle em semear, em chover este,  
 Hum terrena virtude, outro celeste,  
 Hum de Philippe ser, outro de Jove,  
 Aquelle

Aquelle com maõ rica  
 Reparte o seu thesouro,  
 Mas tem sede de fangue, e fome de ouro;  
 Este com maõ, que na grandeza excede,  
 Quãto aquelle reparte, multiplica: (sede,  
 Mas não tem de ouro, ou fangue fome, ou  
 Aquelle (excessos mil, que admiro, callo,  
 E callo, porque admiro)  
 A nenhum seu vassallo,  
 Que vassallo não foy Homero, ou Cyro,  
 Tem concedida graça  
 Depois q̄ a morte chega, e a vida passa:  
 Este aos seus Portuguezes,  
 A quem nada limita, tudo entrega,  
 Não huma só, mas infinitas vezes  
 Graça tem concedida.  
 Depois que passa, e chega,  
 Depois q̄ chega a morte, e passa a vida:  
 Porque aléta depois, que Atropos mata,  
 Com a dextra que franca, como forte  
 Se estreita ao ferro, ao ouro se dilata,  
 Passando além da vida, além da morte;  
 Faro o provê, pois n'hũ, pois n'outro offi-  
 A' vida morre, e vive ao beneficio; (cio  
 Marialva o confirme, Marialva,  
 Que condenãdo a Hiberia, a Lyfia salva,  
 B 2 Aquell,



Aquelle, que de Marte no theatro  
 Rey quatro vezes do valor possui,  
 Por quatro vezes Rey coroas quatro,  
 Que Lisboa lhe enrama  
 De ouro, de louro, de carvalho, e grama:  
 Bem como já fez Roma  
 Para quem dedicando a vida á fama  
 Restitue, desterra, vence, toma;  
 E o Marquez mais ufano,  
 Novo Barach, segundo Muciano  
 Da alta Rainha, e do Monarcha invicto,  
 Debora Castellhana, e Luso Tito,  
 Adquirindo n'hum circulo hũ thesouro  
 De grama, de carvalho, louro, e ouro,  
 Com valentia, que portento argue,  
 Toma, vence, delcerca, e restitue  
 Para o Tito melhor, e melhor Debora  
 Valença, Montes-Claros, Elvas, Eborá,  
 Marial porém va, que não me engana  
 O titulo de Infantes Portuguezes,  
 Pois bem que Alteza logre soberana  
 Inferior lhe fica muitas vezes,  
 O seu nome ao seu titulo corda,  
 Que o nome excelso voa mais q' as nobres  
 De altos avôs imagens gloriosas,  
 Tanto mais claras, quanto mais fumosas,  
 Pois

Pois as faz ricas, quando as deixa pobres,  
 E pobre deixa, e deixa enriquecido  
 O Marquez admirado  
 O herdado esplendor co' adquirido, (do:  
 Pois o adquirido he mais, menos o herda-  
 Assim Fenix celesste o Sol brilhante  
 Accende veterano, apaga Infante  
 Tochas de ouro nas aras de çafira,  
 E tanta luz lhes dá, quanta lhes tira,  
 Em seu nome lhe dou, quanto lhe devo,  
 E pois taõ sublimadamente voa,  
 Que de fino o valor, se o nome escrevo,  
 Escrevo *D. Antonio de Menezes*, (zes,  
 Que foy elmos rompendo, abrindo arne-  
 Nome mais do valor, que da pessoa,  
*D. Antonio* confirme esta verdade,  
 Que vivo á duplicada eternidade (ria,  
 Do Empyreo aquella, estoutra da memo-  
 Huma logra na fama, outra na gloria.  
*D. Antonio* confirme pois *D. Pedro*,  
 Para quem por lhe dar colosso estranho,  
 Nem de marmores ferras de estranho,  
 Nem minas de diamante de sempedro,  
 Mas pyramides mil n'hum só junto,  
 Mil vivos corações n'hum só defunto,  
 Que altamente voando



De amor nas chamas ás de luz çafiras,  
 Muito mais que pyramides são pyras.  
 Pois D. Pedro encerrando  
 Seu grande coração n'hum grande cofre,  
 Porém só grande ao preço, a vista breve,  
 N'hum cofre, digo, a quem o Tejo alaga  
 Com tributo feliz do metal louro, (ro,  
 Mas no artificio encerra o mór thesouro,  
 Porque tanto a materia á fôrma deve,  
 Que com todo o seu ouro lhe não paga.  
 N'hum cofre, digo, donde,  
 Donde quizera a luz do Sol ser ouro,  
 Donde do Ceo quizera a pedraria  
 Ser aljofre do mar, e mar do aljofre,  
 Mas ainda seria,  
 Bem que tal pedraria ouro tal gaste,  
 A tão fino rubim grosseiro engaste.  
 O verso ou mente, ou erra,  
 Que no artificio o mór thesouro encerra,  
 Pois menos tem por fóra, mais por dêtro,  
 Ouro na superficie, amor no centro.  
 Neste pois breve offir D. Pedro escôde,  
 Mas em outro mais caro deposita  
 O coração magnanimo, (sta  
 Que á Patria quando estava triste, e affir-  
 Deo valor, prestou brio, infundio animo:

No tumulto Real, digo, que cerra  
 A muito Sol em limitada terra,  
 No Mausoleo augusto donde mora  
 Terror não só do Ibero, mas do Partho  
 O Rey quarto Planeta, ou Joaõ quarto.  
 Joaõ! Joaõ! que pena! mas que gloria!  
 Joaõ, cuja saudade em nosso pranto,  
 Mas ay, q se transforma em choro o câto!  
 Se Pedro não vivera, immortal fora,  
 Fora immortal, bem que mortal se vira,  
 Em quẽ ama, em quẽ chora, em quẽ suspi-  
 E todo entre amorosa, lenta chama (ra;  
 Todo o Reyno suspira, chora, e ama.

Joaõ, cuja memoria  
 Affombro será sempre do Universo  
 Digna de todo o verso, e toda a historia,  
 Mayor q toda a historia, e todo o verso.

Neste feliz deposito se guarda  
 Do grande todo a parte mais galharda,  
 Nesta cama Real dorme, ou respira  
 O coração amante,  
 Que do quarto Planeta flor gigante  
 Segue ao Sol quãdo vive, e quãdo espira:  
 O coração seguro  
 Não sey se duro mais, se mais affavel,  
 Mas affavel na paz, na guerra duro



Do Marquez taõ temido, quanto amavel,  
Do Marquez o prodigio em fórma huma-  
Em fórma humana o Marte. (na,

Mas naõ posso dizer a menor parte  
Do valor, que me anima, e defengana,  
Pois tal valor naõ cabe no conceito,  
Tal conceito na voz, tal voz no peito.  
Naõ pode mais fazerlhe panegyrico  
Engenho ou Academico, ou Estoico,  
Heroico clarim, nem plectro liryco,  
Lyrico Horacio, nem Homero heroico,  
Que Homero fora em taõ bisarro empre-  
Naõ Poeta mayor, fim mayor cego. (go

O grande Bispo só da graõ Cidade,  
Que recebe o seu nome do seu Porto,  
Da graõ Cidade, que do rio bebe,  
Que do seu ouro o nome seu recebe,  
O grande Bispo Ennodio desta idade  
As sublimes acções da immortal morte  
Ao tẽpo esconda, explique á eternidade,  
Pois na prosa sublime,  
Que posto que do numero invejada,  
Naõ sey se mais a inveje, ou mais a estime  
Foy igual sua penna á sua espada,  
Porque qual aguia sem sentir desmayo,  
Nem cega ao Sol, né se estremece ao rayo  
De

De Menezes Lacerda,  
Sem receyo de perda,  
Sem sombra de arrogancia  
A grande, a excelsa, a rara historia tome,  
Porque Lacerda he nome de elegancia,  
Como Menezes de valor he nome.

Aqui pois como Rey, como triunfante  
Seu coração ainda respirante  
Sobre as quatro Coroas cinge a quinta,  
Que parte dentro do marmoreo leito  
O Rey mayor com o mayor fogeito:  
Pois por mercê, que pede ouro por tinta,  
Çafira por papel, por livro a esfêra,  
Por mercê nunca vista  
De quẽ com hũ mil coraçõens conquista,  
E mais nelles, que em orbes dous impera,  
Como a Rey o sepulchro lhe dá folio,  
Como a triunfante a campa Capitolio.

Bem digo pois, q̃ excede na grandeza  
A' Grega Magestade a Lusã Alteza,  
Pois as graças daquelle graõ Monarcha  
As encerra o sepulchro, as tronca a Parca,  
Mas as merces deste Monarcha filhas  
Perpetuas faõ, nascendo maravilhas.

Excede na vitoria,  
Pois a mayor, com q̃ Alexandre illustra  
De



De Marte ao câpo, ao tēplo da memoria,  
 Já tanto se deslustra  
 Pelo trofeo primeiro, antes primario  
 Entre os claros trofeos do Lusitano,  
 Que disse? Antes trofeos do Castelhana,  
 Porq̃ posto que a maõ dos Portuguezes,  
 Fazendo estrella fixa a Marte vario,  
 Vença ao contrario seu todas as vezes,  
 Mais honra do q̃ vence ao seu contrario,  
 Deslustra-se pois tanto a mayor gloria,  
 Que já teve o Pelleo  
 Pelo primeiro singular trofeo,  
 Que nesta idade toda de ouro alcança,  
 Do Mũdo o palmo, o tymbre de Bragãça,  
 Que a vitoria mayor daquelle Herõde,  
 Por mais que á esfêra sobre a fama voe,  
 He palma taõ pequena, que por curta  
 Nê chega a louro, nem se estêde a murta.  
 Neste mais de huma vez trofeo primeiro  
 Do primeiro triunfante, que guerreiro  
 Segundo Pedro naõ, mas sem segundo,  
 Vêce o Senhor de Lyfia ao Rey do Mũdo.  
 Porq̃ das glorias, que ambos tẽ ganhado  
 Sereno aquelle, estoutro furibundo,  
 Se Pedro inerte, se Alexandre armado,  
 Este fundindo, aquelle ornando a terra,

Pois

Pois hum concede paz, outro faz guerra.  
 E quem faz guerra bem que alcança o  
 Naõ fica sem desdouro, (louro  
 Porque o proprio Tonante,  
 Antes foy desprezado que triunfante;  
 Mas quem a paz concede,  
 Bem que a fronte de louro naõ guarneça,  
 Com desdouro naõ fica,  
 Porque em fim quem lha pede  
 Por menor se confessa,  
 Por mayor o publica:  
 Bem como na vitoria, na ventura  
 Excede o Lusitano ao Macedonio,  
 Mais que Cesar a Antonio,  
 Pois se aquelle Monarca  
 Sobre lograr hum Mũdo outro procura,  
 Antes chora por outro,  
 Muy mais felice do que aquelle estoutro,  
 Naõ chora por algum, ambos abarca,  
 E menos forte argue  
 Quem por hũ chora, q̃ quem dous possue.  
 Na valentia excede,  
 Pois quãdo remontado a mais q̃ humano  
 Suas proezas Alexandre mede  
 Pelas façanhas de hũ, d'outro Thebano,  
 Querendo igual nas forças, nas fortunas

Passar



Passar os mōtes de hũ, d'outro as colunas,  
 Quando adorar se manda com ley impia  
 Por taõ filho de Amõ, como de Olympia,  
 Ou quando com valor mais que profũdo  
 Quer dar facilitãdo a mór empreza, (do;  
 E mais mũdo, e mais Ceo, ao Ceo, ao mũ-  
 Porque naõ basta ao Rey por Monarchia  
 O que bastou por orbe á natureza,  
 Mas passa além da noite, além do dia  
 (Hyperbole naõ he, mas só verdade)  
 Naõ chega a ser no Luso valentia  
 O que no Grego foy temeridade.  
 Pois o Senhor do Tejo  
 Contém na posse, o que elle no desejo,  
 E na China esferica  
 Mais de grande merece a antonomasia,  
 Com America Pedro, e naõ sem Asia,  
 Que Alexandre cõ Asia, e sem America,  
 Quando Alexandre foy, se Pedro fora,  
 Ou se Alexandre agora,  
 Quando Pedro domina, dominára,  
 Nem agora, nem antes florecera;  
 Porque se anticipara  
 Novo Sol sua Aurora,  
 Se aquelle seu Oriente pospuzera  
 Sempre sentira occaso no Oriente.

Por.

Porq̃ em fim ou de inveja antes morrera,  
 Ou agora de medo se matara;  
 Pois vira ao justo Principe excellēte, (te  
 Qual triũfãdo em valor triũfãdo em for-  
 Do Imperio Assirio, Grego, Persa, e Lacio  
 Fazer ao Mũdo Reyno, ao Reyno Corte,  
 Palacio a Corte, e Camara ao Palacio,  
 Sendo, posto que encerre tal grandeza,  
 Seu Imperio menor que sua Alteza,  
 Que muito pois, q̃ o Sol resplandecente,  
 Que lhe seria medo sobre inveja,  
 Mais dadivoso, ou mais triunfante seja,  
 Seja mais venturoso, ou mais valente.

Vós pois deste valente, e venturoso,  
 Vós pois deste triunfãte, e dadivoso, (to,  
 Vós deste pois mais do q̃ Augusto auguf-  
 Com rara estimaçaõ, com favor justo,  
 Com ventura em crystal nunca mais vista  
 O agrado mereceis, lograis a vista.  
 O' mil vezes crystal affortunado,  
 Alpe luzido, luminar nevado.

Vós do Senhor, que ufano  
 As aguias faz latinas  
 Ceder ás Lusas Quinas, (dro,  
 Vencendo bem qual Dauno vêce a Evan-  
 Dous Cesares, q̃ he mais q̃ hũ Alexandro,  
 Pois



Pois se Augusto, se Julio  
 Dous mezes tem cada anno  
 De immortal fama não fortal peculio,  
 Contando Julio Julho, Augusto Agosto,  
 Porque sendo seu nome em seu mez posto  
 Eternidade tome  
 De seu nome o seu nome,  
 O Sol dos Portuguezes,  
 Não digo dos vassallos, dos Reys digo,  
 Mayor eternidade tem comsigo,  
 Pois sendo a Cesar nobre nobre afronta,  
 Vence com glorias suas glorias suas,  
 E cada anno dous mezes só não conta,  
 Mas idades logrando em vez de mezes,  
 Reparte cada dia idades duas,  
 Que sempre gozaraõ perennidade,  
 Duas digo reparte,  
 Que não com vario turno  
 De Marte com Saturno,  
 De cipreste com louro, (te,  
 Ouro em parte vestindo, e ferro em par-  
 De ferro a Iberia saõ, e a Lyfia d'ouro,  
 Porém com mais feliz, mais clara estrella  
 Fazendo estavel termo o turno vario  
 Daquelle Imperio, e deste  
 Confederado já se antes contrario,  
 Duas

Duas reparte fim, mas de hum só tempo,  
 De Saturno sem Marte,  
 De louro sem cipreste,  
 Sem guerreiro metal de metal louro,  
 Em que o tempo se passa em passatempo,  
 Pois com doce commercio, com paz bella  
 Saõ de ouro a Portugal, de ouro a Castel-  
 E bem se vê que excede á eternidade (la;  
 De hum mez, e d'outro, d'hũa, e doutra  
 idade.

Vós deste, q̄ vécêdo ao timbre Ausonio  
 Faz de hũ Cesar Põpeo, e d'outro Antonio  
 Vós deste pois mais doq̄ Augusto agosto  
 Com rara estimaçaõ, com favor justo,  
 Com ventura em crystal nunca mais vista  
 O agrado mereceis, lograis a vista.  
 O' mil vezes crystal affortunado,  
 Alpe luzido, luminar nevado.

Vós deste, para quem nossa ventura,  
 Acompanhada da justiça nossa  
 A Philippe do folio desapossa,  
 Quando Joaõ no throno se assegura,  
 Entrãdo com paz tanta o justo herdeiro,  
 Como se o Quarto Joaõ fora o Terceiro,  
 Mostrando o grande Rey ao charo povo,  
 Magestade de antigo, amor de novo,



Vós deste, para quem nosso Mavorte,  
 Nosso por vencedor, nosso por forte,  
 Depois que faz patente  
 O formidavel templo ao Deos bifronte,  
 Por seis vezes entrega,  
 Não sey se mais feliz, se mais valente,  
 Bê como o rayo á dextra, o louro á frôte,  
 Pois colhe o louro, quando o campo rega  
 Com suor, e com sangue  
 Do forte Portuguez, do Ibero exangue,  
 Pois vibra o rayo, quando brande a lança,  
 Que treme sem valerlhe a segurança  
 De seu braço seu braço,  
 E faz aos Castelhanos nas fronteiras  
 Tremer os corações mais q̃ as bandeiras,  
 Bem que sejaõ de ferro, e vistaõ de aço,  
 Pois vence ( com desdouros não afflijo  
 Mas antes lisongeo com louvores,  
 Aos Principes, aos grandes, aos Senhores  
 Castelhanos rendidos,  
 Porque mais he de Lyfia ser vencidos  
 Do que ser do Univerfo vencedores )  
 Vence, digo, duas vezes em Montijo  
 Primeiro a praça, e a campanha logo,  
 Pondo a campanha a ferro, a praça a fo  
 Com tudo na campanha

(go)  
 Por

Por digna ser de ser vencida Hespanha  
 A Lusitania rompe,  
 Foge a Cavallaria,  
 Perde-se a artelharia;  
 Porém quando seu numero mais ganha,  
 Nosso valor o ganho lhe interrompe,  
 Pois restaurando quanto foy perdendo,  
 Tudo vencendo fica  
 O valor com a espada:  
 Mas ah, que o verso menos significa,  
 Que se deve ao valor sempre estupendo!  
 Torno pois a dizer, fica vencendo  
 O valor com a mão, e a mão sem nada,  
 Pois faz o Portuguez do louro dino  
 Com valor mais que humano  
 Do Leão Castelhana  
 O mesmo, que Sansão do Palestino,  
 Obrando os dous tão singular proeza,  
 Tão singular por ser aos dous commua,  
 Sem ter a mão robusta em tanta empreza  
 Mais que a si de si mesma acompanhada,  
 Só de pulsos armada, de armas nua,  
 Mas para armada ser basta ser sua,  
 Ou tua ser para não ser armada.

Declarado huma vez da nossa parte  
 Se fez termo tão firme Marte vario,

III, Part.

C

Que



Que sempre foy contrario do contrario,  
 Sem força lhe valer, ou valer arte.  
 Se triunfou valeroso, se prudente  
 Nesta, naquella, n'huma, outra fronteira,  
 Do Tejo, Minho, Tralos-montes, Beira  
 Com desigual partido,  
 Com numero excedido,  
 Sem favor da fortuna,  
 Sem reparo da gente  
 Inimiga algum tempo, agora amiga;  
 O diga Olluna, Lagañes o diga,  
 Que o sente Lagañes, que o sabe Olluna,  
 Pantoja o sabe, e Torrecussa o sente,  
 O grande Cavalleiro alto Correa,  
 Imagem do valor, do esforço idéa,  
 Haro, Borja, Gonzaga, Tarragona,  
 Medos de Marte, amores de Bellona,  
 Avilas, Tutavilas, Caracenas,  
 Podericos, Gasconhas,  
 Já decoros de Marte, hoje vergonhas,  
 Já de Marte penachos, e hoje penas;  
 Em fim diga-o sem par Austria glorioso,  
 Não sey se mais valente, ou mais piedoso,  
 Sómente sey que he digno  
 Das cultas mais, antes mais cultas veas  
 Do Grego, e do Latino,

Valente Achilles, e piedoso Eneas;  
 Austria, que foy em guerra menos dura  
 Do Sol filho, morgado da ventura,  
 Mas em campo mais forte  
 Filho do Sol, Phaetonte foy da sorte,  
 Mas entre os desgraçados se não conte,  
 Pois vencido do Luso portentoso,  
 Inda sendo vencido, he venturoso,  
 Inda he filho do Sol, sendo Phaetonte.  
 Mas não reconto mais, porq̃ vem juntos  
 Com tantos mil viventes dous defuntos  
 Alva immortal, e Carlos nunca extinto,  
 O quinto Carlos, ou Planeta quinto,  
 Antes sexto Planeta, pois qual Jove  
 Chove lanças não só, mas rayos chove:  
 Alva, a quem para gloria duplicada  
 Toledo nome deo para desmayo,  
 Torvaõ por nome, por espada rayo,  
 Este par morto á vida, e vivo á fama,  
 Cujõ nome retumba  
 No berço de ouro, e de çafir na cama,  
 Por entrar na batalha sabe da tumba.  
 Arma Carlos attenda vitoriosa,  
 Alva joga a triunfante artelharia,  
 Mas não foy seu, antes foy nosso o dia:  
 Pois ambos perdem na fatal campanha,



(Se acaso perde, quem perdendo ganha!)  
 Ri-se contente o Duque entre sentido,  
 Se chora entre gostoso desgostado,  
 Chora com pena de não ser vencido,  
 Ri com gosto de ver-se despojado:  
 De ver-se despojado ri com gosto  
 Carlos serena a fronte, alegre o rosto,  
 A arrelharia agora,  
 Porque chorando ri, rindo-se chora.  
 Alva em chorar, e em rir duas vezes alva  
 Já não faz bateria, mas dá salva:  
 A tenda a nosso pé já se somette,  
 Mas como tenda não, como tapete,  
 Por final que mais sóbe, inda que deça  
 O pavelhaõ do Principe admirando  
 Do Luso o pé beijando,  
 Que cobrindo do Cesar a cabeça.  
 Estas vitorias, antes maravilhas,  
 A quem dê nome eterno em grave canto  
 O mais illustre irmaõ com irmãs nove,  
 O pay illustre mais com nove filhas,  
 Mas receyo não bastem para tanto  
 Irmaõ, nem pay, bê que são Febo, e Jove;  
 Estas pois maravilhas, ou vitorias  
 Com outras mil, q̃ choro, pois não canto,  
 Taes façanhas, taes pasmos, tãtas glorias

Por

Por esforço ganhou, antes por uso,  
 Para o Luso Tonante o Marte Luso,  
 Fazendo tanto estrago em toda a guerra,  
 Que a terra amiga, que a contraria terra  
 Vio de ardentes coraes, de troncos frios  
 Subir mil montes, e descer mil rios;  
 Vio ás nuvens subir, descer aos portos  
 Sobre Nilos de sangue Alpes de mortos;  
 E ainda se vê depois de tantos annos (nos.  
 Entre os lucros da paz da guerra os dá-  
 Vêse nos campos seus, nos campos nossos  
 Nilos de sangue não, mas Alpes de ossos.  
 Ganhou-as com valor, ganhou com arte,  
 E para o nosso Jove o nosso Marte,  
 O justo Marte para Pedro justo;  
 Pois o Herõe robusto,  
 O Principe famoso,  
 Quando subio a Principe de Infante,  
 Ficou vitotioso  
 Do vencido não só, mas do triunfante.  
 Assim na Emathia terra, e mar Egypcio  
 Do ardente Marte, abrazador Solficio,  
 Vêcêdo o Ausonio braço ao braço Auso-  
 Houve muitas vitorias n'hũ trofeo, (nio  
 Pois de hũ Cesar os louros são de Anto-  
 De outro Cesar as palmas de Põpeo. (nio

Vós



Vós deste, pois q̄ accumulando glorias  
 Logra n'hum só trofeo tantas vitorias,  
 Vós deste, pois mais do q̄ Augusto augus-  
 Com rara estimação, com favor justo, (to  
 Com ventura em crystal nunca mais vista  
 O agrado mereceis, lograis a vista.  
 Oh mil vezes crystal affortunado,  
 Alpe luzido, luminar nevado!  
 Vós deste, q̄ ha de unir cõ dobre gloria  
 De Principe feliz, Principe forte  
 O rayo de Mavorte  
 Ao louro da vitoria,  
 Tédo por bẽ, por mal, do Luso, e Mouro  
 Na dextra o rayo, e na cabeça o louro.  
 Vós deste, que hey de ver, antes já vejo  
 Taõ senhor do Jordaõ, como do Tejo,  
 Porque já me parece que somete  
 Do feroz Othomano as Luas meas,  
 As Luas meas do feroz ginete,  
 E que nuas de luz, de sangue cheas,  
 Antes cheas de pó, de terra nuas  
 Deixa com meyas Luas meyas Luas,  
 Já me parece, já que poderoso  
 Com plumagẽs Marciaes, velas inchadas  
 Aos Ceos occulta embaraçando os ares,  
 E com mil esquadroẽs, com mil armadas  
 Inunda

Inunda as terras enterrando os mares.  
 Já me parece em fim, que venturoso  
 Impoem neste, naquelle, outro elemento  
 Freyo, ley, jugo á terra, ao mar, ao vento,  
 Mas de armas bẽ se escufa a menor copia  
 Pois ficar póde armada de si propria  
 Do Luso Jove a dextra fulminante,  
 Do Othomano triunfante,  
 Bem que seja Othomano,  
 Othomano naõ só, mas Centimano.  
 Vós deste, por quem Roma unir deseja  
 A Lua de Turquia ao Sol da Igreja; (to  
 Vós deste, pois mais do q̄ Augusto augus-  
 Com rara estimação, com favor justo,  
 Com ventura em crystal nunca mais vista  
 O agrado mereceis, lograis a vista.  
 Oh mil vezes crystal affortunado,  
 Alpe luzido, luminar nevado!  
 Vós da mayor Princeza  
 Traslado, antes archivo da belleza, (do  
 Qual outra ao Mũdo antigo, ao novo Mũ-  
 Grãde a terra, alto o Ceo, e o mar profun-  
 Nũca ostetou já mais em tudo, quãto (do  
 Digno de suspenção, digno de espanto  
 Da estrella do Mondego ao Sol do Gãge  
 Produz verde, azul cobre, e vario, abráge,  
 Nunca



46  
 Nunca já mais entre aguas, luzes, flores,  
 Nacar terço, Abril doce, noite bella,  
 Com tantos preços, galas, resplandores,  
 Fechou pedra, abriu rosa, expoz estrella,  
 Rayos, riquezas, cores  
 Perde esta, perde estoutra, perde aquella,  
 Pois na luz, joya, e flor da mais rainha,  
 O Ceo vê, cerca o mar, e a terra goza,  
 Sem nuvem, sem defeito, sem espinha,  
 Mór estrella, mór perla, e melhor rosa;  
 A' rosa, perla, estrella  
 Prostra, vence, atropella,  
 Como atropella, como vence, e prostra  
 Na esfêra, prado, e ostra  
 Por mais bella, mais clara, mais preciosa,  
 Sol á luz, luz á perla, perla á rosa.

Vós da deosa, q' vence, mas sem guerra  
 Astro em Ceo, perla em mar, e rosa em  
 Vós da copia Real, do par Augusto (terra  
 Com rara estimação, com favor justo,  
 Com ventura em crystal nunca mais vista  
 O agrado mereceis, lograis a vista;  
 Oh mil vezes crystal affortunado,  
 Alpe luzido, luminar nevado!

Mas logray melhor forte  
 Quando admittido a tacito conselho

Pela

Pela augusta conforte  
 Do Portuguez Tonante,  
 Naõ só luzis crystal, mas fois espelho, (te,  
 Pois quãdo espelho fois, naõ fois diamante,  
 Mas que digo diamante, naõ fois astro  
 Cynthia flamante, ou brilhador Apollo,  
 Mas huma luz, que admira  
 Por taõ diverso ser da luz do polo,  
 Do polo de çafira entre alabaastro,  
 Mas alabaastro azul, branca çafira,  
 Por ser, digo, taõ outra da commua  
 De estrella, de diamante, Sol, e Lua;  
 Que só parece sombra de Maria,  
 Pois feu resplendor puro  
 Ao dia mais que á noite faz escuro,  
 E faz a noite clara mais que o dia,  
 Vê-se em vós, (oh que gloria!)  
 Vê-se em vós a belleza da Rainha.  
 Mas ah, q' a frase errey, que lhe convinha,  
 Digo segunda vez com mais destreza,  
 Vê-se em vós a Rainha da belleza,  
 E sendo vista em vós tal formosura,  
 Que faz bem como facil felizmente  
 Ao mayor luminar (excepto o vossio,  
 A quem no fresco prado amor ardente  
 Deo na gigante flor tenro colosso)

De



De luminar mayor menor estrella;  
 Mas nem estrella o faz, sómente rayo,  
 Antes nem rayo, sombra o faz sómente,  
 E sombra muito escura (Mayo,  
 Quando mais arde em Julho, ou brilha em  
 Por final que o Sol sendo sombra della)  
 Com mais clara victoria  
 Melhor nuvens conquista,  
 Astros melhor assombra; (sombra.  
 Porq̃ entãõ he mais Sol, quando he mais  
 Sendo pois vista em vós, q̃ digo vista!  
 Sendo sómente em vós mal repetido  
 Qualquer eco elegante, bem que mudo  
 Das crystallinas mãos, dos claros olhos,  
 Com que o tyranno Rey, que impera em  
 Que domina em Cythera (Gnido,  
 Antes que manda entre aprafivel magoa  
 Ceo, Inferno, ar, e terra, fogo, e agoa,  
 Se podera, podera  
 Derreter bronzes, e abraçar escolhos,  
 No resplandor vos deixa taõ subido,  
 Que sendo já luzido mais que tudo,  
 Ficais ainda mais que vós luzido.  
 Vê-se (as mãos debuxando)  
 Vê-se brando crystal em crystal duro,  
 Mas espelho alternando

Tam-

Tãbem se puro hũ tempo, agora impuro  
 Se vê duro crystal em crystal brando,  
 Porque o brando crystal brilha taõ puro,  
 Que a quem o está pintãdo, está pintãdo,  
 Porém luzido sempre, nunca escuro,  
 E com termo encontrado  
 Huma vez de pedido, outra de dado,  
 Dando ao pedir, pedindo ao dar conselho  
 He crystal do crystal, do espelho espelho.  
 Parte a luz, que escurece,  
 Naõ a Memphis o Pharo, o Sol a Delo,  
 Do brando crystal bello  
 Ao duro crystal lindo,  
 Dous olhos retratando, e mil ferindo,  
 Antes favorecendo,  
 Porq̃ entãõ quando os fere os favorece,  
 Mas luz nos olhos, que esta luz inflamma  
 Sem fumo do desejo, de amor chama.  
 Parte a luz, á luz chega, a luz se torna  
 De hum, d'outro Sol, que hum Ceo, e  
 que outro illustra,  
 De hum, d'outro Ceo, q̃ hũ Sol, e q̃ outro  
 Porq̃ a luz na çafira amanhecẽdo (adorna,  
 De azul, de ouro vestindo,  
 De modo Ceo com Sol vay confundindo,  
 Vay cõfundindo Sol com Ceo de modo,  
 Que



Que o Sol azul, dourado o Ceo parece,  
 O Ceo q̄ todo he Sol, e o Sol Ceo todo,  
 Mas Ceo, q̄ ao Ceo, e Sol ao Sol deslustra.  
 Parte, e se chega pura, como parte,  
 Pura não torna, como parte pura,  
 Que ou não cabe no espelho, a q̄ reparte,  
 Ou paga lhe não faz por ter uluta:  
 Mas qual eco, q̄ á voz respõde em parte,  
 Em parte só responde  
 A luz do espelho á luz da formosura;  
 Porque o menos publica, o mais esconde,  
 Porém aquelle menos que publica,  
 Por ser sombra do Sol, q̄ a Apollo assõbra,  
 Por ser eco do Ceo, que abate ao polo,  
 He taõ rica porção de luz taõ rica,  
 Que para possuir mayor thesouro  
 De çafira melhor, de melhor ouro  
 Tomára o Ceo ser eco de tal sombra,  
 Tomára o Sol ser sombra de tal eco,  
 E por final que dera,  
 Que dera o polo, pelo que tomára,  
 Que, pelo que tomara, dera o polo  
 Com termo liberal, mas ainda seco  
 A respeito do ganho, que lhe fica,  
 Que dera, digo, hum noutrõ, aquelle neste  
 Todo o corpo solar, todo o celeste,

E o Ceo sem Sol, e o Sol sem Ceo ficara,  
 Mas não faltara Ceo, Sol não faltara,  
 Porque; mas o porque muy bem se enten-  
 Bem, que se não declara, (de,  
 Porque mais de huma vez a razaõ clara  
 Se vê á cera bella, ov branda rocha:  
 Callo pois o porque, porque se offende  
 O resplendor do Sol com luz da tocha,  
 Que o singular se offende do ordinario.

Oh se o fado quizera,  
 Se ao menos permittira,  
 Que o crystal vosso em seu crystal se vira,  
 Quando assim pelos ecos se melhora  
 Dos olhos bellos mais, das mãos mais bel-  
 Entaõ muito mais crespo do q̄ liso, (las,  
 Digo mais arrogante  
 Vosso crystal brilhante  
 Por causa delles, por respeito dellas  
 Não só fora pavaõ, narciso fora,  
 Narciso de crystaes, pavaõ de estrellas,  
 Antes com mayor pompa, e mais juizo  
 Fora de olhos pavaõ, de ecos narciso.

Mas posto que vos falta  
 Ver no vosso crystal sua belleza  
 A mais alta Princeza,  
 A Rainha mais alta,



Que posso encarecer, que fingir posso,  
 Sua belleza vê no crystal vosso,  
 E basta por coroa,  
 Por coroa sobeja  
 Das mais felicidades,  
 Que a mais que soberana  
 Franceza de Lisboa,  
 De Pariz Lusitana,  
 Bem que a não vedes vós, em vós se veja.

Mas calle a Musa indina,  
 Que não he Lusitana, nem Franceza  
 A que mais que tres vezes he divina,  
 He divina mais, digo, que tres vezes,  
 Pois he Maria, Venus, Pallas, Juno  
 Dos Reynos Portuguezes, (gasta  
 Com que o mar, com que o Ceo, e a terra  
 Mais de hum orbe, de hum Febo, e de hũ  
 He Juno, mas piedosa, (Neptuno:  
 He Pallas, mas formosa,  
 Venus he, porém casta,  
 He Venus, a quem fez a natureza  
 Não deidade de rosa,  
 Mas rosa das deidades,  
 Não belleza do mar, mar da belleza,  
 Em fim, que neste mar, neste theatro  
 Ha n'hum deusa só deidades quatro.

Porém

Porém com mais, com menos claridades,  
 Com menos, com mais preços  
 Ha nas tres igualdades  
 N'hum fõmente excessos;  
 Pois se a deusa que dá tres vezes bella  
 Perla ao mar, rosa ao prado, ao polo  
 estrella,  
 Que em Papho throno, em Chypre tem  
 palacio,  
 A que abraza ao deos Lemnio, e fere ao  
 Thracio,  
 Fazendolhes sentir em Ceo, e em terra  
 Fogo do fogo ao Deos, guerra ao da guer-  
 Se Venus digo em Ida, (ra.  
 Quando depoz as galas  
 Vencendo a Juno, e a Pallas,  
 Por vencedora ser foy preferida,  
 Em Lusitania agora  
 Anteposta não he por ser vencida  
 Maria a quarta deusa, antes primeira  
 A faz de vencedora companheira,  
 De huma, e de outra deidade já rendida,  
 Mostrando a que de todas he Senhora,  
 Ser não só das rendidas já deidade,  
 Mas da já vencedora vencedora;  
 Pois cõ gloria das tres das tres se queixa  
 Maria



Maria a Venus deixa,  
 Como Venus as duas  
 De graças mais que de vestidos nuas.  
 Ha pois as quatro n'humã divindade,  
 Mas cõ luz singular, com luz commua  
 Mais valor, menos preço,  
 Huma a tres faz excessõ  
 Igualdade não fazem tres a huma.

Pois de Maria, Pallas, Juno, e Venus,  
 O ser Maria he mais, e o mais he menos,  
 Por coroa pois basta á vossa estrella,  
 Bem q̃ a não vedes vós, verse em vós ella.

Porém menos he verse,  
 Mais he q̃ verse em vós, em vós reverse,  
 Mais que reverse em vós, em vós amar-se,  
 Mais quando a vós vos louva, em vós lou-  
 var-se,

Que como a vossa luz he da luz sua,  
 Bem qual he luz do Sol a luz da Lua,  
 A si se tem affecto, se vos ama,  
 A si se dá louvor, se a vós a fama.

Se a mina de astros duros rica esfêra,  
 Se o matizado Abril, terrena Aurora,  
 No thesouro do Sol, campo de Flora  
 Amara ao lirio, a pedra encarecera,  
 Que mais cãdido brota, e sahe mais clara

Do

Do esteril monte, e fertil primavera,  
 A si se encarecera, a si se amara,  
 Que a mais pura, se bem pedra mais fina,  
 He diamante do Abril, lirio da mina.

Assim pois a Maria lhe acontece,  
 Quando vos ama flor, pedra encarece,  
 Pois sendo a branca flor, pedra lustrosa,  
 Primavera gentil, mina preciosa;  
 Sendo, digo a vós, ella (la,  
 Causa a muy lindo affecto muy mais bel-  
 Sol muy mais claro, Lua mais brilhante,  
 Sol, Abril, mina, Lua, flor, diamante.  
 A si, quando a vós ama, se requebra,  
 A si, quando vos louva, se celebra.

Em fortuna taõ alta  
 A lyra se suspende, a voz me falta;  
 Mas que muito, se tanto a sorte admirá,  
 Que a voz me fálte, ou se suspenda a lyra!  
 Ao mesmo sonoro enthusiasmo,  
 Pasmõ dos Linos, dos Orfeos pasmo,  
 Com que o novo Camoões ata, e desata;  
 Desata as plantas, as correntes ata,  
 Excede tanto assumpto, taõ brilhante,  
 Que fica mais que mudo  
 Quem he mais que elegante,  
 E mais em verso agudo,

III. Part.

D

E mais



E mais em grave canto,  
 O Fenix singular, e Camoens novo  
 Gloria da Fidalguia, amor do povo,  
 Lustre de Portugal, astro da Corte,  
 Astro Guarda fiel do Luso Norte,  
 D. Francisco de Sousa excede tanto  
 Ao calor mesmo do Apollineo monte,  
 A' mesma copia da Castalia fonte,  
 Que á vista do que excede,  
 Desmayandolhe o brio,  
 Morre a fonte de sede,  
 Morre o calor de frio.

Cesso pois, e devoto  
 O que em verso emprendi, remato em  
 voto;

Mas que desejo mais, se tanto vejo,  
 Que excede a vossa posse ao meu desejo.

Merecey pois o amor, logray o abono  
 Desse Par taõ amado, quanto fino,  
 Onde fez o destino

A formosura do valor consorte,  
 Consorte qual do talamo do throno,  
 E com nunca já mais ouvida sorte,  
 Com ventura em crystal nunca mais vista  
 Os votos aqui deixo, as velas tomo,  
 Desejo, que assim como

Do

Do mesmo Par taõ fino, quanto amado,  
 De quem já sois a prenda mais bem quil-  
 Lograis a vista, mereceis o agrado, (ta  
 O agrado mereçais, logreis a vista.  
 Oh mil vezes crystal affortunado,  
 Alpe luzido, luminar nevado!

## A SANTA ISABEL

RAINHA DE PORTUGAL.

CANÇÃO.

*Do mesmo Author.*

**D**Eixay, rosa gentil, mimo d'Aurora,  
 O throno de esmeraldas florecente,  
 Onde rendido adora  
 O campo ameno vossa luz fulgente,  
 E vinde diligente  
 A venerar no tumulto Isabela,  
 Ante cujos Altares  
 Fazey de vossas folhas singulares  
 Encarnado volume, donde o Mundo  
 Possa de deosa tanta em taes memorias  
 Ler applausos, ver premios, notar glorias!

D 2

Mu-



Musico roxinol, joya animada,  
 Que nesse ramo, donde a morte allista,  
 Formando a voz pezada  
 Es Orfeo aos ouvidos, flor á vista,  
 Voa a mayor conquista,  
 Sobe a mayor emprego, a mais vitorias,  
 Larga mais penas por gozar mais glorias  
 Que o sepulchro te espera,  
 De quem o Mundo adora, o Ceo venera,  
 A cuja pyra só he bem que ufana  
 Tua graça sem ver teu desvario  
 Solte a voz, forme o quebro, alête o brio.

De prateada turba rio undoso,  
 Elevação dos olhos, e sentido,  
 Que ostentais poderoso  
 Guarnição de ouro, de crystal vestido,  
 Pois haveis merecido

Ser solio soberano, ser esféra  
 Daquella luz, a quem o Sol venera,  
 O murmureo constante te,  
 Trocay em voz sonora, em plectro aman-  
 Procurando que a lingua d'agua vossa  
 O merito de Ifabela soberana  
 Cante alta, diga alegre, applauda ufana.

Alma da esféra, Apollo rutilante  
 Do dia gloria, se da noite guerra,

Rubim

Rubim, com quem brilhante  
 O Ceo se enfeita, se enriquece a terra;  
 Ao Mausoleo, que encerra  
 O Sol d' Ifabela Portuguez thesouro,  
 Baixay vestido o coche em luzes d'ouro,  
 Aonde com desmayo  
 Huma lingua fazey de cada rayo,  
 Que engolfada no pelago profundo  
 Das verdades da Santa sublimada  
 Corra agil, veloz sulque, voe ousada.

Monte Olympo, Gigante presumido,  
 Que desprezando o valle, que te gera,  
 Do principio esquecido  
 Morador queres ser da alhea esféra,  
 Deixa a soberba féra,  
 E pelas bocas tuas nesta empreza  
 De Isabel faze publica a grandeza,  
 Que he bem, que em tal vitoria  
 Sejaõ bocas de horror, bocas de gloria;  
 Porque em louvores de Ifabela Santa  
 Até o torpe symbolo da inveja  
 Luz ache, applausos ouça, premios veja!

E vós doce Ifabela, sabia amante,  
 Que felice gozais sacro horizonte,  
 Consenti que vos cante  
 A rosa, a ave, o rio, o Sol, e o monte;

Cada



Cada qual pasmos conte,  
 Que obrastes, e com voz hoje o affirme,  
 Suave, doce, clara, ardente, e firme,  
 Em quanto em throno augusto  
 Gozando gloria, não temendo susto  
 Pura, alegre, feliz, formosa, e Santa,  
 Princeza singular de luzes bellas,  
 Vestis luz, lograis Ceo, pizais estrellas.



## COIMBRA CHOROSA

Na morte do Serenissimo Principe  
 de Portugal

O SENHOR

## D. THEODOSIO.

*Do mesmo Author.*

## CANÇÃO.

Morta esperança, viva saudade,  
 Dor excessiva, gosto limitado,  
 Sempre mortal, sêpre immortal tormêto;  
 Do Reyno Lusó Principe adorado,  
 A' idade morto, vivo á eternidade,  
 Roubado á terra, entregue ao firmamen-  
 Ouvi triste concerto, (to  
 Ouvi doce gemido  
 Mal explicado sim, mas bem sentido;  
 Ou feito coração do ethereo Mundo  
 Reyneis Sol, e vos sirva o Sol de estrella;  
 Ou no globo gentil de Venus bella  
 Brilheis primeira luz, amor segundo;  
 Pois he bem que sejais o novo Apollo,  
 Qual



Qual já da terra coração do polo;  
 E que com branda guerra  
 Fiqueis do polo amor, qual já da terra:  
 Ouvi, antes olhay, e seja em tanto  
 Ouvido a vista, pois he choro o canto:  
 Qual maravilha, que com vario caso  
 Tem vida na manhã, na tarde morte,  
 Qual Sol, q̃ mal nasceo, quando se enterra,  
 Na flor tenra vos corta a dura sorte,  
 Na prima luz vos cobre o triste occaso,  
 Maravilha do Mundo, Sol da terra,  
 Escura nuve encerra,  
 Tronca inverno arrogante  
 A flor mais bella, a luz mais radiante.  
 Brilhava o Reyno já, já florescia,  
 Com vosco de Lyfia Sol, flor de Bragãça,  
 Mas eclipçada a luz, morta a esperança,  
 O fruto não gozou, perdeo o dia;  
 Ay triste povo em sentimento tanto  
 Hum rio fórma, antes hum mar de prãto.  
 E pois que nossas agoas  
 Não podem dar nestas sentidas magoas,  
 Cujoo excesso no Mundo já retumba,  
 Rio á flor, dem hũ mar ao Sol por tumba.  
 Morreis, e vivo, ay Parca sempre ingra-  
 Ay apressada morte, ay vida lenta! (tal

Mas

Mas tal morte a tal vida renda a palma,  
 Morte vital no Ceo vos apresenta,  
 Mortal vida na terra me maltrata,  
 Vós lá sem corpo estais, eu cá sem alma.  
 O pezar me defalma,  
 E nesta dor absorta  
 A pena viva estou, á vida morta.  
 Novo Fenix me faz o mal esquivo,  
 Mas oh quanto bem peno, mal discorro!  
 Fenix não sou; pois vivo, quando morro!  
 Não sou Fenix; pois morro, quando vivo.  
 Aquella ave do Sol, ou Sol das aves,  
 Penas leves padece, eu penas graves;  
 Ella canta, eu lamento;  
 Ella eterna na vida, eu no tormento;  
 Que são na dor, que vossa morte ordena,  
 Horas de vida, seculos de pena.  
 Aquella senhoril fronte eminente,  
 Que infundia n'hum ponto grata, e grave  
 Hum temeroso amor, hum medo amãte.  
 A boca taõ gentil, como suave,  
 A que não só fallando era eloquente,  
 Mas ainda callando era elegante.  
 O rosto triunfante  
 Da pompa, mimo, e graça,  
 Que o Ceo tẽ, goza a terra, o mar abraça,  
 Pois



Pois nunca illustre, fertil, matizado  
 Com mil rayos, mil joyas, e mil cores  
 Entre estrellas, entre aguas, entre flores  
 Polo expoz, concha abrio, ostêtou prado,  
 Taõ brilhante, taõ rica, taõ formosa  
 Luz em Ceo, perla em mar, em terra rosa.  
 Tudo em fim, que tormento! (vento.  
 He terra, he sombra, he cinza, he fumo, he  
 Choray olhos, pois segue taõ vizinha  
 Nuvé á luz, serpe á perla, á rosa espinha.  
 Aquelle valor nunca competido,  
 Aquelle alto saber sempre admirado,  
 Do Nilo ao Rheno, do Indiano ao Mouro,  
 Por quem sentio ditoso, e desgraçado  
 Idade amada, seculo temido  
 De ferro o Castelhana, o Luso de ouro.  
 Valor, que tirou louro,  
 Saber, que deo occaso  
 Da fama aos nove, as nove do Parnaso:  
 Valor, que sempre do valor portento,  
 Saber, que sempre do saber vitoria  
 Se fez a espada penna da memoria,  
 A penna espada fez do esquecimento:  
 A sabios pasmo, a Capitaens desmayo,  
 Sol foy nas letras, foy nas armas rayo.  
 Já, que magoa, que queixa!

Os Elyfios habita, os Lyfios deixa:  
 Olhos choray ao mais querido objeito,  
 Luz dos olhos, olhos da alma, alma do  
 Sejũto do Mõdego enternecido, (peito.  
 Que agora cõ meu pranto accrescentado  
 Ser mar pertende, rio ser despreza,  
 Me dera a forte, me outorgara o fado  
 O corpo sepultar esclarecido,  
 A' vida morto, vivo á gentileza,  
 Menor fora a tristeza,  
 Que deixa neste dia  
 Campo de pena o campo de alegria:  
 Vencera de seu berço a forte bella  
 Meu rio, pois seria mór ventura  
 O ter hum Sol no rio a sepultura,  
 Que ter o rio berço n'huma estrella.  
 Mas ay, q̃ aperto! oh chorẽ nestas dores,  
 Chorem por huma fontes mil de amores;  
 Oh cresçaõ nunca ledos  
 Por hum de faudades mil penedos.  
 E pareça Coimbra desde agora  
 Naõ Cidade, que ri, porẽm, que chora.  
 Oh marmore feliz, urna ditosa  
 Da vida occaso, mas da fama oriente  
 Ao Sol ardente em mim, se em vós já frio,  
 Pois vos banha em seu choro tãta gente,  
 Que



Que ficais na corrente lacrymosa  
 Urna de cinzas, não, urna de rio;  
 O pranto aceitay pio  
 Desta infeliz Cidade,  
 Cidade hum tempo, agora soledade;  
 E vós claro Senhor, cõ quem se affombra  
 O claro polo, pois vossa alma bella  
 Deixa ao Sol Lua, faz a Lua estrella, (bra,  
 A estrella muda em rayo, o rayo em som-  
 ficando com eclipse, ou com desmayo  
 O rayo sombra escura,  
 A meu pranto abri vossa sepultura;  
 Pois goza o lume, não despreze a agoa.

Pára Canção: mas corra o pranto pio.  
 E vós ó cisnes do Mondego undoso,  
 Que já deixais o seu crystal lustroso  
 Por terem vossos olhos mayor rio,  
 Aparay, aparay vozes, e pennas  
 Das Musas pasmo, affombro das Syrenas.  
 Cantay, mas de tal sorte,  
 Que deis ao canto vida, á vida morte;  
 Mas não feneça, não, na pena elquiva,  
 Pois he viva mortal, pois morta he viva.

*A' morte da Serenissima Princeza  
 de Portugal.*

CANÇÃO FUNEBRE.

*Do mesmo Author.*

**T**Yranna Cloto, infausta Libitina,  
 Sem luz, sem flor, sem gala, e sem valia  
 O Sol, o prado, o campo, a terra, o dia  
 Escuros deixas em cruel ruina:  
 Sem luz, pois eclipstaste a mais divina,  
 Sem flor, pois lhe cortaste a mais lustro-  
 O' flor, ó luz formosa, (fa,  
 Roubada gala com furor sobrado  
 Ao dia, ao campo, á terra, ao Sol, ao prado  
 Entre planetas Sol, rosa entre flores  
 Sois flor Sidonia, ó flor da formosura,  
 Em tenra flor colhida, oh parca dura,  
 Que de hum golpe moveste tantas dores!  
 Rompe queixas crueis contra os rigores,  
 Que contra a luz Infante executaste,  
 Não vendo, que deixaste  
 Sem luz, sem flor, sem gala, e sem valia  
 O Sol,



O Sol, o prado, o campo, a terra fria.

Com mão feroz teu braço rigoroso  
Eclypsa a luz do Sol da nossa esfêra:  
Oh braço Hyrcano, que com mão austêra  
Acabas sombra tanto Sol pomposo!  
Sol, que em seu oriente luminoso  
Manhã começa, quando acabas tarde,  
Sem veres, ó cobarde,  
Que deixas eclypfando as luzes bellas,  
Sem luz o Sol, sem luzes as estrellas.

No horoscopo de tão formoso dia,  
Em que amanhece Sol a Infante Alteza,  
Invejando o poder da mór belleza,  
Apagas noite quanto em luz vivia:  
Ah Parca atroz, que com facção impia  
A breve luz occaso anticipaste,  
E perfida deixaste

Com mão feroz, cruel, acerba, e dura  
Sem vida amor, sem alma a formosura.

Sem alma a formosura peregrina,  
Que flor desmaya em seu Abril florido:  
Mal abre rosa em ramo esclarecido,  
Já lirio cahe em planta vespertina;  
Mas pois feneces com mortal ruina  
Pallido occaso a lucido oriente,  
Se rosa transparente

Se abrio na terra a Infante gloriosa,  
Já jasmim vives, quando acabas rosa.

Defunta luz nas purpuras da Aurora  
Deixas a Infante Estrella Lusitana:  
Oh Parca rigorosa, que tyranna  
A Estrella cegas, por quem Venus chora;  
Mês já no polo eterna se melhora  
Com nova luz a Infante preelegida,  
Que se luz offendida  
Eclypfas cega, quando vives nella,  
Já nasce dia, quando morre estrella.

Mas ah cruel, que se renasce o dia,  
Nós ficamos sem luz em noite escura:  
Pois morre estrella tanta formosura,  
Com cuja luz a terra em luz ardia:  
Sintamos logo, finta a Monarchia,  
Que tem bem q̄ sentir quẽ menos sente,  
Ver luz tão refulgente

Lograr-se instantes, e sentir desmayos,  
Quão lustrado estrella, eclypsou rayos.

Rompaõ pois mil suspiros lastimosos  
O Nabaõ, Lima, Tejo, Minho, e Douro,  
E em lagrimas correndo o seu thesouro  
Liquidem fontes seus crystaes undosos:  
Chorem as Nynfas, chorem lacrimosos  
No prado verde os musicos volantes,

È todos



E todos lacrimantes  
Sentindo tãta dor com dores graves,  
Sintaõ Nynfas, rios chorem, gemaõ aves.

*Aun javali muerto con una bala por  
la Serenissima Princeza de Por-  
tugal.*

## I D I L I O.

*Do mesmo Author.*

**D** El monte era tyranno  
Fuerte brutõ cerdoso,  
Que con diente espumoso  
Marfil dõs vezes cano,  
Fue en batallas cruels  
A sabuessos terror, miedo a lebreles.  
Quando con turba brava  
Perros, y caçadores  
Justos dieran temores,  
Igualmente burlava  
Caçadores, y perros  
Talandò bosques, escalandò cerros.  
Sobervio con la fuerte  
De ser yã muerto Alcides,

No

No temidõ, que en sus lides  
Le asfaltasse la muerte,  
Y solo por su espanto  
Quiso hazer Salvatierra otro Eriman-  
Mas salio a la ribera (tho.  
Del Tajo la belleza,  
Fue á caça su Alteza,  
Engañose la fiera,  
Y vió en fatales lides  
De Venus en el cuerpo alma de Alci-  
Fin a su vida puso (des.  
Breve bala ligera,  
Porque salto a la fiera  
De la razon el uso,  
Que a mayores estragos  
Sobran sus golpes, bastan sus amagos:  
Si agora en Salvatierra,  
Como yã en otra parte,  
Cerdas vestiera Marte,  
En esta breve guerra  
Causaria aquel tiro  
Al mismo Marte el ultimo suspiro:  
De tal bala el efecto  
Nunca menos notable  
Fuera, aunque impenetrable  
Si juzgasse el objeto,

III. Part,

E

Serid



Seria cosa nueva  
 Contra lo bello hallar arma de prue-  
 De sus ojos los rayos, (va.  
 Aun los rayos menores,  
 Hizieron en las flores  
 Mil funestos desmayos,  
 Dando por más hermosa  
 Parocifimo al clavel, muerte a la rosa.  
 Tu javali en la llama,  
 Que te hizo en tantas pieças,  
 Fenis la vida empieças  
 Por virtud de la fama,  
 Bien que aun serán pocas  
 A tanto assumpto voces de cien bocas.  
 No solo el ser humano  
 Tenga por propria gloria  
 Dexar de sí memoria,  
 Pues que te dá la mano,  
 Que devida te priva  
 Memoria eterna en fama successiva.  
 Vivo de Salvatierra  
 Solo el campo mediste,  
 Y muerto discurriste  
 Quasi toda la tierra,  
 Prodigio celebrado  
 De una mano de nieve fulminado.

No yá maligna estrella,  
 Mas benevolo influxo  
 A morir te conduxo,  
 Si a la deidad más bella  
 El hado más propicio  
 Te hizo holocausto, te hizo sacrificio:  
 Riesgo corrió tu vida  
 Luego que mereciste,  
 Que la Alteza, que viste,  
 Te mirasse advertida,  
 Que en la Real presencia  
 Hiere un descuido, mata una adverten-  
 O' bien affortunado (cia.  
 Javali, pues que veo,  
 Que fuiste digno empleo  
 De tan alto cuidado;  
 Oh mil veces dichoso,  
 Que encontraste en la muerte nombre  
 (honroso.





# PANEGYRICO

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

# MARQUEZ DE MARIALVA,

Pela vitoria de Montes Claros.

*Do mesmo Author.*

I.

**G**eneroso Marquez, invicto Marte,  
Cesar de Augusto, tronco inacessivel,  
Atlante Portuguez, que em toda a parte  
Credito dais á Patria de invencivel:  
Comvosco meu furor hoje reparte  
Do metro o melhor, que lhe he possivel,  
Pois lhe fora o calar bem estranhado,  
Quando por vos cantar não fora ousado.

Cesse

II.

Cesse já de Virgilio a digna gloria,  
Que do Teucro gentil divulga a fama,  
Não lembre já do Grego a rara historia,  
Que em poemas de Homero se derrama,  
Prescreva o Godofredo da memoria,  
Que nas obras do Tasso o Mundo accla-  
Pois do vosso valor, robusto braço (ma  
Póde cantar Virgilio, Homero, e Tasso.

III.

Os de Carthago cessem de jactarse  
Do valor de Annibal tão excellente,  
Cessem já os Romanos de acordarse  
Daquelle Scipião preeminente,  
Não queira Portugal já mais lembrar-se  
De seu grao Viriato tão valente,  
Pois hoje vos vê ser fiel retrato  
De Annibal, Scipião, e Viriato.

IV

Se de Eneas nos canta o Mantuano,  
Que depois desse estrago tão sabido,  
A quem lhe deo o ser do Grego infano:  
Em seus hombros livrou compadecido:  
Melhor vosso valor por soberano  
Cantara em seu poema esclarecido.  
Quão vos vísse em riscos, entre astôbros  
Vossa Patria livrar em vossos hombros.

Se



Se no sitio melhor delRey Latino  
Alba Julia fundou na gente Albana,  
Porque naquelle folio peregrino  
Restaurasse de Troya a perda infana:  
Já com mayor valor vosso destino  
Por meyo dessa espada soberana  
Disfarçou Portugal, quando em Valença  
A perda restaurastes de Olivença,

## VI.

Se de Achilles Homero celebrado  
Nos refere, que a Grega, e forte gente  
Naõ quiz ir ao assedio taõ chorado  
Sem levar Capitaõ taõ eminente:  
Já vejo a Portugal taõ empenhado  
Em levarvos por cabo diligente,  
Que quem convosco vay, leva sabido,  
Que ha de ser vencedor, e naõ vencido.

## VII

Se do Grego esforçado, e bellicoso  
Nos conta Homero com engenho, e arte,  
Que buscava arrogante, e valeroso  
Por leito conjugal campos de Marte:  
Já vejo vosso peito taõ zeloso  
De se dar a temer em toda a parte,  
Que deixais por vos ver em tal empreza  
Quem vos deo para amar a natureza.

Se

Se do graõ Godofredo conta Tasso,  
Que com zelo divino, e preeminente  
Restaurou com a força do seu braço  
A Casa desse Deos Omnipotente:  
Vós livrastes do intrepido embarço  
Essa casa da mãy mais excellente,  
Que a quem livra a Rainha sacrosanta,  
Chamo eu Restaurador da Casa Santa.

## IX.

Se esse Conquistador taõ esforçado  
A terra de Salem, que vay ganhando,  
Com sangue de suas veas estimado  
Os caminhos, que piza, vay regando:  
Tambem quiz vosso sangue alentado  
Em os passos, que déstes, ir mostrando,  
Que por ser a vitoria finalada  
Devia ser com sangue rubricada.

## X.

Se do seu Annibal conta Carthago,  
Que arrazou esses Alpes eminentes,  
Só por vencer no Trasymeno lago  
De Flaminio gentil barbaras gentes:  
Bem póde Portugal contar o estrago  
Das linhas, que alhanastes prepotentes;  
Que esses Alpes ninguem lhos impedia,  
E essas linhas Hespanha as defendia.

Se



XI.

Se de Cannas na rota celebrada,  
De Annibal os soldados escolhidos  
Deixaraõ co' valor da sua espada  
Paulo Emilio, e Varonio destruidos:  
Tambem vós com a furia costumada  
Tendes vencido dous dos mais temidos,  
Que se o Haro estribava na valia,  
Caracena estribou no que entendia.

XII.

Se do forte Africano a cruel sanha  
Disposta com ardis, e bizarría  
N'huma noite venceo com destra manha  
De Jefas, e Asdrubal a valentia:  
Tambem vosso valor com furia estranha  
Exercitos venceo no meyo dia,  
Porque cantasse a fama em ecos raros,  
Que fostes vencedor em Montes Claros.

XIII.

Se chamado de Italia o graõ guerreiro  
O bastaõ aceitou obediente,  
Por mostrar seu esforço verdadeiro  
Em vencer de Annibal a debil gente:  
Vos mostrais no valor ser o primeiro,  
Pois venceis Hespanhoes nação valente,  
E quando Scipiaõ vence Africanos,  
Venceis vós aos valentes Castelhanos.

Se

XIV.

Se o nome em Viriato appellativo  
Mostra na força quanto o nome encerra,  
Se a fama em seus annaes o acclama vivõ  
Repetindo as acçoës, q' obrou na guerra:  
Tambem vosso valor por excessivo  
Dá nome ao vosso nome em toda a terra,  
Sendo que he tal da fama a ligeireza,  
Que naõ conta ametade desta empreza.

XV

Se o Lusitano Marte dos Romanos  
As Hespanhas livrou com destra manha,  
E os insultos de Galba deshumanos  
Viraõ da sua espada a cruel sanha:  
Tambem vós com impulsos soberanos  
Fazeis que a vossa espada vença a Hespera  
Que como as dividistes alentado (nha,  
Vencendo-a conservais o começado.

XVI.

Vencey, Senhor, vencey a Iberia gente,  
Triunfay do inimigo sempre oufado,  
Porque da gente varia, e insolente  
O Mundo a vossos pés vejais prostrado:  
Conservay o valor do peito ingente,  
Mostray a Portugal que sois soldado,  
E publique esse brado furibundo,  
Que hñ córte dessa espada vêce hñ Múdo.

Mas



Mas não, Senhor, largay da mão a espada,  
 Que se de novo Hespanha for ferida,  
 Ficar á por invicta acreditada,  
 Quanto mais vezes for por vós vencida:  
 Porq̃ os golpes de vossa dextra armada,  
 Se mortes dão, também dispensaõ vida,  
 Mortes ao tempo, vida á eternidade  
 Em seculos trocando a breve idade.

## XVIII.

Poupaylhe a morte, por tirarlhe a vida,  
 A vida, que não quer, a morte, que ama,  
 Porque com vida fica amortecida,  
 E pela morte vive entregue á fama:  
 Se a morte lhe negais appetecida,  
 A coroa alcançais da nobre rama,  
 Porque o dares-lhe a vida dessa sorte,  
 He darlhe a morte sem lhe dar a morte.

## XIX.

Se a vossas plantas da nação força  
 O collo altivo acaso for prostrado,  
 Ficar á taõ valente, e bellicosa,  
 Que qual Anteo na terra reforçado  
 Da queda sahira mais vigorosa,  
 Porque he tanto por vós ser humilhado,  
 Que não póde a fortuna, a quem levanta  
 Darlhe mayor lugar, que a vossa planta.

Dei-

Deixay, deixay, ó Marte Lusitano,  
 Deixay, rayo da guerra, outra vez digo,  
 De fazer ao contrario soberano,  
 De honrar, tirando a honra, ao inimigo:  
 Que só fereis com elle deshumano,  
 Quando o tratardes com favor amigo,  
 Porq̃ he tal o valor, q̃ em vós se encerra,  
 Que com guerra faz paz, e com paz guer-

(ra.





AO SERENISSIMO  
SENHOR REY  
D. AFFONSO VI.

Quando se ganhou Valença em dia  
de S. João.

*Do mesmo Author.*

DECIMAS.

I.

**S**E me foccorreis Camenas  
Nesta empreza singular,  
Decimas hey de cantar,  
Depois de rezar novenas:  
Eya ministrayme pennas,  
Festivas sim, graves não,  
Que pertendo nesta acção,  
Usando termo diverso,  
Mostrarme alegre no verso,  
Se devoto na oração.

Alto

II.

Alto Affonso, cujo aspeito  
Por magestoso, e suave,  
Se hum amor infunde grave,  
Intima hum grato respeito:  
Deponde do augusto peito  
As grandes acçoens, que traça,  
E permittivos á graça,  
Que bem he vos permittais,  
Pois quando praças tomais,  
Deveis ser homem de praça.

III.

O Saõ João desta vez  
Para gloria, e para dano  
Foy muy mao ao Castelhanao,  
Foy muy bom ao Portuguez:  
Favor hum, outro revez  
Teve com fortunas varias,  
Dando com luzes contrarias  
Do graõ Santo a noite bella  
Se fogueiras a Castella,  
A Portugal luminarias.

IV.

O Castelhanao Leaõ,  
Vendo que em fogo se abraza,  
Para mudar-se de casa

Esperou



Esperou o Saõ Joaõ:  
 Valença ficou na maõ  
 Dos Portuguezes guerreiros,  
 E os leoens naõ verdadeiros  
 Taõ mansos, medrosos tanto,  
 Que tem o Precursor Santo  
 Naõ hum só, mas mil cordeiros.

## V.

Bautista o Santo he chamado,  
 Mas no dia, que lhe coube,  
 Nenhum bautizado houve,  
 Houve sim muito crismado:  
 Mas eu vou muy enganado,  
 E assim me deõdigo logo,  
 Pois se vê no Marcio jogo  
 Hum queimado, e outro exangue;  
 Esse bautismo de sangue,  
 Bautismo aquelle de fogo.

## VI.

O, graõ Marialva campa  
 Levando as lampas, e he bem,  
 Que só leve as lampas quem  
 He valente taõ de la ampa:  
 Esse de Mavorte estampa,  
 Lançando agouros de parte,  
 Na terça feira reparte

Agouros

Agouros com bizzarria,  
 Que a terça feira he seu dia,  
 Por fer o dia de Marte.

## VII.

Dos mais naõ dou relaçaõ,  
 Mas em sabendo este caso  
 Mudarey a do Parnaço  
 Em agua de Saõ Joaõ:  
 Hoje só digo a montaõ  
 De soldados taõ luzidos,  
 Que o principal dos sentidos  
 Nunca vio nas guerras cruas  
 Nem espadas taõ bem nuas,  
 Nem terços taõ bem vestidos.

## VIII.

Queria neste louvor  
 Acabar minha Thalia;  
 Mas ay que naõ advertia,  
 Que nos faltava o melhor,  
 Faltava o Conde, Senhor;  
 Por cuja prudencia passa  
 Castella tanta desgraça,  
 Cujo officio vos confesso,  
 Naõ tomara eu pelo preço,  
 Elle o toma pela graça.

Este



Este Conde taõ amado,  
 Que com rara admiraçaõ  
 Servindo a vós de Escrivaõ,  
 Serve a todos de advogado:  
 Valença vos tem ganhado  
 A' força do seu desvelo,  
 E do seu valor, e zelo  
 Podeis esperar, que vença  
 Mil praças por Olivença,  
 Mil praças hum só Castello.

X.

Em tanto, ó Sol de Lisboa,  
 Logray vitoria taõ bella,  
 E do Bautista a capella  
 Dobre de louro a coroa:  
 Vosso nome, que já voa  
 Por quanto Thetis abarca,  
 Vença o do mayor Monarca,  
 E á vossa vida Real  
 Seja sempre liberal,  
 Nunca seja parca a Parca.

*Aos Cabos de guerra na occasiaõ  
 da batalha.*

Do mesmo Author.

## DECIMAS.

I.

**P** Assou da marca o Marquez  
 No valor, e valentia,  
 S. Joaõ teve o seu dia  
 A dezafete do mez:  
 Pedro Cesar desta vez  
 Soube vir, ver, e vencer:  
 Co' Jaques naõ ha perder,  
 O Menezes todo he Luiz,  
 O Diniz fez quanto quiz,  
 Naõ ha mais Flandes, q' o Schomber.

II.

O adversario na praça  
 Nos deixou bem escolhidos  
 Oitenta mil paens cozidos,  
 Oitenta mil paens em massa:



Quisnos dar por esta traça,  
 Por se vingar do seu dano,  
 Com toda a massa este anno,  
 Mas ficou em que lhes pez  
 Com a massa o Portuguez,  
 Com a guerra o Castelhana.

*A huma Senhora, que se picou com  
 hum rosa.*

Do mesmo Author.

## D E C I M A.

**A** Vossa mão, Venus minha,  
 Em seu sangue rubricada  
 Deixa a rosa mais picada,  
 Do que he picada da espinha:  
 Ficou a flor mais rainha,  
 Porém nesta occasião  
 Usou termo muy villaõ,  
 Bem que rainha, porque  
 Se Venus lhe deo o pé,  
 Ella vos tomou a mão.

AO SENHOR REY

## D. AFFONSO VI.

*Rebentando-lhe na mão, sem rece-  
 ber dano, hum bacamarte.*

Do mesmo Author.

## D E C I M A.

**A** Lto Rey da Lyfia terra,  
 A quem faz Marte, e amor faz  
 Iman das almas na paz,  
 Louro dos trofeos na guerra:  
 O ferro, e o fogo vos erra,  
 Quando com tremendo estouro  
 Sahe o rayo do pilouro,  
 De ferro o trovaõ se fende,  
 Que o ferro o iman não offende,  
 Nem o rayo offende ao louro.



## MOTE GLOSADO pelo mesmo Author.

*Esconjurote Domingas,  
Pois me dás tanto cuidado,  
Que me digas, se te vingas,  
Vivirey menos penado.*

## DECIMAS BURLESCAS.

### I.

**M**agina o meu coração,  
Vendote taõ bella, e dura,  
Que es Anja na formosura,  
Diabro na condiçom:  
Cresce em mim tua affeiçom,  
Mas tu no meu amor mingas,  
Quero-te bem, tu respingas,  
Fallo, num respondes nada,  
Pois se estás endiabrada,  
*Esconjurote Domingas.*

### II.

Dize Satanás formoso,  
Dize cara de malfim,

Porque poens taõ forte fim  
Em compeço taõ ditoso:  
Hontem fuy o teu mimoso,  
Hoje já me tens leixado:  
He teu geito, ou meu peccado,  
Huma, e outra aquella cuidoo,  
Pois que tens tanto descuido,  
*Pois me dás tanto cuidado.*

### III.

Mas este cuidado he tal,  
Em que ripa osso, e pelle,  
Que co' bem, que alcanço nelle,  
Tomo vingança do mal:  
Se te vingas, num te val,  
Pois em todas estas mingas  
Naõ chorarey duas pingas,  
Bem leve estou, e só quero,  
Por vingarme do mal fero,  
*Que me digas, se te vingas.*

### IV.

Se eu isto venho a alcançar,  
Deste mal terey vitoria,  
A pena me será gloria,  
Será folguedo o pezar:  
Mas temo me ha de estourar  
Gosto taõ desaballado,



Porém ou vivo, ou matado  
 Ledo estou de qualquer geito,  
 Morrerey mais satisfeito,  
 Vivirey menos penado.

*A hum bebedo sepultado junto a hu-  
 ma pia de agua benta.*

## DECIMA.

**A** Qui neste posto escuro  
 Jaz hum bebedo, que tinha  
 De beber sobre sardinha  
 Officio de beber puro:  
 Mas cahindo de maduro,  
 Sua sepultura inventa  
 Junto á pia d'agua benta,  
 Porque assim quer desta sorte  
 Ter por regalo na morte  
 Quem vivo lhe descontenta.

*A hum homem, que com o dinbeiro  
 das almas comprou muitos  
 livros.*

## DECIMA.

**L**ivres teus livros estaõ,  
 Como a todos he notorio,  
 Livres fim do expurgatorio,  
 Mas do Purgatorio naõ:  
 Naõ saõ corpos, almas saõ  
 Quantos a varios assumptos  
 Volumes, Lifio, tens juntos;  
 Recea pois mil castigos,  
 Porque mortaes inimigos  
 Tens nos amigos defuntos.



*A F. que se poz mal com o Author,  
e lhe mandou fechar as portas al-  
gumas vezes á boca da noite,  
para que não entrasse.*

Do mesmo Author.

## DECIMA.

**O** Meu desejo he em vaõ,  
Temo que se logre tarde,  
Pois indo de tarde em tarde,  
Vay de feraõ em feraõ:  
Amigo, sede Christaõ,  
Naõ fujais de Ave Marias,  
Pois saõ raras tyrannias,  
Pois saõ asperos açoutes  
Deixardes-me ás boas noites  
Sobre não dar-me os bons dias.

*A F. mulher de F. no-  
toriamente mal re-  
putada.*

Do mesmo Author.

## DECIMA.

**C**erto official não bom  
Deo Dom a sua mulher,  
Louvado seja o poder  
Do Senhor, que dá tal Dom:  
Ella de alto, e de bom som,  
Posto que nasceo fregona,  
Sempre do seu Dom blasona;  
Porém della diz a fama,  
Que não deixa de ter dama  
Inda depois de ser Dona.



*Do mesmo Author.*

## DECIMAS.

### I.

**P**One en duda el movimiento  
De una garça, que se eleva,  
O' si el viento en si la lleva,  
O' si ella en si lleva el viento:  
Empero un harpon violento,  
Quando ufana se divierte,  
La mata, y con triste fuerte  
Baxando del Cielo al suelo,  
La vida dexa en el buelo,  
El buelo dexa en la muerte.

### II.

Cisne por crystal risueño  
Buena un baxel peregrino,  
Dando al viento alas de lino,  
Dando al agua pies de leño:  
Mas una roca con ceño,  
Que el mar a furia provoca,

Castiga

Castiga su ambicion loca,  
De fuerte que por su mal  
Empieça en blanco crystal,  
Acaba en crystal de roca.

### III.

No violenta, antes grata  
Baxa del monte eminente  
Harpon de crystal al fuente,  
Al rio blanco de plata:  
Mas el blanco al harpon mata,  
A la fuente el rio embeve,  
Pero su victoria es breve,  
Porque enfrenando su brio,  
Si a la fuente embeve el rio,  
Al rio en fin el mar beve.

### IV.

Subia al Cielo amor mio,  
Loco bolé, corri blando,  
Mas yá me estan retratando  
Garça, baxel, fuente, y rio:  
Hallo roca en un desvio,  
Harpon en un mar de amar,  
Y en mi llanto tan fin par  
Rio, y mar, onde me anego,  
De fuerte, que a sentir llego  
Harpon, roca, rio, y mar.

À LUIZ



# ALUIZ

DE CAMOENS,

Principe dos Poetas Heroicos.

*Pelo mesmo Author.*

## DECIMA.

**B**ellona, e Clio me chama  
 Novo Annibal, e outro Homero,  
 Pois quaes ambos doce, e fero  
 Perdi vista, e ganhey fama:  
 De ambos o louro me enrama,  
 E as artes nelles diffusas  
 Teve o meu talento infusas,  
 Com que entre versos, e ballas  
 Pareci filho de Pallas,  
 Rayo em armas, Sol em Musas.

*Ao mesmo assumpto.*

Do mesmo Author.

## DECIMA.

**V**ossa penna delicada,  
 Vossa espada vencedora,  
 Nas armas bem cortadora,  
 E nas letras bem cortada,  
 Foy, meu Camoens, laureada,  
 E de Febo, e de Mavorte,  
 E veyo assim desta sorte  
 Por discreta, e por temida  
 Dar a penna a muitos vida,  
 Dar a espada a muitos morte.



## DO MESMO AUTHOR

*Fallando com Marcia, a quem dera huma  
pataca, pedindolhe hum vintem.*

## D E C I M A.

**H**Ontem, Marcia singular,  
Mar de amor, mar de belleza,  
Com inaudita grandeza  
Deitey patacas ao mar:  
Dar hum vintem era dar  
Causa para huma matraca,  
Naõ dou eu cousa taõ fraca,  
Mas só patacas entrego,  
Por mostrar, que estou taõ cego,  
Que já naõ vejo pataca.

## A DIDO RAINHA.

*Do mesmo Author.*

## D E C I M A.

**E**M meu thalamo jocundo  
Tive apenas companheiro:  
Fugi morrendo o primeiro,  
Morri fugindo o segundo:  
De facil me nota o Mundo,  
Mas o Troyano querido  
He culpa, e desculpa a Dido;  
Pois que rigor naõ vencera  
Hum semideos, de quem era  
Venus mãy, e irmaõ Cupido?



AO SENHOR REY  
D. AFFONSO VI.

*Mandando alistar a Santo Antonio  
de Lisboa por Soldado.*

Pelo mesmo Author.

DECIMA.

**S**enhor, no campal duello  
Brigando da vossa parte  
Será Santo Antonio Marte,  
Se já de hereges Martello:  
Deponde pois o desvello  
Da campanha militar,  
Pois para vos ajudar  
A fazer Madrid Carthago,  
Cá na terra será pago,  
Lá no Ceo auxiliar.

FABULA  
DE  
JUPITER, E LEDA.

*Do mesmo Author.*

ROMANCE.

**C**anto aquelle Deos amante,  
De quem hoje mal se reza,  
Pois amor, como a culpado,  
Lhe poem ás costas a pena.  
Canto aquelle cantor triste,  
De quem bem não canta a Igreja,  
Porque officio de defuntos  
Canta nos dias de festa.  
Canto aquelle, que por grave  
Da Corte o canto despreza,  
E fugindo dos palacios,  
Só canta pelas ribeiras.  
Do Ceo canto aquelle cisne,  
O Deos digo das esferas,  
Que



Que para seus negros voos  
 Se veste de brancas pennas.  
 Agora filhas amadas  
 De hum louro, e alvo Poeta,  
 Que o louro a Daphne importa,  
 Que ella o louro em branco deixa.  
 Digo a vós, ó nove irmãs,  
 Vós que á devoção Phebéa  
 Juntando a vossa irmandade  
 Honrais á vossa novena.  
 Concedey-me pois agora,  
 Que de vossa fonte beba  
 Sobre meu estylo doce  
 Hum pucaro de agua fresca.  
 E vós Magdalena linda,  
 Vós discreta Magdalena,  
 Que sem seres namorada,  
 Vós vejo chea de prendas:  
 Por minha vos offereço  
 Essa fabula de Leda,  
 Que quando minha, offerecida,  
 E só quando vossa, aceita.  
 Canta Ovidio seus passados,  
 Posto parece indecencia,  
 Quem nunca passou de Musa,  
 Que em preteritos se meta.

Canta pois, mas eu que digo,  
 Quando publicas tu mesma  
 A geraçã desta Ninfa  
 A todo o Mundo ser Grega.  
 Mas era, se tantas luzes  
 Caber podem em minha esféra,  
 Na belleza como Sol,  
 E no fangue como estrella.  
 Os rayos do seu cabelo  
 Saõ do Sol luzida inveja,  
 Pois tem mais luzes nos rayos,  
 Que cabellos na cabeça.  
 He o mar, onde o desejo,  
 Por mais que pique a faneca,  
 Entre seus cabellos ricos  
 Sómente douradas pesca.  
 As ondas firma nas costas  
 Com seu muito ar taõ soberbas,  
 Que saõ tantos de ouro os montes,  
 Como saõ as ondas crespas.  
 E da testa no Ceo claro  
 Naõ he muito, que se veja  
 Ter duas luas minguentes,  
 Estando de luzes cheas.  
 Em fim sua testa branca  
 Com as parças sobranceilhas;



Sendo do Ceo formosura,  
 Tem belleza como terra.  
 Antipodas são seus olhos  
 De sua cara serena,  
 Pois nelles vejo o Sol posto,  
 Quando vejo a Aurora bella.  
 E para matar com elles  
 Tanto Cupido se empenha,  
 Que para comprar taes olhos  
 Os seus olhos poz em venda.  
 Mas porque amor os não compre  
 Por morgados da belleza,  
 Lhos quiz dar a formosura  
 Com vinculos de Capella.  
 Não são rayos as pestanas,  
 Mas tettas sim, porque nellas  
 Estando a morrer os rayos  
 Ficão a matar as frechas.  
 Sua cara com as flores  
 Mal haverá quem a entenda,  
 Pois do jasmin se faz branca,  
 Da rosa se faz vermelha.  
 He torre o nariz de Faro,  
 Que andara mal, se fizera  
 Grandes castellos de vento  
 De humá cousa tão pequena.

Torre

Torre sim, mas he da marca,  
 Pois he corrente moeda,  
 Que se fora desmarcada,  
 Sendo prata não çorrera.  
 De sua boca, e mais cara  
 Fallaraõ alguns Poetas,  
 Como Ovidio no de Ponto,  
 E Claudiano ad Elenam.  
 São perolas os seus dentes,  
 Mas por serem muy pequenas,  
 Se não são da Aurora filhas,  
 Mostraõ ser dos mares netas.  
 De crystal seu corpo armada  
 Da alva nevé em differença  
 Como por pés lhe não fogem,  
 Colhe ás mãos as açucenas.  
 Hum mar de rosas he toda,  
 Quando hum mar leite não seja,  
 Donde he claro como agua  
 O haver mais prata, que areas.  
 Esta pois huma manhã,  
 Quando o Sol seu ouro peza,  
 Por final peza tão pouco,  
 Que numa linha o sustenta.  
 Só digo, que do seu pranto  
 Sahe rindo a Aurora mesma,  
 Mostran-



Mostrando, que alegre o choro  
 Coufa de riso he para ella.  
 Sahio ao prado taõ linda.  
 Que com o titulo de bella  
 Se fez senhora das flores,  
 Com fer do prado condeça.  
 Aonde hum a ferra corta  
 Os ares, que ás nuvens chega,  
 E corta como hum a faca  
 Cortando como hum a ferra.  
 A cujas floridas fraldas  
 Undota lisonja rega  
 Taõ sem socego hum arroyo,  
 Que vay hum louco de pedras.  
 O rio, que por ter fumos  
 De fer mais claro o venera  
 O dia, Marquez de Fontes,  
 E a noite, Conde de Niebla.  
 A cujas margens adorno  
 Quiz dar verde a primavera  
 Nas flores, que naõ estima,  
 Como nascidas das hervas.  
 O cravo dos proprios brios  
 Edifica fortaleza  
 Para o combate das flores,  
 Metido numa arrochella.

A cujo

A cujo exemplo caminhaõ  
 Em camisa as rosas bellas,  
 Fazendo votos de castas  
 Nas folhas das açucenas.  
 Mas vem, sendo parecidas,  
 No parecer taõ diversas,  
 Que hũas seguem a paz de Hollanda,  
 Outras, as armas Francezas.  
 Entre lo verde, y lo rojo  
 Confuso o lirio se ostenta,  
 Sobre aceitar o roxete  
 De Arcebispo de Florença.  
 Abrem botoens de esmeraldas  
 Dos jasmims as cascas tenras,  
 Mas já defabotoados  
 Despindo vaõ as bellezas.  
 Esporas calçando leves  
 Vaõ correndo as aguas frescas,  
 Que como calçaõ esporas,  
 Por isso correm ligeiras.  
 Queixoso o bello jacinto  
 As outras flores desperta  
 Com os ays, que em suas folhas  
 Escreveraõ suas penas.  
 Muy affogado o narciso  
 Para hum a flor, que pareça

Vem



Vem perdido por se ver  
 Em huma fonte serena.  
 Por estar com os pés na agua  
 Padecem tantas doenças  
 As maravilhas, que sempre  
 Trazem a cor amarella.  
 De varias flores, e rosas  
 Todo o mais prado se arrea,  
 Mas se saõ as rosas varias,  
 As mais flores saõ perpetuas.  
 Escritos chopos com motes  
 Fazem mais fresca a ribeira,  
 De cujas aguas ao som  
 Lhe poem amorotas letras.  
 E sem tocar huma flor  
 O bosque Leda passeia,  
 Que como as achou em folha,  
 As deixou ficar em peissa.  
 N'hum torraõ se assenta breve,  
 Mas occupa tanta terra,  
 Que no torraõ fica posta,  
 Quando no prado se senta.  
 Jupiter o graõ Tonante,  
 Que naquella antiga guerra,  
 Por naõ ver montes de mortos,  
 Por fazer de vivos ferras.

Con-

Convertido em chuva dizem  
 Huma torre acometera,  
 E como foy feito orvalho,  
 Em rio se convertera.  
 Vendo estava aquelle monte,  
 Que tanto á sonora vea  
 De seu brando curso deve,  
 Que por elle se despenha.  
 Ida monte, a quem os montes  
 Todos fazem reverencia,  
 E qual Principe de todos  
 Entre todos tem alteza.  
 Vendo de Fenicia os campos,  
 Que o claro Meandro rega,  
 Taõ galan, que suas voltas  
 Para o campo saõ de renda.  
 Que quanto c' os rayos doura  
 Esse prodigo Planeta,  
 Que desperdiçando rayos  
 Tantas luzes no mar deita.  
 As Idalias Ninfas via  
 Em belleza taõ supremas,  
 Que entre as boninas confusas  
 As aguas deixaõ suspensas.  
 Mas Cupido, que da Ninfa  
 Na linda cara, e guedelhas

Juntou



100  
R O M A N C E.  
Juntou á Cidade de Elvas  
O thesouro de Veneza.  
Quer que deidade mais rica  
De rayos por tal riqueza  
Fique de luzes taõ pobre,  
Que fique deidade cega.  
Toma o arco, que de amor  
Nas lastimosas tormentas  
A tantas meninas de olhos  
Arco tem sido da velha.  
Nelle huma setta accomoda  
De sua aljava ligeira,  
Que dispara como hum rayo,  
Partindo como huma setta.  
A chamma ao sentido Jove  
Até o coração penetra,  
E já deixa deos do fogo  
Quem de tudo antes era.  
Do Ceo Jupiter se parte,  
E com maligna influencia,  
Sendo Planeta no Ceo,  
Na terra quer ser cometa.  
Leda, naõ a Idalias Ninfas,  
De Idalia busca nas selvas,  
Que na floresta das outras  
Acha flor sómente a esta.

Aquelle

107  
R O M A N C E.  
Aquelle Deos, que já foy  
Em sorte naõ muy diversa  
Por Ganymedes huma aguia,  
E por Europa huma besta.  
A capa toma de cisne,  
E bem mostra nesta empreza  
Com ficar o deos mais branco,  
Naõ ser deos de capa preta.  
Mas como agora com ambas,  
Creyo, teve a mesma estrella,  
Que a de Leda he a da alva,  
E a de Europa foy boyeira.  
Nevado inveja ficou  
Da ave de Juno soberba,  
Que pondo a penna nos olhos,  
Saõ seus olhos suas penas.  
Canora a frauta descanta,  
Ave de amor se lamenta,  
Quando do pranto da Aurora  
Saõ suspiros suas queixas.  
Cisne se fez, porque a Ninfa  
Como rogada se queira,  
Antes que o faça Orador,  
Lhe quer parecer Poeta.  
Debaixo da cor nevada  
Diffimula a chamma accesa,

como



E como amor tem a montes,  
 Por seu amor se faz Etna.  
 Vê a Ninfa, e de corrida  
 A' vista de tal lindeza  
 Atalanta não parara,  
 E voara filomena.  
 Bibli ficaria fria,  
 Herminoe bicha fera,  
 Lethos ficaria hum tronco,  
 Niobe como de pedra.  
 E por hum fio Theseo  
 Ficaria em sua empreza,  
 E namorado Narciso,  
 Em mil naufragios Eneas,  
 Jupiter depois de a ver,  
 Desprezando as de mais deusas,  
 De Venus as mesmas graças  
 Desestimara de veras.  
 A Thysbe depois de huma hora  
 Tratara como huma negra,  
 E de Daphne feita planta,  
 Como de hum pão se lhe dera.  
 Discreto o cisne lhe canta  
 As que amor lhe dita endeixas,  
 Para que por ella morre  
 Em suas vozes conheça.

Mas amor, que lhe deo ausos,  
 Ordena agora, que tenha  
 Em duas azas dous arcos,  
 Em cada penna huma setta.  
 E como o vê taõ ousado  
 Cuidadoso já reserva  
 Para mais o branco cisne,  
 Que para alvo destas settas.  
 O mais, que passou, não digo,  
 Que a minhã Musa burlesca  
 Quero, se tem sido simples,  
 Que agora composta seja.  
 Bem que fica receando,  
 Que qual o cisne se veja  
 Chegar co' seu canto ao fim,  
 Sem que louvores mereça.





AO SENHOR REY  
D. AFFONSO VI.

Mandandolhe fazer versos.

R O M A N C E.

*Do mesmo Author.*

**M**Andais-me, Augusto Monarcha,  
Em cujos dotes egregios  
Ignoro qual seja mais,  
Sey que o ser Monarcha he menos.  
Mandais-me, que invoque as Musas,  
E a taõ soberano imperio  
Hum sim responde a vontade,  
Hum naõ dá o entendimento.  
Hum naõ diz, hum sim responde,  
Porque negando, e querendo,  
Ella deseja servirvos,  
Elle receya offendervos.  
Offende-vos quem vos louva,  
Que de taes merecimentos

Quem

Quem se faz panegyrista,  
Naõ se livra de blasfemo.  
Se vos chamar Marte, ou Jove,  
Por benigno, ou por guerreiro,  
Se Phebo por taõ luzido,  
Mercurio por taõ discreto,  
Exaggero a Marte, e Jove,  
Applaudo a Mercurio, e Phebo,  
E quando em vós louvo a todos,  
A vós em todos offendo.  
Sendo os deoses como vós,  
E vós como os deoses sendo,  
Elles com excessõ sobem,  
E vós desceis com excelso.  
Vós a todos os venceis,  
Ainda que sem portentos  
Deixando de ser fingidos,  
Passem a ser verdadeiros.  
Com vós Marte naõ tem força,  
Nem Phebo tem luzimento,  
Nem Jove benignidade,  
Nem Mercurio tem engenho.  
Como pois sem vossa offensa  
Vos podem louvar meus versos,  
Venceis mais aos celestes,  
Que os celestes aos terrenos,

Cante



Cante a fama, a fama o finta,  
Se bem para tanto empenho,  
Nem as cem pennas tem voos,  
Nem as cem bocas alentos.

Por esta causa, Senhor,  
Minha vontade, e talento,  
Elle diz *naõ* com pavores,  
Ella diz *sim* com affectos.

Mas vença o *sim* da vontade,  
Que por vós, Monarcha excelso,  
Mais por amante me jacto,  
Que de entendido me prezo.

Digo pois com digno encomio,  
Que fois D. Affonso o Sexto,  
Que só póde o voslo nome  
Ser vosso encarecimento.



## A huma F. desfolhan- do huma rosa

Do mesmo Author.

**E**Ntendida Marcia hermosa,

Por cuya causa passé

En pocos dias de amor

Muchos años de desden,

Dexa vivir essa rosa,

Porque no parece bien,

Vea su tumba en tu mano

Quien vio su cuna en tu pié.

Luz del Sol, sangre de Venus

Tiene essa flor, si se cré

A la corona brillante,

Al sangriento rosicler.

Como pues lo que un Sol hizo,

Un Sol quiere deshazer,

Como es Venus su madrastra,

Si Venus su madre fué.



No la mates, no la mates,  
 Que será sin razon, que  
 Sobre perder la beldad  
 La vida llegue a perder.  
 Pues quiere ser tu trofeo,  
 Su Parca no quieras ser,  
 A quien te rinde la palma  
 Nó ocasiones el cypres.  
 Mas ay, murió, que pezar!  
 Mal lo dixé, que plazer!  
 Pues morir a tales manos,  
 Mas que castigo, es merced.  
 Muere feliz rosa bella,  
 Pues ventura mayor es  
 Urna de jasmines oy,  
 Que de espinas nido ayer.  
 Murió la flor, y Fileno  
 Con la flor murió tambien,  
 Ella a rigores de Marcia,  
 A embidia de la flor el.

# RETRATO.

O Uçaõ todos de rosas  
 Este retrato,  
 Porque se for ouvido,  
 Será fallado.  
 Ao rosto pertendo  
 Pintar de graça,  
 Supposto que a pintura  
 Me saya cara.  
 A sua formosura  
 Tem o realce  
 De nascer taõ fidalga,  
 Que nasceo grande.  
 Em tudo tem mais prendas,  
 Que só de tudo  
 Se lhe iguala em ter partes  
 O mesmo Mundo.  
 A cabeça he tal, que acho,  
 Naõ ha quem possa  
 Tirarihe da cabeça  
 O ser formosa.  
 O cabelo nas aguas  
 He rio undoso,



Qual será sendo rio  
 Se não o Douro.  
 Aguas tem com tal graça,  
 Que em toda flores  
 A montes de cabelo  
 A graça chove.  
 A sua testa linda  
 He tão isenta,  
 Que a todos em branco  
 Os olhos deixa.  
 Com dous arcos os olhos  
 Ayrosa cerca,  
 Porque tem nesses arcos  
 Duas capellas.  
 E são taes dos seus olhos  
 Os resplandores,  
 Que o Sol deixaõ de dia  
 As boas noites.  
 As mininas são negras,  
 Mas de bizarras  
 Por mininas dos olhos  
 As tem as alvas.  
 Que as pestanas estima  
 He tão notorio,  
 Que affirmarey, que sempre  
 As traz nos olhos.

O seu rosto formoso  
 Na cor, que mostra,  
 Para ser de açucenas  
 Está de rosas.  
 O nariz não tem causa  
 De não ser lindo,  
 Pois he certo que feito  
 Foy com sentido.  
 E na boca o retrato  
 Agora pára,  
 Se nella se vê ponto  
 Eu faço pauza.  
 A belleza está nella  
 Com tanto garbo,  
 Que inda nella callada  
 Está fallando.  
 E na cor de formosa  
 Tem accidentes,  
 Pois com gotta coral  
 A vemos sempre.  
 São perolas seus dentes,  
 Mas tão pequenas,  
 Que serem netas podem  
 Das mesmas netas.  
 Jasmins andaõ na boca  
 Tão concertados,



Que sempre os vejo nella  
 De ponto em branco,  
 A neve na garganta,  
 Para estar toda,  
 He já tanta que nella  
 Se poem em dobras.  
 Suas mãos são tão alvas,  
 Que a prata dellas,  
 Inda quando vazias  
 Anda ás mãos cheas.  
 E se o marfim com flores  
 Hoje se atreve,  
 De taes mãos na brancura  
 Não porá dente.  
 Entre os dedos das outras  
 A todos cinco  
 Com dous dedos lhe póde  
 Dar quatro trincos.  
 E pois tanta brancura  
 A neve via,  
 Se quiz pôr a seus pés  
 Como vendida.  
 Jurarey firmemente,  
 Que á sua vista  
 A prata se faz branca,  
 A neve fria.

E ainda.

E ainda que os pés andem  
 Tão germanados,  
 Hum com outro se encontraõ  
 A cada passo.  
 Acabouse a pintura,  
 E se for lida,  
 Por quem tiver bons olhos  
 Será bem vista.  
 Quando a copia de todos  
 A's mãos não venha,  
 O original he certo  
 Que a todos chega.



AO



AO MARQUEZ  
DE ELICHE

Fugindo do Castello em trage  
de mulher.

*Acabão todas as Coplas com versos  
de Gongora.*

ROMANCE.

**U**Sa guardinfante Eliche,  
Eliche não uses arnez,  
Que quem te fez Castelhana,  
No te escusò de muger.  
Deixa as armas aos varoens,  
E pois na guerra cruel  
Não mataste ao Castelhana,  
Derrite a lo Portuguez.  
Fim ponha sutil navalha,  
Nacarado listaõ dé  
A' barba importuna fim,  
Al suelto cabello ley.

R O M A N C E .  
Da mesma forte que o digo  
A Senhora Eliche o fez,  
Mas não he fingido Achilles,  
Venus hypocrita es.  
Fugio do Castello, aonde  
Por ordem do mayor Rey,  
Se não rigoroso guarda,  
Guarda le tiene fiel.  
Fugio, mas certo soldado  
Seguiu a todo correr  
Nas azas do seu amor  
Las estampas de su pié.  
Namorado de seu pico,  
Em que adverte hum não sey que,  
Duvída se he divindade,  
Aunque no sabe quien es.  
Paray, lhe diz, bella Ninfa,  
Onde o supremo pincel  
Retratou a gentileza,  
Que primero espuma fué.  
Descobre os formosos olhos,  
Descobre as faces, porque  
Jure teus olhos, e faces  
Por Oriente, y por vergel.  
Nisto lhe pegou da mão,  
Açucena quiz dizer,



Que ostenta puros arminhos  
 En lasciva candidez.  
 Ficou perdido de medo  
 O feminino Marquez,  
 Sem se atrever a fugir,  
 Sin saberle responder.  
 O soldado como abelha  
 Corre á boca por beber  
 Dentro da rosa o rocio,  
 Que guarda su rosciler.  
 Porém melindrosa ella  
 Lhe pede, que mostre em vez  
 De huma vontade grosseira  
 Una inclinacion cortez.  
 O soldado lhe responde,  
 Porém indo a responder  
 Virginal pejo á Marqueza  
 Le purpureó la tez.  
 Bem que sou soldado pobre  
 No Canal venci tambem  
 Batalha, que foy taõ crua,  
 Que tan celebrada es.  
 Se agora de tus rigores  
 Vitoria o amor me der,  
 A palma unirey presente  
 Con el vicino laurel.

Neste

Neste tempo a desembuça,  
 Mas chegando-a a conhecer  
 Se esquece do que adorava,  
 Admirando lo que vê.  
 Ay de mim diz o soldado,  
 Ay de mim que conquistey,  
 Em vez de formosa dama,  
 La ingratitud de un donzel.  
 Dobroens ella lhe offerece,  
 Mas o braço Portuguez  
 De valiente, y de bizarro  
 Tiene más que de infiel.  
 Do Rey lembrado, e do Conde  
 Nas iras teme incorrer,  
 De taõ generoso Eneas,  
 Y de Achates tan fiel.  
 Acode o povo miudo,  
 E acode o grande tambem,  
 Começando em alvoroço,  
 Y acabando en tropel.  
 Diz o soldado: ora vejaõ  
 Que linda cara que tem,  
 O de Eliche hoje deshonra  
 Titulo yà de Marquez.  
 Chorosa intenta a muchacha  
 Disculparse do que fez,

Porém



Porém o ser Castelhana  
 Su mayor desculpa fuè.  
 Vendo-a chorar o soldado  
 Se tornou a enternecer,  
 E lhe disse estas palavras,  
 Que ella escucha sin desden.  
 Não choreis meu Sol,  
 Não choreis, porque  
 Não está bem ao Sol,  
 Lo que al Alba bien.

## RETRATO.

**V**I Filis a bella  
 Lume dos meus olhos,  
 Olhos de minha alma,  
 Alma de meu corpo.  
 Vi-a, e logo amor,  
 Vi a, e Febo logo  
 Quer que a pinte a cores,  
 Quer que a cante a coros.  
 Metime em debuxos,  
 E sahi com tonos,  
 Quem me fora Apelles,  
 Quem me fora Apollo.

Seu

Seu rico cabelo  
 Do mais precioso  
 Mil trofeos alcança,  
 E logra mil louros.  
 Os rayos enlaça,  
 Para mal dos olhos  
 Todo elle he nós cegos,  
 E nós cegos todos.  
 O campo da testa  
 Bello, e bellicoso  
 Faz de neve fronte  
 A esquadraõ de fogo.  
 Seus olhos rasgados  
 De avarentos noto,  
 Pois quanto mais ricos,  
 Tanto estaõ mais rotos.  
 Saõ mar de belleza,  
 Que me tem absorto,  
 E suas mininas  
 Saõ os seus cachopos.  
 Dormidos se mostraõ,  
 Mas sabem (que assombro)  
 Mais elles dormidos,  
 Que espertos os outros.  
 Altamente dormem,  
 Mas entre seus sonhos

Mais



Mais que de dormidos  
 Roncaõ de formosos.  
 Feito de Apanhia  
 Mistura o seu rosto  
 Com o branco o tinto  
 De neve entre copos.  
 O nariz, e as faces  
 Tem cambio cheiroso,  
 Ellas flores daõ,  
 Elle de Favonios.  
 A boca parece,  
 Se mal a naõ apodo;  
 Pela cor ferida,  
 Pelo breve ponto.  
 De seus dentes quando  
 Descobre o thesouro,  
 O aljofar se mete  
 Nas conchas medroso.  
 Por ser taõ tenrinho,  
 Taõ de leite todo  
 Seu collo podia  
 Andar inda ao collo.  
 He taõ rica joya,  
 Brinco taõ formoso,  
 Que todos os dias  
 O traz ao pescoço.

Poem a maõ galharda,  
 Por quem vivo, e morro,  
 O papel de tinta,  
 A neve de lodo.  
 Tudo nella he branco,  
 Porém eu me affombro  
 De topar as settas  
 Onde o alvo topo.  
 Saõ seus pés taõ breves,  
 Que estes versos toscos  
 Com ser taõ pequenos  
 Lhe ficaõ muy longos.





# A RAINHA

DE PORTUGAL

indo a Salvaterra.

*Do mesmo Author.*

## ROMANCE.

Sahe a bizarra Amarillas,  
 Alto prodigio, que encerra  
 Em corpo mais que de Venus  
 Alma mais que de Minerva.  
 Sahe em Salvaterra ao monte,  
 Mudando a sua presença  
 O' monte o prado com flores,  
 A' terra o Ceo com estrellas.  
 Mil estrellas, flores mil  
 Nas formosas Damas leva,  
 Fazendo hum campo de flores;  
 De boninas huma esféra.  
 Porém estrellas, e flores  
 Só parecem junto della

Atomos,

Atomos, que o Sol illustra,  
 Espinhos, que a rosa enfeita.  
 Mas ser atomos, é espinhos  
 De tal flor, de tal Planeta  
 He mais que ser no Ceo luzes,  
 Mais que ser flores na terra.  
 A Jerichó se encaminha  
 Sacario da penitencia,  
 Onde o rigor vive alegre,  
 Onde está rica a pobreza.  
 Affonso, aquelle Monarcha,  
 Que em mais de dous mundos reyna,  
 Gyrafol de tanta luz,  
 De taõ bella flor abelha,  
 Vendo que a linda Amarillis  
 Faz que Jerichó floreça,  
 Tirou do peito de fogo  
 Estas palavras de cera.  
 Senhora, estais mais formosa  
 Em Portugal, que em Pariz;  
 Pois lá fostes flor de liz,  
 Cá de Jerichó tois rosa.

III. Part.

I

Abu.



# A humas mãos.

## ROMANCE.

**S**enhora, essas vossas mãos  
 São sobre bellas tão lindas,  
 Que dão de mão aos arminhos  
 Na candidez, com que brilhaõ.  
 Formou-as a natureza  
 De excellencias tão subidas,  
 Que por essas mãos perderme  
 Senhora são mãos perdidas.  
 A graça tem ás mãos cheas  
 Essas vossas mãos benignas,  
 Tanto que em mãos de papel  
 Nunca todas caberiaõ.  
 Se alguém tocallas pertende,  
 As retirais tão esquivã,  
 Tão depressã, que de mão  
 Sempre ganhais na fugida.  
 Nas mãos vos vi humas letras,  
 Que dizem serem muy lindas,  
 E com ter as mãos impressas,  
 Pareciaõ manuscritas.

Nãõ quero jogar com vosco  
 As mãos, pois sois tão ladina,  
 Que como sois mão no jogo,  
 Temo ter a mão perdida.  
 Perder a mão pouco temo,  
 Se nas vossas mãos cahira,  
 Porque cahirvos nas mãos,  
 Era bem feliz cahida.  
 Nãõ digo mais destas mãos,  
 Porque são mãos tão benignas,  
 Que as trazem todos nas palmas  
 Das mãos por final de estima.  
 Sómente digo, que basta,  
 Para mãos encarecidas,  
 Dizer hum dia hum Sigano,  
 Que eraõ mãos de buena dicha.

## RETRATO

*Pelo mesmo Author.*

**R**etratar determino  
 Marcia galtharda,  
 Se na pena couber  
 Quem cabe na alma.



São seus olhos, ó Fabio,  
 Estrellas bellas,  
 Porém eu em seus olhos  
 Não tive estrella.  
 As estrellas se correm  
 A' sua vista,  
 Que ellas o saõ de noite,  
 Elles de dia.  
 Pelo que tem de grandes  
 São muy fidalgos,  
 Olhos saõ muy de corte  
 Pelo rasgados.  
 De negra cor se vestem  
 A' Portugueza,  
 Taõ graves que olhos saõ  
 De capa preta.  
 Pelo que tem de negros  
 São muy teimosos,  
 Não vi em minha vida  
 Pretos taõ forros.  
 As mininas dos olhos  
 São tres com Marcia,  
 Mas não posso ter huma,  
 Por mais que faça.  
 Se he costume das velhas  
 Ser feiticeiras,

As mininas de Marcia  
 São muito velhas.  
 Sombra negra lhe fazem  
 As sombrancelhas,  
 Porém eu que as adoro  
 Só levo a negra.  
 Os cabellos saõ, Fabio,  
 Louros, e pretos,  
 Lá fica o alvedrio  
 Pelos cabellos.  
 De crystal he a testa  
 Taõ branca, e pura,  
 Que se vê por de fóra  
 Tudo o que cuida.  
 No nariz os Poetas  
 Todos se perdem,  
 Eu me perco tambem,  
 Mas he por elle.  
 He termo, que reparte  
 Dous jardins bellos,  
 Sejaõ outros da Corte,  
 Que eu sou do termo.  
 Quem quer ver hum prodigio  
 Com Marcia falle,  
 Verá a formosura  
De face a face.



134      R E T R A T O.  
A boca he ponto breve,  
E não tem copia,  
Porque a boca de ponto  
Dá ponto em boca.  
São dous fios os dentes  
Brancos, e lizos,  
Eu estou quando os vejo  
Só por hum fio.  
Fez da barba Cupido  
Throno de prata,  
Não lhe chamem minina,  
Que já tem barba.  
N'hum cova remata,  
Mas taõ ayrosa,  
Que se póde ser morto  
Só pela cova.  
Tem de prata a garganta  
Copia taõ rica,  
Que podera dar prata  
A's naos da India.  
Quanto tem de armas menos,  
Mais rende almas,  
Que de Marcia a belleza  
Mata em garganta.  
Ao crystal torneado  
De prata fina

As

135  
As mãos de Marcia podem  
Dar duas figas.  
Mas para mim, ó Fabio,  
São mãos de pintas,  
Que em duas mãos me levaõ  
Tudo o que tinha.  
Sem os pés imperfeito  
Fica o retrato,  
Mas eu pintar não posso  
O que não acho.  
Se differ o que cuido,  
He pé taõ breve,  
Que só a minha dita  
Se iguala a elle.

## *A huns olhos.*

### R O M A N C E.

**P**Intar huns olhos quizera,  
Cujas brincadas mininas,  
Se não saõ brincos de Flandes,  
São perolas lá da India.  
Mas já que pinto aos olhos,  
Hey de pintar as mininas,  
A quem



A quem nunca as mais pintadas  
 Igualdades competirão.  
 São olhos tanto travessos,  
 Que com serem maravilha,  
 Parece que olhado dão  
 A quaesquer olhos que viraõ.  
 As mininas destes olhos  
 Merecem tanto por dignas,  
 Que na cabeça capellas  
 Lhe tem posto alabastrinas,  
 Se não he que nas capellas  
 Penitentes as mininas  
 Choraõ hoje as suas culpas,  
 Pelo que tiraraõ vidas.  
 De quando em quando se alegraõ,  
 Bem mostraõ que saõ mininas,  
 Mas antes nunca bem guardaõ  
 Del lloro para la rifa.  
 Parece que mudamente  
 Cantaõ com tal harmonia,  
 Que musicas de capella  
 Lhe chamaõ todos divinas.  
 Saõ mertras destas capellas  
 As pestauas, que por lindas  
 Todas juntas compassadas  
 Fazem compasso ás pupillas.

Saõ do brio taõ picadas,  
 Vivem com tal fidalguia,  
 Que qualquer pequeno argueiro  
 Logo aggrava estas mininas.  
 Afectaõ tanto as mudanças,  
 Andaõ taõ desvanecidas,  
 Que sempre em duas janellas  
 Assistem por serem vistas.  
 Mas he taõ grande o recato,  
 Com que vivem recolhidas,  
 Que nunca fóra de casa  
 As vio ninguem toda a vida.  
 Taõ bellas saõ, taõ fidalgas,  
 Que por sua bizarrria  
 Em as mininas dos olhos  
 Todos trazem estas mininas.  
 Saõ taõ formosas, taõ bellas,  
 Saõ taõ galantes, taõ lindas,  
 Que todos a olhos vistos  
 De tal belleza se admiraõ.  
 Saõ de taõ subido preço,  
 Saõ de taõ grande valia,  
 Que custa os olhos da cara  
 Para ver estas mininas.



# RETRATO

*Que corre com nome de D. Francisco de Mello.*

**A**O retrato de Lyfis  
 Cheguem-se todos,  
 Veraõ em poucas sombras  
 Muitos affombros.  
 Mas se tudo ao pintalla  
 Saõ impossiveis,  
 Quem me mete em debuxos  
 A mim com Lyfis.  
 Bem que se amor me ajuda,  
 E tomo a penna,  
 De belleza taõ rara  
 Direy bellezas.  
 Que he muy rico o cabelo  
 Ninguem ignora,  
 Por ter bens de raizes,  
 E ser bens moveis.  
 Se taes ondas tivera,  
 Naõ fora afronta

Ao mar de seu cabelo  
 Mandar as ondas.  
 Dirá quem vir a testa  
 Serena, e grave,  
 Que em materias de neve  
 Naõ ha mais Flandes.  
 Por ter fontes, e arcos  
 A testa branca  
 Hum rocio parece,  
 Mas he o da alva.  
 Rouba o pardo dos olhos  
 A graça aos verdes,  
 E assim logra em dous pardos  
 Mil Aranjuezes.  
 Taes pestanas os cercaõ,  
 Que o Ceo tomara  
 Guarnecer seu vestido  
 Com taes pestanas.  
 Seu nariz á belleza  
 Faz bello acinte,  
 E tudo nella he como  
 Os seus narizes.  
 Por ter boca de cravo  
 He taõ soberba,  
 Que he a boca de Lyfis  
 Huma rochella.



Os beijos encarnados  
 São tão galantes,  
 Que estão sempre com todos  
 Criando sangue.  
 Onde estão os seus dentes  
 Com tanto aljofar,  
 Vão bugiar á praya  
 Todas as conchas.  
 Para que hum Paraíso  
 Em tudo seja  
 Té maçans tem no rosto,  
 Com que nos tenta.  
 Quando quer dos ingratos  
 Tomar vingança,  
 A todos jura amor  
 Por esta barba.  
 Pois a caixa do rosto  
 He tão de guerra,  
 Que em tocando esta caixa  
 Tudo são levas.  
 Bem podera a garganta  
 De crystal rica  
 De todas as gargantas  
 Ser gargantilha.  
 Duas mãos tem tão branças,  
 Que os caramellos

De vellas ficaõ frios  
 Como hum regelo.  
 Pois o pé de brioso  
 He cousa leve,  
 Ninguem se poz em pontos  
 Já mais com elle.  
 Acabou-se a pintura,  
 Porque o retrato  
 Não sómente he perfeito,  
 Mas acabado.





AO SENHOR REY  
D. AFFONSO VI.  
DE JERONYMO BAHIA.

ROMANCE.

**M**agnanimo Don Alonso,  
Cuyo dilatado Imperio  
Ni el Sol descubre en un dia,  
Ni en un orbe ciñe el suelo.  
Vós, que igualmente servido  
Del amor, y del respeto  
Mandais en los coraçones  
De la fuerte, que en los Reynos.  
Vós, que al Leon Castellano  
Hizisteis siempre lo mismo,  
Que Sanson al Palestino,  
Y Alcides al Nemeo.  
Cuyo pecho, cuyo rostro  
Encierra, y descubre a un tiempo  
El rostro un moderno Adonis,  
Un segundo Marte el pecho.

Cuya

Cuya fuerte, y larga mano  
En noble question ha puesto,  
O' si mas se esplaya el oro,  
O' si mas si anuda el hierro.  
Igual hijo al padre Augusto,  
A quien succedeis no menos  
En la dicha, que en la sangre,  
En el valor, que en el Sceptro.  
De los bronzes ambicion,  
De los laureles empleo,  
Que en estatuas os codician,  
Que os poseen en trofeos.  
Vós, que en la paz, y en la guerra  
Pio, y justo, bravo, y cuerdo  
Sois embidia a los passados,  
A los futuros exemplo.  
Una accion muy vuestra canto;  
Pero ilustrar no pertendo  
Con mi verso a vuestra accion;  
Mas con vuestra accion mi verso.  
De Palacio ayer salistes  
En un Bucefalo nuevo,  
Por la gracia hijo del ayre,  
Por el curso hijo del viento.  
Bien descubria el cavallo,  
A un tiempo humilde, y sobervio,  
Quanto



Quanto el pezo le oprimia,  
 Y quanto le honrava el pezo.  
 El Conde os sigue famoso,  
 Que juntando dos extremos  
 A las flores de la edad,  
 Une los frutos del feso.  
 El que tiene, logra, alcanza  
 Por devoto, fiel, modesto  
 La gracia, el amor, y aplauso  
 De Dios, del Rey, y del pueblo.  
 Siguen muchos, bien que raros,  
 Titulos, y Cavalleros,  
 Raros, si el valor estimo,  
 Muchos, si el numero cuento.  
 Al fin la guardia, que os ciñe,  
 Por pompa, y no por rezelo,  
 Que para guardaros basta  
 Nuestro amor, ó vuestro esfuerço.  
 De aquesta suerte salistes,  
 Quando fué divino objecto  
 De los Reyes el mayor,  
 El mayor de los misterios.  
 Cielo bolvia a la calle  
 El Sol de los Sacramentos,  
 Todo a los ojos de nieve,  
 Todo a las almas de fuego.

Llevava

Llevava el Señor divino  
 ( Que merced ) a un pobre siervo  
 Del espirito el regalo  
 En el combite del cuerpo.  
 Vós entonces reverente,  
 Al cifrado Dios inmenso  
 Os derribais del cavallo  
 Con caida, que fué buelo.  
 Baxais, y subis a un punto  
 Con el pié, y el pensamiento,  
 Baxais del bruto a la tierra,  
 Subis de la tierra al Cielo.  
 El pecho heris con la mano,  
 No se si puertas abriendo  
 Al coraçon para fuera,  
 O' al señor para dentro.  
 Mucho mas, que con los passos,  
 Le seguis con los affectos,  
 Bien como al norte el iman,  
 Como al iman el azero.  
 Llegais las dos Magestades,  
 Y al feliz, si pobre enfermo,  
 Dios le dá remedio al alma,  
 Vós a la vida remedio.  
 Ambos le dais liberales  
 Dios de gracias, vós de precios,

III. Part.

K

Dios



Dios, con que muera dichoso,  
 Vós, con que viva contento.  
 Mas Dios su ruego escuchando,  
 Vós sin escuchar su ruego,  
 Que a Dios pidió la Eucharistia,  
 Y a vós no pidió el dinero.  
 Sin subir la petición,  
 Baxó la merced, y luego,  
 Que llegastes a mirarlo,  
 Corristes a socorrerlo.  
 Buelve el Señor a su Iglesia,  
 Y vós a su seguimiento,  
 Fatigando os el camino  
 Por cerca, que no por lexos.  
 Allí la acción admirada  
 De mil virtudes compendio,  
 Si fué humildad empuçando,  
 Fué grandeza feneciendo.  
 Gran copia de metal rubio  
 Distes al Dios encubierto,  
 El deteneros pagando,  
 El servirle agradeciendo.  
 Los passos pagais, que andastes,  
 Que hizereis, Monarcha excelso,  
 Si fueran mercedes suyas  
 Los que son servicios vuestros.

O' rara

O' rara de amor fineza,  
 De fineza alto portento,  
 Vós pagais solo obligando,  
 Los otros pagan deviendo.  
 Mas con razon le pagais  
 Los mismos, que hazeis obsequios;  
 Porque de Dios el servicio  
 Esse del hombre es el premio.  
 Esta fué la acción gloriosa,  
 Que relato, no exagero,  
 Porque es su propia verdad  
 Su proprio encarecimiento.  
 Con ella Señor puzistes  
 Hombres, y Dios en empeño;  
 Los hombres de mas serviros;  
 Dios de mas favoreceros.  
 Sea pues el templo, adonde  
 Llevais el Monarcha eterno,  
 Como templo á su Deidad,  
 A vuestra memoria templo.  
 Vida tan feliz, tan larga  
 El os dé, que hagan exceso  
 Los triunfos a los dias,  
 Los dias a los deseos.  
 Heroica digna esposa  
 Os solicite Hymeneo,

K 2

To la



Toda Palas en virtud,  
 Solo en hermosura Venus.  
 Llegue dulce, fertil copia  
 De Reales hijos bellos,  
 Para la succession tarde,  
 Para el regozijo presto.  
 Mar, y viento a vuestras flotas  
 Se mostren tan lisongeros,  
 Que parezca blando, y facil  
 El mar rio, y aura el viento.  
 Si quizieres más vitorias  
 Del Castellano, ó Gallego,  
 Antes que nuestro valor  
 Los mate su proprio miedo.  
 Para anales, y poemas  
 (Pues yó tan alto no buelo)  
 Los Tacitos resusciten,  
 Y renascan los Homeros.  
 O' quando no, se transforme  
 (Que desta suerte bien puedo)  
 En lengua mi coraçon,  
 Mi voluntad en ingenio.  
 Al fin despues yá que todo  
 El antigo mundo, y nuestro,  
 Que aora os admira invicto,  
 Os reconociere dueño.

Mas orbes, que mandeis, nascan,  
 Que si os conocen, espero,  
 Que por vós lloren los mund,  
 Como Alexandro por ellos.  
 Vós, y Jove tierra, y Polo  
 Solos regid, preste obsequio  
 El Polo al sexto Planeta,  
 Y la tierra a Alonso el Sexto.





NO DIA, EM QUE  
fez annos ElRey

## D. AFFONSO VI.

*Do mesmo Author.*

### ROMANCE.

**N**Esta luz taõ venturosa  
Contaes Augusto Monarcha  
Com mais hum anno de vida  
Hum seculo mais de fama.  
Annos contaes; porẽm nelles  
Nunca o tempo faz mudança,  
Os dias todos saõ grandes,  
Saõ todas as noites claras.  
Nenhum dia o tempo leva,  
Antes a menor façanha  
Mil annos ao tempo furta,  
Mil á memoria consagra.  
Transforma ao tempo a virtude;  
Pois com maravilha estranha,

Quant

Quando como tempo corre,  
Como eternidade pára.  
O tempo, que he já passado,  
Inda presente se chama;  
Pois para a memoria fica,  
O que para o tempo passa.  
Naõ voa, antes pára o tempo,  
Que vossa fatal espada  
As pennas, que ao tempo corta,  
A eternidade as apara.  
Na vossa idade dous tempos  
Chora Iberia, e Lysia canta;  
Lá faz vosso esforço os frios,  
Cá vosso amor faz as calmas.  
Nos vossos seus annos dobra  
A serpente Lusitana,  
A que abraça, antes abriga  
Dous mundos com duas azas.  
Mas naõ sey como faz annos  
Quem adora ao Sol de França,  
Que os annos para quem vive  
Saõ dias para quem ama.  
Naõ sey como os faz quem todos  
Tanto em nosso augmento os gasta  
Que saõ mais, que seus, alheos,  
Mais, que do Rey, saõ da patria.

Só



R O M A N C E .  
Só sey, que os annos vaõ cheyos  
Mais, que de mezes, de palmas,  
Mais, que de dias, de prendas,  
Mais, que de horas, de esperanças.  
Oh contem-se Augusto Herôe,  
Oh contem-se vezes tantas,  
Que vivais senhor nos annos  
Muito mais, que nas estatuas.  
Durem menos, que Affonso,  
As que para imagem raras  
Bronzes Corintho já funde,  
Marmores Paro já lavra.  
Qual o nome, a vida seja  
Da Magestade mais alta;  
Porque logre eterna vida  
Quem perpetuo nome alcança,



153  
A O C O N D E  
D E C A S T E L M E L H O R

Nas festas do casamento delRey

D. A F F O N S O V I .

D E J E R O N Y M O B A H I A .

R O M A N C E .

N As festas do grande Affonso,  
A quem sobre mil trofeos,  
Por naõ ter já louros Marte,  
Coroou com murtas Venus.  
Nas festas de Affonso o grande  
Sahistes, ó Conde excelso,  
Deste Alexandre mais digno  
Hefestiaõ mais aceito.  
Taõ alteroso sahistes,  
Que ficastes parecendo,  
Mais que homem sobre cavallo,  
Sobre elefante castello.  
Taõ valente, ayroso tanto,  
Que em vos mostrar forte, e bello,  
Adonis



Adonis de Marte á força,  
 Marte de Adonis o gesto,  
 Sahistes de ouro, e de azul,  
 Que de vós foy sempre o mesmo,  
 Que pronunciar verdades,  
 Dizer encarecimentos.

As cores do Ceo vestistes,  
 Tacitamente dizendo,  
 Que de lá baixais as cores,  
 Aonde subis os affectos.

Estrellavaõ com mil joyas  
 A cor do Ceo; porém menos  
 Saõ as joyas do vestido,  
 Do que as prendas do fogeito.

De dous ventos viva imagem  
 Parece o bruto ligeiro,  
 Do Zefiro por ayroso,  
 Do Noto por turbulento.

Veste Ofir, Potosi calça;  
 Porém mais ufano o vejo,  
 Que pelo preço das minas,  
 Pelos quilates do pezo.

Na galharda escaramuça  
 Correstes com tal acerto,  
 Que fostes da fama espora,  
 E fostes da inveja freyo.

Fizestes

Fizestes mil labyrinthos,  
 Desfizestes mil enredos,  
 Como Dedalo com arte,  
 Com valor como Theseo.

Em fim delles vos sahistes  
 Como o segundo, e o primeiro,  
 Acertando sempre o voo,  
 O fio nunca perdendo.

Dos olhos do Reyno fostes  
 Quasi singular objecto,  
 Que por dar ao Reyno ouvidos  
 Levais os olhos ao Reyno.

De pensamento mudastes  
 Em sahindo do terreiro,  
 Porque o mudar do cavallo,  
 Foy mudar do pensamento.

Nas canas entrastes logo  
 Num bruto pompa do Tejo  
 Cyllaro do melhor Castor,  
 Ethonte do melhor Febo.

O generoso cavallo  
 No desfamar do duello  
 Foy mapa das quatro partes,  
 Cifra dos quatro elementos.

Foy Asia no regalado,  
 America no opulento,

Foy



Foy Africa no fogoso,  
 Europa foy no soberbo.  
 Da terra, mar, vento, e fogo  
 Foy agradavel compendio,  
 Fogo a vista, mar a boca,  
 Monte o corpo, a planta vento.  
 Neste vibrando oito canas,  
 E oito canas recebendo,  
 Déstes feridas sem sangue,  
 Voltastes costas sem medo.  
 Foy vossa illustre quadrilha  
 De seis altos cavalheiros;  
 Mas sendo de seis a conta,  
 Foy de hum só no movimento.  
 A hum mesmo tempo as adargas,  
 As canas ao mesmo tempo  
 Pareceraõ de hum só braço,  
 Sendo de pulsos diversos.  
 Correm, paraõ taõ unidos,  
 Que parece foy regendo  
 Seis freyos huma só maõ,  
 Os seis brutos hum só freyo.  
 Vistes, excellente Conde,  
 Aquelle gigante Ibero  
 Fundido, catalhado, etculpto  
 Em bronze, marmore, ou lenho.

Vistes

Vistes Geriaõ triforme,  
 Que tinha ( raro portento!)  
 Tres corpos num corpo só,  
 Que hum fazia o que era terno?  
 Pois assim, Geriaõ dobre,  
 Vossa quadrilha estou vendo  
 Com seis corpos num só corpo,  
 Que fez hum o que era sexto.  
 Vós de todos Capitaõ,  
 Vós de todos companheiro,  
 Com affectar igualdades  
 Naõ encobristes excessos.  
 Naõ mais Thalia, naõ mais,  
 Que o mesmo merecimento,  
 Que o louvor me persuade,  
 Me persuade o silencio.



FABU



# FABULA

DE  
JUPITER, E EUROPA.

DE JERONYMO BAHIA.

**C**anto sonoros mugidos;  
E as cornigeras melenas  
De hum Deos, que se deo ao pasto  
Por ser amigo da herva.  
Item mais de Europa a sorte,  
Aquella Nynfa toureira,  
Que a flor ganhada em Fenicia  
Veyo a perder junto a Creta.  
Outro si canto o poder  
Daquella deidade cega  
Que tem no seu arco a mira,  
E nos seus olhos a venda.  
Minhas Musas, Graças minhas,  
Estas tres, e nove aquellas,  
Que não sois deusas das duzias,  
Sendo huma duzia de deusas,

Pois

Pois que sempre vos servi,  
Emprestay-me nesta empreza  
Muito do vosso favor  
Sobre minhas poucas prendas.  
E vós, ó Marcia formosa,  
E vós, ó Marcia discreta,  
No engenho mais que Belis,  
No rosto mais que belleza.  
Esta Fabula admitti;  
Pois he bem que se offreça  
A' gentileza de Europa  
De Europa a môr gentileza.  
Rey de Sidonia, e de Tyro  
Tinha Agenor tal grandeza,  
Que a todos os Reys do Mundo  
Vender purpuras podera.  
Este tal houve huma filha,  
Europa o Mundo a nomea;  
Mas tudo tinha do Ceo;  
E nada tinha da terra.  
Seu cabello de Pactolo,  
Preciosa injuria crespa,  
Tinha mais ouro nas ondas,  
Que o Pactolo nas areas.  
O monho da gentil Daphne  
Lhe não fará competencia,

Bem



Bem que depois de ser verde,  
 De ser louro ainda não deixa.  
 He templo de amor seu rosto,  
 Por final que sempre accesas  
 Duas alampadas ardem  
 De seus olhos nas capellas.  
 Mil frechas tem nas pestanas,  
 E bem he, que frechas tenha  
 Quem por ter negros os olhos  
 Lhe estaõ a matar as frechas.  
 Nos olhos, e mais nas faces  
 Ter espadas se sospeita;  
 Pois elles saõ como punhos,  
 E saõ como maças ellas.  
 He seu nariz da melhor  
 Fidalguia Portugueza,  
 He hum faro, e de dous Faros  
 Desce por linha direita.  
 Contra perlas, contra rosas  
 Irada a boca se ostenta;  
 Pois a rosa morde os beiços,  
 Traz entre dentes as perlas,  
 Com o marfim, e com crystal  
 Teve a moça mil contendas;  
 Inda os traz atravesados  
 Na gentil garganta tenra.

Muito

Muito á prata deve, muito  
 A' linda maõ de açucena;  
 Porque sempre a traz ás costas,  
 Sempre nas palmas a leva.  
 He por alvo, e por redondo  
 Seu rosto de neve pella;  
 Taõ alvo, que póde ter  
 A mil arminhos as pellas.  
 He muito agudo seu pé,  
 E não he pouca modestia;  
 Que sendo seu pé taõ agudo,  
 Nunca em pontos se meta.  
 No rosto de seu çapato  
 Se o menor pique se dera,  
 Fora a mayor cutilada,  
 Pois fora de orelha a orelha.  
 Ay, que me fuy esquecer  
 Das sobrançellas, e testa;  
 Mas belleza, que he taõ rica,  
 Bem he, que esquecidos tenha.  
 Esqueceo, mas foy bem feito,  
 Que por taõ alva, e taõ negras  
 A testa ficasse em branco,  
 No tinteiro as sobrançellas.  
 Este he, Marcia, o seu retrato  
 Antes mais vosso, que della;

III, Part.

K

Que



Que vós me déstes as tintas,  
 Como me déstes as pennas.  
 Só nas franças variey,  
 Ella as tem louras, vós negras;  
 Porque ser como vós linda  
 Se lhe naõ meta em cabeça.  
 Esta pois belleza rara  
 Por huma manhã serena  
 Veyo a ser parca das flores,  
 Sendo que he prodiga dellas.  
 Na maõ traz cestinha de arco,  
 Por final que a maõ bella  
 Sinco settas de crystal  
 Punha no arco da cesta.  
 Guarnecia hum culto prado  
 As galas da primavera  
 Com botoens de rosa ardente  
 Casas de esmeralda fresca.  
 Fino lenço, lenço em folha,  
 Nelle a candida açucena,  
 O pranto da aurora enxuga,  
 Alimpa o suor da esféra.  
 Junto do cravo suave,  
 Junto da viola bella  
 Poem o galhardo jacintho  
 Tristes sim, mas doces letras.

O namorado narciso  
 Seu mesmo rosto requebra;  
 Taõ maltratado de amor,  
 Que se vê, e se defeja.  
 Destas boninas, e de outras,  
 Que Flora do prado deosa  
 Supposto que as lança á margem,  
 Com tudo naõ as despreza.  
 Destas, e de outras boninas  
 Colhia a Tyria Princeza  
 Mil partos sem alguns medos  
 De que Cupido a colhera.  
 Elle a vio, posto que cego,  
 E logo sem mais detença  
 Huma setta a Jove tira,  
 Antes lhe mete huma setta.  
 Jupiter entaõ bebia  
 Com Vulcano, e Bacho nectar,  
 Este deos de Peramanca,  
 Aquelle da manca perna.  
 Tanto que se vio ferido,  
 Hum rayo pedio com pressa  
 Contra amor, que he das deidades  
 A mais grande, e mais pequena.  
 Bacho lhê acudio, dizendo  
 Ser notavel indecencia,



Que quem he mata gigantes,  
 Ser mata mininos queira.  
 Tu a mim? responde o amor,  
 Eu farey, deos das tavernas,  
 Que tu ás tavernas fujas  
 Por seguir as minhas vendas.  
 Não sabes tu, que a hum Jove,  
 A quem as deidades immensas  
 Todas daõ paternidade,  
 Eu só nego reverencia?  
 Não sabes, que cisne sou  
 Vestindo amorosas pennas;  
 Para mostrar sendo cisne  
 Ser alvo de minhas settas?  
 Não te lembra que o foste  
 (Tendo hum rayo por parteira)  
 Mais pantorrilha, que parto,  
 Da barriga de huma perna?  
 Pois que blasonas de Jove,  
 Se vês que me taõ defenta  
 Os louros, que delle alcanço,  
 Dos rayos, com que peleja!  
 Eu o queimarey de sorte  
 Nas luzes desta donzella,  
 Que fique deos da chamusca  
 Para dar final da queima.

Al não disse; e Jove logo  
 Os olhos na moça emprega,  
 Vendo suas maravilhas,  
 Seus bem me queres deseja.  
 Em touro se transformou,  
 Mas desmentio a braveza  
 Tanto, que em pelle de touro  
 Parece carne de ovelha.  
 Mas de amor temendo as iras,  
 Com devoção não pequena,  
 Se lhe não canta estes versos,  
 Estas oraçoens lhe reza.  
 Cupido, seja teu arco  
 Iris de minha tormenta,  
 Se he que o arco de hum minino  
 Póde fer arco da velha.  
 Hagamos las pazes oy,  
 Pois publica, pois confessa  
 Por mayor, por mais sublime  
 Teu poder minha potencia.  
 Abrandame esta Senhora,  
 Oh não permittas, não queiras,  
 Que sobre me ver cornudo,  
 Aporreado me vejas.  
 Dame tanta mansidaõ,  
 Quea rapaza me não tema;



Não seja touro de capas  
 Mas touro de mantas seja.  
 Entre as mais flores me aceita,  
 Que eu te prometto, que tenhas  
 Em mim hum amor perfeito,  
 Huma vontade perpetua.  
 Eu nunca casey com boy,  
 Tu pois me ensina estas tretas;  
 Já que sobre ser aljava  
 A teus virotes sou bésta.  
 Feito fabula do povo  
 Me tem tuas sutilezas;  
 Mas não permittas, acabe  
 Minha fabula em tragedia.  
 Bem mereço por ser boy  
 Ter nos amores estrella,  
 Que em fim a estrella de Venus  
 Se chama estrella boeira.  
 Ouvio seus rogos Cupido,  
 Por achar que era fereza,  
 Sobre ter cegos os olhos,  
 O ter surdas as orelhas.  
 Junto estava de huma fonte  
 A fidonia zagaleja  
 Taõ linda, que o dito boy  
 Na agua bebella podera.

Pé ante pé chegou Jove,  
 E se sentou junto della  
 Taõ quedo que a moça o sente  
 Só depois que elle se senta.  
 Ficou perdida de medo,  
 Vendo taõ perto a féra,  
 Quiz largar ao touro o corro,  
 Porque este rifaõ lhe lembra.  
 Mas a fugir não se atreve,  
 Que ter sorte desespera,  
 Porém bem que não fugio,  
 Se vio a Ninfa em mil pressas.  
 Muy de guardame las vacas  
 O touro as plantas lhe beija,  
 As plantas, com que a pés juntos  
 A neve o candido nega.  
 Europa se facilita  
 Vendo, que o bom do boy era  
 Hum animal taõ caseiro,  
 Que ser caçado podera.  
 As mãos aos cornos lhe lança,  
 E das que achou na floresta,  
 Sobre a capella de cornos  
 Lhe poem de flores capella.  
 Em fim no baixel vivente  
 Chegou ás prayas de Creta



Por muitas partes falgadas,  
 E por outras tantas frescas.  
 Em fim touros a cavallo  
 Corre, e com tanta festa,  
 Que não ha touros, nem canas  
 Como ver suas carreiras.  
 A's costas a leva o touro,  
 Mas minto, que desta feita  
 Não a leva o touro ás costas,  
 Antes aos mares a leva.  
 Posto que o bruto sutil  
 A furtou com tal destreza,  
 Que ficou muy grande arpista,  
 Sendo já muy graõ corneta.  
 Por fulcar o mar marinho  
 Não o touro se nomea;  
 Mas eu entendo, que foy  
 Este touro caravella.  
 Mudou Jupiter a pelle,  
 Porém foy só na apparencia;  
 Pois bem que a pelle mudou,  
 Na vida não poz emenda.  
 Poz Jove o touro no Ceo,  
 E porque foy nesta empreza  
 No mar passado por agua,  
 Ficou estrellado na esféra.

Com

Com isto não sou mais largo,  
 Se a Musa não foy honesta,  
 Saibaõ, que em festa de touros,  
 Se sofre o fallar careta.



A' BA-



# A BATALHA DE ELVAS,

*Em que o nosso Exercito venceo o Castelhana, que a tinha sitiado havia oitenta dias, e hia por General o Conde de Cantanhede D. Antonio Luiz de Menezes, e do Castelhana o era D. Luiz Mendes de Haro, privado del Rey de Castella, em 14 de Janeiro de 1659.*

## DE JERONYMO BAHIA.

### ROMANCE.

**P**OR mostrar que nos seus treze  
Estavaõ de Reyno as forças,  
E que dá treze por duzia  
Portugal, quando não zomba.  
Partio de Estremoz aos treze  
De Janeiro, o que renova  
O valor de outro Menezes,  
Que assombrou Africa, e Europa.  
Vinha cantando as Janeiras  
A soldadesca briosa,

Janeir

Janeiras, que aos Reys de Hespanha  
Hoje he canto, que magóa.  
Marchava o Exercito todo,  
A cavallaria em tropa,  
Mas não marchou na lição,  
Que deo a Castella toda.  
Chegando á ferra do Bispo  
Se deraõ ordens em fórma,  
E se imprimio no caracter  
Valor á gente briosa.  
O General a conselho  
Os vinte Cabos convoca;  
Cabos de boa esperanza,  
Principios desta vitoria.  
Votaõ, que a todo o risco  
Logo a praça se soccorra,  
Que como isto he jogo de Haro,  
Quem tem mais riscos, mais logra.  
Que ainda que nas mãos passadas  
Não fosse a fortuna boa,  
Com tudo no jogo de Haro  
Sempre se trocaõ as bollas.  
Vindo a cabe de palheta,  
Sem cabe peço, ou reposta,  
Além do Haro lançassem  
As bollas com toda a força.

Sabiaõ



Sabiaõ bem os votantes,  
 Que estavaõ todos á roda,  
 Que quem o Haro naõ passa,  
 Dá hum de curto, e maõ fóra.

Porém que como este jogo  
 He de mininos de escola,  
 Que se jogasse a espadilha,  
 E o jogo de masso, e mona.

Concludas as razoens  
 O clarim, que tudo atroa,  
 Deo final de acometer,  
 E os nobres peitos esforça.

Acometem as trincheiras  
 Com tiros, ballas, e bombas;  
 Foy tudo em huma poeira,  
 E Castella em polvorosa.

Bem como quando no corro  
 Entra o roubador de Europa,  
 Já do povo perseguido,  
 Picado já das garrochas.

Pertende romper trincheiras  
 Por huma parte, e por outra,  
 E por mais que lhe resistaõ,  
 Tudo rende, e tudo prostra.

Rompendo já pelas ruas,  
 Huns se metem pelas portas,

Outros

Outros lhe largaõ as capas,  
 Este lhe assobia ás botas.

Assim o Portuguez duro,  
 Tanto que as trincheiras topa,  
 O mesmo foy porlhe os hombros,  
 Que fazer tudo em mil postas.

Taõ grande cabe se deo  
 A Castella, e em tal hora,  
 Que as bollas, e o Haro foraõ  
 Pela ré, ou raya fóra.

Era processo infinito  
 Relatar toda a historia,  
 Porque o mais triste soldado  
 Ao menos tinha huma copla.

Só digo, que o Castro forte,  
 Que he mestrre de campo agora,  
 Fez que esses quarteis contrarios  
 Ficassem campos de Troya.

O Furtado, General  
 Da artelharia mais grossa,  
 O corpo nunca furtou  
 Ao trabalho a toda a hora.

Furtado seja elle sempre  
 Da morte a essa triste sombra,  
 E seja sempre hum Furtado,  
 Aonde o valor se esconda.

Com



Com temerario valor  
 O'graõ Sylveira se arroja,  
 Entrando pelos contrarios,  
 Como por sua casa propria.  
 Desculpado está Fernando,  
 Porque bem claro se mostra,  
 Que naõ morreo de vencido,  
 Mas cançado da vitoria.  
 Oh Albuquerque terrivel!  
 Neste passo a voz se engrossa,  
 Pois vejo entre tantas palmas  
 Negros ciprestes agora.  
 Porém as Ninfas do Tejo,  
 Que agora só por vós choraõ;  
 Vos haõ de plantar mil palmas  
 Ao redor da vossa cova.  
 Quando queria cantar  
 Vossa espada vencedora,  
 Vejo a Parca Castelhana  
 Rendervos a melhor força.  
 Vós valeroso soldado  
 Déstes principio á vitoria,  
 Que por morte nos deixastes,  
 Como se legado fora.  
 Nos fios da vossa espada  
 Se fiava a gente toda,

E com

E com razaõ, que esses fios  
 Cortaraõ linhas taõ grossas.  
 Em quanto o amante de Daphne  
 Anda n'humã viva roda,  
 Vós fereis cá suspirado,  
 Eterna saudade nossa.  
 O Haro, que estava vendo  
 O jogo, disse: Má bolla,  
 E virando logo culos,  
 Se colou sem abrir boca.  
 Já vi a bolla colarse  
 No aro, quando se joga,  
 Aqui o Haro colouse  
 Sem ter beneficio, ou coroa.  
 Portugal muito lhe deve,  
 Que em fim segundo se conta  
 Nos deixou isso, que tinha  
 Em vida, o que muito monta.  
 Tambem deve a Portugal  
 Deixar riquezas, e pompas,  
 Seguindo aquelle Euangelho:  
 Ecce reliquimus omnia.  
 DelRey era só privado  
 Quando entrou cá nesta zona;  
 De cá mais privado foy  
 De mobilia, e mais de honra.

O Du-



O Duque de São Germaão  
 Vay dizendo mal da boda,  
 Veyo a darlhe na cabeça  
 Tanto ardid, tanta tramoya.  
 Deixaraõ toda a bagage  
 Pela da nossa azeitona,  
 Que he força, que ainda lhe amargue,  
 E que o caroço se roa.  
 Ficaraõ muitos mosquetes,  
 Porque a muitos deo a mosca,  
 E quasi todos moscaraõ,  
 Huns á sirga, outros á toa.  
 Naõ houve pá de forneira,  
 Nem algiba, nem corcova;  
 Mas ficou Castella a pé,  
 Que foy mayor esta rota.  
 Em fim a bulha foy tal,  
 Que homem de bem pouca estofa  
 Chegou a andar em pelouros,  
 Como se Vereador fora.  
 Quanto ao numero dos mortos  
 Naõ sey dizer o que monta,  
 Que desles mortos contados  
 Morre depois grande soma.  
 Como tordos, como melros  
 Vinhaõ picar na azeitona;

Mas

Mas ficaraõ na aboiz  
 De Castella os passarolas.  
 O Conde de Medelhim,  
 E outros titulos de conta  
 Para titulo ficaraõ  
 Desta vitoria famosa.  
 Em pagar logo o que deve  
 Castella he taõ primorosa,  
 Que nos pagou tres quarteis  
 A' vista das nossas folhas,  
 A vós, illustre Menezes,  
 A vós Senhor tambem toca  
 Dizer o que disse Cesar:  
 Vim, vi, venci em huma hora.  
 A terça feira fatal,  
 Que aos Menezes assombra,  
 Vós lha tornastes feliz,  
 Aos Castelhanos medonha.  
 Podeis dispor desta terça,  
 Como cousa tanto vossa,  
 Se bem que esta terça dizem,  
 Que saõ tudo bens da coroa.  
 Tinheis já feito na quinta  
 Hum novo Chipre em Lisboa;  
 Porém agora na terça  
 Fizestes melhores obras.

III. Part.

M

Hey:



Hey-me de encontrar com vosco

Quando sahe a bella aurora;

Pois dais taõ alegres dias,

E taõ bons annos agora.

Sois Josué Portuguez,

Viver quero á vossa sombra,

Taõ grande dia em Janeiro

Naõ sey que outro fazer possa.

Por ventura andaré em vós

Aquella alma venturosa

Do graõ Nuno Alves Pereira

Por virtude Pitagorica?

Sahis assim de repente

Pondo da milicia escola,

Por certo que tendes graça,

Nella tenhais muita gloria.



AO REGIMENTO  
DO CONDE  
DE REBAT,

*Destruído pelos Portuguezes na insigne batalha de Montes Claros no anno de 1665, o qual trazia para mayor terror barbas postiças.*

S Y L V A.

DE JERONYMO BAHIA.

**A** Codime, ó graõ Musa,  
Com vossa frase clara, e naõ confusa,  
Inspirayme o burlesco  
Estylo festival, estylo fresco:  
Acodime sem falha,  
E convertey-me a penna em tal navalha,  
Que possa eu só com ella  
Barbear de huma vez toda Castella,  
E com maõ mais serena  
O General das barbas Caracena,



Posto que fez taes tretas,  
 Que mereçe ser rapado ás pandarétas.  
 Para que traz barbados  
 O Senhor Caracena os seus soldados,  
 Armando muy farfantes  
 Corpos pygmeos com barbas de gigâtes?  
 Quer, que tenhamos medo  
 Sabendo, que brigamos a pé quedo?  
 Engana-se por certo;  
 Muito menos tememos mais de perto;  
 Bem vio, que não fugimos,  
 Antes vio, que nas barbas lhe cuspimos,  
 E que tanto chegamos,  
 Até que pelas barbas lhe puxamos.

O Portuguez se puxa  
 Por barbas grandes, quaes as da Cartuxa,  
 Ao primeiro encaxo  
 Barbas, e queixos tudo vem abaixo.  
 Que bons meninos somos  
 Para temer de cocos, e de momos!  
 Com barbas, e bigodes  
 Emprestadas de cabras, e de bodes,  
 Que taes me pareciaõ  
 Bodes em pé, ou cabras, que subiaõ,  
 Quando pelo outeiro  
 De Montes Claros vinhaõ ao matadeiro.

Aqui

Aqui com as mosquetadas  
 As barbas lhe ficaraõ chamuscadas,  
 Porque qualquer faisca  
 Pegava nellas, como pega em isca.  
 O Marquez de Marialva  
 Da Patria pay, porque a Patria salva,  
 Com garbo, e com destreza  
 Os barbeou muy bem á Portugueza.  
 O Conde de Schomberg,  
 Que nas batalhas obra quanto quer,  
 Lá pela sua arenga  
 Tambem lhe fez a barba á framenga.

Os mais nesta rasoura  
 Serviraõ de navalha, e de tizoura;  
 Algum por agua quente  
 As barbas lhe lavava em fangue ardente;  
 Outro por sabonete  
 Lhas untava com balas de mosquete;  
 Outro com maõ pezada  
 Nas miserandas barbas a espada  
 Por verdugo lhes punha,  
 Mais amolado, que o de Catalunha,  
 Com taõ rayvoso fio,  
 Que correndo logo alli o fangue em fio;  
 Nem de correr cessava,  
 Nem das barbas a estopa lho yedava.

Outro,



Outro, fallo verdade,  
 (Não dar dor, nem era impiedade)  
 Era hum prazer vello  
 Das barbas arrancar couro, e cabelo,  
 Sem que nellas deixasse  
 Hum só cabelo, que testemunhasse  
 Ter barba alli nascido  
 Para jurar por ella, nem crescido.  
 Outros imaginavaõ,  
 Que cõ fouces nas mãos herua cegavaõ;  
 Não he frase proterva  
 A semelhantes barbas chamar herua;  
 Ainda as não maltrato,  
 Podera-lhe chamar restolho, ou mato,  
 Pois assim lhas roçaraõ,  
 Que nem raizes nellas lhes deixaraõ.

Destá forte esta gente  
 Sem barba ha de ficar eternamente;  
 Mas de lá avisaraõ,  
 Que dous ceirões de barbas sobejaraõ;  
 E barbas com ceirões  
 Logo mostraraõ ser de carretoens.  
 Oh que bello despojo  
 Para nelles pegar fogo de tojo!  
 Oh que bellos entulhos  
 Para fazer fachina, e que vasculhos

De

De Gil barbeiro temos,  
 Com q̃ as casas varramos, e esfreguemos,  
 Que bons espanadores  
 Para facodir pó dos corredores;  
 Tambem a minha cella  
 Hey de espanar com barbas de Castella,  
 E quando as queira honrar,  
 Os hysopes com ellas hey de ornar,  
 E dizer como posso  
 Pelo Terço das barbas *Padre Nosso*.

Por tanto, ó Caracena,  
 Se cuidaveis causarnos medo, e pena  
 Com soldados barbudos,  
 Sabey, que Portuguezes carrancudos  
 Em todas as emprezas  
 Vos haõ sempre de ter as barbas tezas.  
 Já viraõ, que com gatas  
 Lhe viesstes lançar estas barbatas;  
 Por isso as gatas deraõ  
 Com o gato nas barbas, que trouxeraõ.  
 De temor estaõ longe  
 Vossas barbas, se a barba não faz monge,  
 Que muito, que não faça  
 Hum soldado temido huma barbaça,  
 Só Sanção foy temido  
 Pelo valor, que teve escondido

Dentro



Dentro na cabelleira;  
 Saõ os vossos Sanções de outra maneira,  
 Das barbas a grandeza  
 Lhe descobrio dos braços a fraqueza.

Sendo pois General  
 Com barbas não torneis a Portugal;  
 E se para tirardes  
 As vossas de vergonha, cá tornardes,  
 Por taõ louco defenho  
 Do grãde Apollo as barbas vos empenho  
 E por quanto ha superno  
 Vos juro, e pelo mesmo lago Averno,  
 Que se por cá vos acho,  
 Vos hey de pôr hum fero barbicacho;  
 E se por cá vos pilho,  
 Vos hey de pôr hum valente barbilho,  
 E se por cá vos colho,  
 Vos hey de pôr as barbas de remolho,  
 Em agua ardente fina,  
 Em que toda se pelle por mo fina.

SONETOS VARIOS  
 DO MESMO JERONYMO BAHIA:

*A hum Gyrasol*

SONETO.

**A** Mante Gyrasol, aguia das flores,  
 Que cõ vista de brõze em olhos de ouro  
 Cõtas no louro deos, no deos do louro  
 Iguaes a suas luzes seus ardores.  
 Tu, que finezas mil, e mil rigores  
 Mostras sê premio, e vestes sê deidouro,  
 Pallido pelo amor, pelo Sol louro  
 Cores de seu amor, de teu Sol cores.  
 Tambem pallido sou, tambem amante,  
 Hú Sol amo també, pois quero a Estel-  
 E se foge veloz, figo constante. (la,  
 Mas eu te venço a ti, vence ao Sol ella,  
 Pois es no mar pygmeo, eu sou gigante,  
 Estrella he Sol na luz, e o Sol Estrella.



AO SENHOR  
CONDE DA TORRE,

*Matando hum touro de huma só cutilada,  
e riscando a terra com a espada.*

Do mesmo Author.

SONETO.

**D**Ais golpe tal, ferida taõ rasgada  
No roubador de Europa, excelfo Cõde,  
Que nem o golpe á espada correspõde,  
Pois o golpe he mayor, menor a espada.  
Do valor forte a féra dextra armada  
Publica o ferro, quando o ferro escõde,  
E mais cortara, mas faltoulhe adonde,  
Ficou mais de hũa morte esperdiçada.  
Cahe o graõ bruto sobre a grã ferida,  
E bem que cahe o bruto desta sorte,  
Manifesta a deixou mais que escondida.  
Caverna abrio taõ grande o braço forte,  
Que pode a féra mais que dividida  
Ter sepultura no que teve a morte.

AO

AO SERENISSIMO SENHOR  
D. PEDRO

SENDO INFANTE.

*Do mesmo Author.*

SONETO.

**O**De tronco Real Augusta rama,  
Que ao Ceo cá desde a terra se remonta  
Se entre os Reys Lusitania vos não cõta,  
O Mundo entre os Heroes vos acclama.  
Com merecidos titulos vos chama,  
Cá dõde o Sol se occulta, e donde apõta,  
Mancha de Cesar, de Alexãdre afronta,  
Do Ceo cuidado, é suspenção da fama.  
Celebra vosso peito mais que forte,  
Louva o vosso saber mais q̃ profundo  
Este de Apollo, aquelle de Mavorte:  
Tudo vos admira sem segundo;  
Mas se aplaude o valor, reprêde a forte,  
Pois nega hum Reyno a quem merece  
hum Mundo.

AO



AO SERENISSIMO  
SENHOR REY  
D. AFFONSO VI.

Em dia de Paschoa.

*Pelo mesmo Author.*

S O N E T O.

O Rey, q̄ he luz segunda do Sol terno,  
O Rey sê mãy no Ceo, se pay no Mũdo,  
Que rege com saber mais que profundo  
Terra, e mar, vento, e fogo, Ceo, e Infero  
O Rey tres dias morto, e sêpre eterno (no  
Sahe vencedor do Averno furibundo,  
Trazendo em seu trofeo taõ sem segũdo  
Gloria ao Ceo, graça ao Mundo, hõrror  
ao Averno.

Vós pois, Augusto Rey, q̄ a dura morte  
Sentistes pio, e venerastes mudo,  
Sede, como do mal, do bem consorte.  
Imitay Rey de Lysia ao Rey de tudo,  
E dez chagas se alegrem desta forte,  
Cinco em seu corpo, e cinco em vosso  
escudo.

A' RAI-

A' RAINHA  
S.<sup>TA</sup> ISABEL  
DE PORTUGAL.

*Do mesmo Author.*

S O N E T O.

J A' tu sabes, ó Celio, a rara historia  
Da ave, que he rainha celebrada:  
Aqui verás das cinzas transformada  
A Rainha da terra em flor da gloria.  
Bem vês a maravilha mais notoria  
Na rainha, que morre abrazada,  
Porque Fenix renasce melhorada,  
Porque renasce eterna na memoria.  
Melhorou Isabel a formosura  
Qual Fenix, que tornou á flor da idade,  
Mas naõ he para nós essa ventura.  
Em primavera está na eternidade,  
No Mundo faz de Fenix a figura,  
Mas a Fenix naõ tira a saude.

*Inun-*



# Inundando o Mondego.

Do mesmo Author.

## SONETO.

**H**Oje que com crystal excomungado  
 Este rio rompeo por esse muro,  
 Desejey, creme, por ti mesma juro,  
 Sem ser ovo por agua ser passado.  
 O pobrete Leandro foy a nado  
 Por huma tal de *Sum es fui* futuro,  
 Eu por ti naõ irey indo seguro,  
 (Por nadar com bexigas) de affogado?  
 Hey de ir, mas q̃ me chamem mentecato;  
 Mas tá, fique o nadar para outro dia;  
 Porq̃ naõ tenho quẽ me guarde o fato.  
 De mais, que como estou, Dona Maria,  
 De tua vista escaldado como gato,  
 Gato escaldado ha medo de agua fria.

# Fazendo estimaçãõ da sua pena.

Do mesmo Author.

## SONETO.

**N**O pido cõpassion, piedad no ruego,  
 Eloquente beldad, bella eloquencia,  
 Biẽ q̃ muero de amor, muero de aufercia,  
 Ciego con mi afficion, sin tu Sol ciego.  
 Si mucho abraza, mas me ilustra el fuego  
 Digno de embidia más, q̃ de clemencia,  
 Y buelta en vana gloria la paciencia,  
 Por el martyrio a la delicia llego.  
 Contente el alma mia desta suerte,  
 Más arrogante, quando más rendida,  
 Con su dolor a su dolor divierte.  
 Oh retira el favor, dulce homicida,  
 Que un coraçon, que vive de la muerte,  
 Rezelo, que se muera de la vida.



AO SERENISSIMO REY  
D. AFFONSO VI.

*Cinco vezes vencedor em cinco bata-  
lhas campaes.*

Do mesmo Author.

S O N E T O.

**C**Inco vezes com rama nũa extincta  
Vos cinge feliz sorte em guerra dura;  
Augmenta-se das Quinas a pintura,  
Sendo a espada o pincel, o fague a tinta.  
No escudo seu com vossa espada pinta  
Novas Quinas a Patria já tegura,  
Mostrando que da guerra, e da ventura  
Quinto Planeta sois, essencia quinta.  
Taõ sublime sois já; mas algum dia  
Sereis Affonso Sexto sem segundo,  
Requintando á fortuna a valentia.  
Entaõ na larga terra, e mar profundo  
Cinco Provincias desta Monarquia  
Seraõ as cinco Zonas deste Mundo.

*A F. estando doente de  
frios, e febres.*

Do mesmo Author.

S O N E T O.

**S**I eres nieto del agua, hijo del fuego  
Bien debes, tierno amor, Monarcha pio,  
Pues en fuego soy Etna, en llanto rio,  
Mirar mi pena, y escuchar mi ruego.  
Usurpa la salud, roba el sociego  
Un sacrilego ardor, un loco frio  
A Filis gloria tuya, infierno mio,  
Filis, q te haze claro, y me haze ciego.  
O logré en tu favor mi Filis bella  
La salud mal perdida, y bien horada  
Por ti Cupido amor, por mi, por ella:  
Que eclypsado su Sol, su flor cortada  
Una muerte tres vidas atropella  
Del amor, del amante, de la amada.



# A F. cruel, e formosa.

Do mesmo Author.

## SONETO.

**E**N ti mi nuevo amor, mi amor eterno,  
 De quien fue molde el Cielo, el Sol en  
 La primavera está, vive el invierno, <sup>(fayo,</sup>  
 Pues Diziébre es tu pecho, el rosto Ma-  
 Eres vertiendo amor, dando de mayo <sup>(yo)</sup>  
 Con el pecho cruel, y rosto tierno  
 Del Cielo diosa, y furia del infierno,  
 Rayo de nubes, y de luzes rayo.  
 Ah, desnuda el rigor, viste el agrado,  
 Serás mas bella, y menos desdeñosa,  
 Mayo florido sin Deziembre elado:  
 Sin feo invierno, primavera hermosa,  
 Sin el rayo temido, rayo amado,  
 Sin infierno, y sin furia, cielo, y diosa.

A F. favorecendo com a boca, e des-  
 prezando com os olhos.

Do mesmo Author.

## SONETO.

**Q**Uádo o Sol nasce, e a sôbra princi-  
 A doce abelha, a borboleta ayrosa (pia,  
 Procura luz ardente, e fresca rosa,  
 Que faz a terra Ceo, e a noite dia.  
 Mas quando á flor se entrega, á luz se fia,  
 Huma fica infeliz, outra ditosa;  
 Pois vive a abelha, e morre a mariposa  
 Na favoravel rosa, e chama impia.  
 Filis, abelha sou, sou borboleta,  
 Que com affecto igual, com igual forte  
 Busco ã vós melhor luz, flor mais feleta:  
 Mas quando a flor he branda, a chama he  
 forte,  
 Nectar acho na flor, na luz cometa,  
 A boca me dá vida, os olhos morte.



A FRANCISCO DE SA  
FESTEJANDO A RAINHA  
S.<sup>TA</sup> ISABEL  
DE PORTUGAL.  
SONETO.

**I**lustre Sá, e lustre do appell' do,  
Esta acção vos promete reverente,  
Que ha de ser vosso nome eternamente  
Em laminas de estrellas esculpido.  
Hoje de hum polo a outro conhecido  
Ficareis pelo animo excellente,  
E vivereis no occaso em oriente  
Com applauso immortal de renascido.  
Nos heroicos obsequios, que ofrecestes,  
Tanto fica Isabel eternizada,  
Quanto Francisco eterno vos fizestes:  
Cesse o louvor da mais Achilea espada,  
Pois que só vós sem ella merecestes  
Fama por terra, e mar mais dilatada.

A F. *persuadindo-a a  
ser menos rigorosa.*

Do mesmo Author.

SONETO.

**P**iedad, piedad, ó bella Catalina,  
No de mi ciego ardor, de tu luz pura,  
Pues en cuerpo tan blãdo, alma tan dura  
Es qual aspid en flor, en flor espina.  
Tu condicion de tu beldad indigna  
Con su rigor tu credito aventura,  
Porq̃ no siendo humana tu hermosura,  
Tu hermosura no puede ser divina.  
Eres más que muger por tan hermosa,  
No quiera pues tu condicion, no quiera  
Ser menos que muger por rigorosa:  
El lucro advierte, el daño considera,  
Que si eres más q̃ humana, quedas ditosa  
Si eres menos que humana, quedas fiera.



# A MANOEL ARRAES

Mantenedor nas festas da Rainha

# SANTA ISABEL

DE PORTUGAL.

*Tomou o titulo de Cavalleiro da Rosa.*

## SONETO.

**A**O campo sahio, qual flor galante,  
 Da Rosa o Cavalleiro, em que se via  
 Do valor, com que o campo defendia,  
 Que era no campo flor, mas flor gigãte.  
 Graça de flor em peito de diamante  
 O bruto mais veloz reconhecia,  
 Voando para a esféra, a que corria,  
 Entre as azas da fama a flor constante.  
 No campo, em que venceo, faz venturosa  
 Outra flor, que por causa bem decisa  
 Nesta gloria será sempre ditosa:  
 Já por presagio a Rosa foy divisa,  
 Pois sendo a sua Dama a mesma Rosa,  
 Cavalleiro da Rosa se eterniza.

*Aman-*

*Amando a quem o aborrecia, e fugindo de quem o amava.*

Do mesmo Author.

## SONETO.

**D**Uro a ternezas, tierno a disfavores,  
 Sordo a mil quexas, y a mil rayos ciego.  
 Amo desdenes, desdeñando amores,  
 Ruego el desprecio, despreciado el rue-  
 Es Filis yelos, Cloris es ardores, (go.  
 Mas dando a Filis, lo q̃ a Cloris niego,  
 Cogiendo espinas, y dexando flores,  
 Fuego a la nieve soy, soy nieve al fuego.  
 Buelto en escarcha, en llama convertido  
 Etna, que en el incendio está nevado,  
 Etna soy, q̃ en la nieve está encendido,  
 Cesse, amor, mi descuido, ó mi cuidado,  
 O' no olvide yà más, siendo querido,  
 O' no quiera yà màs, siendo olvidado.

A' MOR-



A' MORTE  
DE  
D. BERNARDA  
DE MENEZES  
grande Musica.

*Do mesmo Author.*

SONETO.

**N**ão eras tu me dize, ó graõ Cidade,  
Quê tomou o seu nome do seu porto?  
Pois que transformação, que novidade  
Em Napoles mudou, quem era Porto?  
Tu não eras, responde, ó rio ufano  
Quem tomou o seu nome do seu ouro?  
Pois que rara illusão, que novo engano  
Em Sarno converteo, quem era Douro?  
Ah, se morreo em vós huma Sirena,  
Em vós morreo Bernarda, e deste instâte  
Por razão de tal gloria, ou de tal pena  
Huma Cidade a outra he semelhante,  
Semelhante este rio áquelle corre,  
Cá morre huma Sirena, outra lá morre.

AO

A O ILLUSTRISSIMO SENHOR  
D. FERNANDO  
CORREIA DE LACERDA,  
Bispo do Porto,

*Em applauso do incomparavel Panegyrico,  
que o dito Senhor compoz ao Mar-  
quez de Marialva.*

SONETO.

**A**ltos Panegyristas imitastes (tes;  
Neste assombro feliz, q̄ compuzest-  
Mas quando os imitastes, os vencestes,  
Porém quando os vencestes, os hōrastes,  
Seu estylo no vosso melhorastes,  
Porque dandolhe mais, que recebestes,  
Se menos elegantes os fizestes,  
Tambem mais eloquentes os deixastes.  
Os Plinios, os Pacatos, e Claudianos  
Sendo menos que vós quando Latinos,  
Mais que si mesmos saõ já Lusitanos:  
Ficaõ por naturaes mais peregrinos, (nos,  
Pois por menos q̄ vós saõ mais q̄ huma-  
Por mais que si, não menos que divinos.

*A hum*



202  
*A hum pé pequeno.*

SONETO.

**I**Nstante de jasmin, concepto breve,  
Atomo de açucena presumido,  
Pues os juzgan las ancias del sentido  
Sospecha de crystal, susto de nieve.  
No pié, mentira fois, pues como aleve  
Ni verdad en un pũto haveis cumplido,  
Antes digo, que escrupulo haveis sido,  
Pues de fer, ó no fer la duda os mueve.  
Como si idea fois de ojos tan claros,  
Hazeis la vista fé para creeros,  
Y hazeis los ojos fé para miraros?  
Yo me persuado en fin, q̄ he de perderos,  
Porque si el veros es imaginaros,  
Siendo imaginacion, como he de veros?

203  
*Animando-se a fallar  
para alivio.*

SONETO.

**D**Iga el torméto mio mi instruméto,  
Y pues oso querer, hablar no tema,  
No me yele el labio, lo q̄ el pecho, que  
Mas iguale al ardor el ardimiento. (ma,  
Prodigio singular, raro portento,  
Del amor sceptro, del honor diadema,  
Nuevo cuidado, voluntad postrema,  
Alta beldad, profundo entendimiento.  
Marcia gentil, yo siento al pecho, al alma  
Quãto en vós de esplendor, è mi de fuego  
Que lo q̄ en vós es luz, es en mi calma:  
Mas no pido favor, piedad no ruego,  
Que por vós el cipres se buelve palma,  
Por vós mas claro estoy, quando mas  
(ciego.



*A huma trança de cabellos negros.*

SONETO.

**D**iversa em cor, igual em bizzarria  
Sois, bella trança, ao lustre de Sofala  
Luto por negra, por vistosa gala,  
Nas cores noite, na belleza dia.  
Negra, porém de amor na Monarchia  
Reynais senhora, não fereis vaſſalla,  
Sombra, mas toda a luz não vos igualla,  
Tristeza, mas venceis toda a alegria.  
Tudo fois, mas eu tenho resolutio,  
Que fois só na apparencia enganadora,  
Negra noite, tristeza, sombra, luto.  
Porém na essencia, ó doce matadora,  
Quê não dirá que fois, e não diz muito,  
Dia, gala, alegria, luz, senhora?

*Estimando as suas penas.*

SONETO.

**P**ezames hallo, y busco parabienes,  
(Tales mis penas son, mis glorias tales)  
Quão en incédios mil, en mil raudales  
De amores ardo, y lloro de desdenes.  
Lloro, pero en mis lagrimas perenes,  
Ardo, pero en mis llamas immortales,  
Mefclando-se los bienes con los males,  
Se equivocan los males con los bienes.  
Ardo, y lloro, pero con gloria tanta,  
Marcia gentil, dulcissima señora,  
Que arder me hechiza, y llorar me encã-  
Assi el ave del Sol, assi el Aurora, (ta,  
Una quando mas arde, mejor canta,  
Otra rie mejor, quando mas llora.



## Invocando a Marcia.

### SONETO.

**M**Inerva nova, nova Cytherea,  
 Serea suspirada, amor querido,  
 Apollo sonorofo, Sol luzido  
 Com claro resplendor, com doce vea.  
 Deosa falta de amor, e de luz chea,  
 Marcia gentil (que nome taõ subido  
 Diz mais que Cytherea, e que Cupido,  
 Deosa, Minerva, Apollo, Sol, Serea.)  
 Se a mais q' o voffo nome em minha avena  
 Corra o Mundo, o mar passe, occupe o  
 vento,  
 Pois qual amor dais seta, dayme penna:  
 Pois cegais Sol, Apollo dayme acento,  
 Deosa dayme favor, canto Sirena,  
 Venus graça, Minerva entendimento.

## A huma abelha.

### SONETO.

**B**orboleta das luzes deste prado,  
 Que naõ sentes crueis, naõ vês benignas,  
 Tu que temido amor, e amor amado  
 Feres violetas, beijas clavelinas.  
 Tu Dedalo sutil, Icaro alado,  
 Que sobes voos sem temer ruinas  
 A' rosa ardente, ao jasmin nevado,  
 Que he Sol das flores, alva das boninas.  
 Mel naõ apures, cera naõ melhores,  
 Da triste aurora, e leda primavera  
 O pranto deixa, o riso naõ desflores:  
 Mas vay a Firmio brando, a Marcia féra,  
 Pois ella mel a boca, o rosto flores,  
 Elle os olhos tem pranto, o peito cera.



*Achando alivio nas  
suas penas.*

S O N E T O.

**S**E para o câto amor me infunde quan-  
No coração incendio, luz na rima, (to  
Se como lima o peito, o verso lima,  
Se dá qual morte á vida, vida ao canto:  
Pintarey taõ alegre, doce tanto  
A pena, que me mata, e que me anima,  
Que quem do meu tormento se lastima  
Me deseje o pezar, me inveje o pranto.  
Vossa effigie, gentil Marcia adorada,  
Qual foy da vista ao peito transferida,  
Será do peito ao verso trasladada:  
E como vista em vós, em mim ouvida  
Terá dobrado ser, vida dobrada, (da.  
Se a quem morte me dá, dar posso eu vi-

*Sonhando que via a  
Marcia.*

S O N E T O.

**P**Intais, sono gentil, com bello ornato  
Meu claro Sol, na vossa sombra escura,  
Que posso que da morte fois retrato,  
Retrato sabeis ser da formosura.  
Eu vendo o grato rosto, e peito ingrato,  
Quanto formosa a figo, a temo dura,  
Porém firme no amor, facil no trato,  
Me coroa a esperança, a fé me jura.  
Cante pois por tal gloria, por tal forte  
Cante vosso louvor, minha Thalia  
No Occaso, no Oriente, Sul, e Norte:  
Chamevos clara luz, naõ sombra fria,  
Causa da vida, naõ irmaõ da morte,  
Filho da noite naõ, mas pay do dia.



*Encomenda a hum peregrino, que  
veja a Marcia.*

## SONETO.

**T**U q̃ de outra regiaõ, d'outro emisfe-  
 Chegas por curioso, ou por forçado  
 Ao imperio menor, mayor imperio  
 Em si breve, em conquistas dilatado.  
 Se a graõ caminho, grande refrigerio  
 Busca a teu pé, procura teu cuidado  
 Visita esse milagre, esse mysterio  
 Do amor temido, do temor amado.  
 De Marcia Sol do occaso, e Ceo da terra,  
 Admira a clara luz, o marfim terço,  
 Que guerra faz ao Sol, e á neve guerra.  
 E dize á gente, e conta no Universo, (ra,  
 Védo q̃ nasce hũ Sol, donde hũ fe enter-  
 Que donde o Sol tem tumba, o Sol tem  
 berço.

(rio

## A O DOUTOR MANOEL MAYO DE MACEDO.

*Medico, e Poeta peritissimo.*

## SONETO.

**V**O's arbitro melhor do q̃ o Timolo,  
 De quẽ o digno canto he canto indino,  
 De cuja rica vea o metal fino  
 Do Douro he pompa, injuria do Pactolo  
 Vós mais do que hũa vez filho de Apollo,  
 Esculapio n'hum arte, e noutra Lino,  
 Que com medica maõ, plectro divino  
 Sarais o Mundo, e suspendeis o polo.  
 Vós que em nome, florido em talento,  
 Mayo divino em toda a humanidade  
 Seja vosso louvor vosso concento.  
 Ou fazey, que mudando a qualidade  
 Seja minha vontade entendimento,  
 Será vosso louvor minha vontade.



# A CHRISTO

SENHOR NOSSO

no Presépio,

*Dando-lhe o titulo de Alambre.*

## SONETO.

**D**ivino Alambre, que na palha achaf-<sup>(tes</sup>  
Doce cama nascendo peregrino,  
Porque como sejais alambre fino,  
A vosso natural vos inclinastes.  
Lá do Ceo, donde vindes, a tomastes,  
E jazendo vós nella Deos Minino  
Fez-se em vosso valor toque divino,  
Que até tocar em Deos a levantastes.  
Leito tendes por certo accommodado,  
Que a neve desse vosso corpo bello  
Entre palhas bem póde conservaríe.  
Mas se vindes de amores abrazado,  
E se fogo trazeis para accendello,  
Que materia melhor para atearse?

# Fallando com Deos.

## SONETO.

**S**o' vos conhece, amor, quẽ se conhece,  
Só vos entende bem, quẽ bem se entéde,  
Só quem se offende a si, não vos offende,  
E só vos póde amar quem se aborrece.  
Só quem se mortifica, em vós florece,  
Só he senhor de si quem se vos rende,  
Só sabe pertender quem vos pertende,  
E só sobe por vós quem por vós dece.  
Quem tudo por vós perde, tudo ganha,  
Pois tudo quanto ha, tudo em vós cabe,  
Ditoso quem no vosso amor se inflâma:  
Pois faz troca taõ alta, e taõ estranha,  
Mas só vos póde amar o que vos sabe,  
Só vos póde saber o que vos ama.



AO SERAFIM  
DA IGREJA MILITANTE  
o Patriarcha  
S. FRANCISCO

SONETO.

Santo, se he bem q̃ as dadiuas se estimẽ  
Conforme o alto ser de quem saõ dadas  
Convem, q̃ chagas taes sejaõ prezadas,  
E que com doces hymnos se sublimem.  
Ellas por mãos de Deos nestas se imprimẽ  
As de Deos saõ por homẽs estampadas,  
Hũas em mãos, e pés por mãos danadas,  
Outras em pés, e mãos por mãos q̃ rimẽ.  
Se a tunica futil, que vestio Christo  
Vós vestisseis, Serafico Francisco,  
E elle o habito voffo remendado.  
Diriaõ por Francisco: Eis-alli Christo,  
E por Christo disseraõ: Eis a Francisco.  
Vede que parentesco taõ chegado!

MADRIGAES

A varios assumptos

DO MESMO JERONYMO BAHIA.

*Dando-lhe huma rosa.*

MADRIGAL.

Rosa, tu que de Flora  
Foste creada, para ser senhora  
Do florecente Abril, do bello Mayo,  
Se padeces desmayo (te,  
Naõ cuides, q̃ em meu peito só murchaf-  
Porque na maõ de Marcia começaste.  
A maõ de neve pura  
Te deu larga ventura,  
Mas tambem te causou vida taõ breve,  
Qual o peito de fogo, a maõ de neve.



*A huma crueldade for-  
mosa.*

MADRIGAL:

**A** Minha bella ingrata  
 Cabello de ouro tẽ, frente de prata  
 De bronze o coração, de aço o peito,  
 São os olhos luzentes,  
 Por quem choro, e suspiro  
 Desfeito em cinza, em lagrimas desfei-  
 Celestial safiro: (to,  
 Os beiços são rubins, perlas os dentes,  
 A lustrosa garganta  
 De marmore polido,  
 A mão de jaspe, de alabastro a planta,  
 Que muito pois, Cupido,  
 Que tenha tal rigor tanta lindeza,  
 As feições milagrosas  
 Pata igualar desdens a formosuras  
 De preciosos metais, pedras preciosas,  
 E de duros metais, de pedras duras.

*A huma formosur'a  
cruel.*

MADRIGAL.

**M** Eu idolo querido,  
 Se não vence, provoca  
 Com bellas tranças, e com luzes bellas.  
 A linda face, e boca  
 Do murice encendido  
 O sangue deixa exangue,  
 Vertendo sangue a face, a boca sangue;  
 Da neve intacta, e jaspe bem lavrado  
 Mil trofeos levanta  
 A fronte, o collo, a mão, o peito, a plãta.  
 Que muito, Sagittario Deos alado  
 Grave por settas, e por azas leve  
 Seja fria no amar, cruel no rogo,  
 Fria, se he toda jaspe, e toda neve,  
 Cruel, se he toda sangue, e toda fogo.



*A huma bolça, que lhe  
deraõ.*

MADRIGAL.

**O** De verde retroz, de metal louro  
Bolça chara no amor, no preço cara,  
Noutra bolça por mim fereis inclusa,  
Que por ser prenda rara  
De Marcia, nova graça, e nova Musa,  
Naõ deveis encerrar prata, nem ouro,  
Bolça naõ deveis ser, mas ser thesouro.

*A huma rosa, que lhe  
deraõ.*

MADRIGAL.

**R** Osa do prado, estrella,  
Coroa do jardim, de Abril ginalda,  
Joya da natureza,  
Opposta na lindeza  
A' joya mais gentil da melhor arte,  
Tu que pelas vencer, por sublimarte  
Quando traz a mais bella  
Engaste de ouro, e pedra de esmeralda,  
Trazes por mór thesouro  
Engaste de esmeralda, e pedra de ouro,  
Idade te prometto numerosa,  
Tu perpetua serás, naõ serás rosa:  
Porque se vive a flor com Sol, e agua,  
Em minha Marcia tens, em minha ma-  
Para durares tanto (goa,  
Nos seus olhos o Sol, nos meus o prato.



VARIOS SONETOS  
 A U T O R  
 FRANCISCO  
 DE VASCONCELLOS.

*Abuna trança de cabellos louros,*

S O N E T O .

**N**Esta injuria do Sol, da luz desmayo,  
 Cõtradições admiro em seu thesou-  
 Pois se isento do rayo vive o louro, (ro,  
 Como vejo no louro tanto rayo?  
 Se o louro fugitivo em duro ensayo  
 Zombou sempre do Sol incêdios d'ouro,  
 Como se foy entaõ do Sol desdouro,  
 Hoje o louro se vê das luzes ayo?  
 Mas se o Sol em vingança de hũa queixa,  
 Lá deixou huma offensa fugitiva  
 Em louro convertida, em tronco preza,  
 Sendo injuria do Sol esta madeixa,  
 Que muito, ó Filis, he que louro viva  
 Hũ cabello, q̃ esquivo ao Sol despreza.

*A F.*

*A F. tocando cithara.*

S O N E T O .

**E**Ssa lyra sonora, que os sentidos  
 Hoje faz suspender com doce acento,  
 Tragico emblema he do meu tormêto,  
 Pois de hũa pena os dous fomos feridos.  
 Ambos sentimos golpes defabridos  
 Causados todos de hũ rigor violento;  
 Eu prezo nos grilhões d'hũ pensamêto,  
 Ella espalhando ao ar ternos gemidos.  
 Já que somos no mal taõ semelhantes,  
 Sejaõ, Filis, tambem menos atrozes  
 Os golpes de hũa dor, que me condena:  
 Mas estamos no alivio muy distantes,  
 Que ella minora a pena com as vozes,  
 Porém eu no silencio augmento a pena.

*Tocan-*



*Tocando F. cithara, se lhe poz no  
braço della hum rouxinol.*

S O N E T O.

**S**eguindo o golpe dessa pena dura  
Fili esse rouxinol de vós depende,  
E prezo entre essas cordas se suspende  
Ouvindo o canto, vendo a formosura.  
Bem nos quebros do Sol hoje se apura  
Quando as falsas de vós também aprende;  
Só por mim não cantais, antes se entêde,  
Que de mim não quereis ver a figura.  
Mas siga dessa pena as harmonias  
Amante o rouxinol, já que ditoso  
Aos braços dessa Lyra leva os passos.  
Sinta embora da pena as tyrannias,  
Que he de quem ama premio venturoso  
Seguir a pena por se ver nos braços.

*A huns olhos negros.*

S O N E T O.

**O**Lhos negros, q̄ da alma sois senhores  
Duvido com razaõ desse attributo,  
Que he muito, q̄ quẽ mata, traga o luto,  
E he muito ver na noite resplandores:  
Se de negros, meus olhos, tendes cores,  
Como as almas vos daõ hoje tributo,  
Quẽ vio que os negros com rigor astuto  
Os brãcos prẽdaõ cõ grilhões traidores.  
Mas ah, que foy discreta providencia  
O fazellos da cor da minha forte,  
Por não sentir rigor taõ desabrido.  
Para que veja assim toda a prudencia  
Que foy prodigio grãde, e pafimo forte,  
Em duas noites ver o Sol partido.



**A D. RODRIGO  
DA COSTA,**

*Governador da India, e nella fa-  
lecido.*

**S O N E T O.**

**L**A' onde em berços de çafir luzente  
Nasce em braços da Aurora essa luz pú-  
Rodrigo feneceo, porque a ventura (ra,  
Sempre encontrou o occaso no oriente.  
Das mantilhas de Febo transparente  
Mortalha fez ao Costa a parca dura;  
Que he bẽ tenha entre as luzes sepultura  
Quem rayo soube ser da adusta gente.  
Entre os braços do Sol morre Rodrigo,  
Porque he pentaõ dos fados vividores  
Ver huma luz nascida, e logo posta.  
Tenha pois lá no oriente o seu jazigo,  
Que era força morrêdo entre esplêdores  
Fosse o berço do Sol tumba do Costa.

*Dando-se o parabem de haver chega-  
do hum seu amigo a Coimbra.*

**S O N E T O.**

**C**orre o Mondego em pratos derreti-<sup>(do;</sup>  
Caminha o Tejo em risos desatado,  
Este por celebrar hum bem logrado,  
Aquelle por sentir hum bem perdido.  
Pregoa o Tejo ufano, e presumido  
Ao valle parabens, vivas ao prado;  
Mas o Mondego triste, e lastimado  
Só pezames lamenta enternecido.  
Mas não sinta o Mondego tantas penas,  
Nem solemnize o Tejo gosto tanto,  
Hum Heraclito feito, outro Narciso:  
Porq̃ tornando o Moura á nossa Athenas,  
Todo o riso do Tejo ha de ser pranto,  
E o pranto do Mondego ha de ser riso.



# A' sua esperança.

## SONETO.

**E**Sta esperança vãa, doce tormento,  
 Com que amor lisongeiro determina  
 Accumular estragos á ruina  
 Por levantar padroens ao escarmento,  
 Foy crepusculo breve de hum momento,  
 Delicado jasmin, fragil bonina,  
 Rosa, que se murchou d'huma aura fina,  
 Vidro, q̃ se quebrou de hum leve vento.  
 Morreo minha esperança ás mãos de hum  
 rogo,  
 E nas cinzas se alenta o meu cuidado,  
 Que amor nos impossiveis mais se in-  
 flamma;  
 Mas se a esperança he ar, e amor he fogo,  
 Justo he que nella cresça o meu agrado,  
 Pois ao sopro do vento cresce a chãma.

*Mais sente quem se queixa, que quem  
 se calla.*

## SONETO.

**N**A queixa o sentimento se engrãdece,  
 No silencio se afrouxa o sentimento,  
 Que se o lêbrar da dor dobra o tormêto,  
 Quem suffoca o pezar, menos padece.  
 No silencio talvez a dor se esquece,  
 Na voz não pôde ter esquecimento,  
 Com q̃ a dor no silencio perde o alêto,  
 Quando a magoa na queixa reverdece.  
 Se a memoria do mal dobra o penoto,  
 E quem o diz desperta essa memoria,  
 Mais sente, q̃ quem dentro a pena feixa:  
 Porque este no silencio tem repoulo, (ria,  
 E aquelle augmêta a dor, se a faz noto-  
 Pois renova o pezar, quando se queixa.



*Fallando com o Mon-  
dego estando saudofo.*

S O N E T O.

**C**omo he, Mõdego, igual no nascimẽ-  
O meu choro ao q̃ a ti te desempenha;  
Pois se o teu pranto nasce d'hũa penha,  
De hũ penhasco se causa o meu lamẽto.  
Tu do mal, que padeço, estás isento,  
Porq̃ abrandas chorãdo a tofca brenha,  
Mas Filis mais que ferra me desfdenha,  
Quando as tuas correntes accrescento.  
Se pois a ferra dura tanto zella  
O teu chorar, que o aspero desterra,  
E o meu pranto endurece a Filis bella;  
Por teres mais alivio, ou menos guerra  
Chora tu, pois na ferra tens estrella,  
Eu naõ, q̃ sem estrella amo huma ferra.

*Comparando o seu amor  
ao Fenix.*

S O N E T O.

**T**U Fenix, tu do amor doce traslado,  
Cõpanheiro em meus males peregrino,  
Pois se em fogo te acaba o teu destino,  
Em chãmas me atormẽta o meu cuidado  
Tu te podes queixar de hum triste fado,  
Eu me queixarey de hum deos minino,  
Pois tu por desgraçado, e eu por fino  
Acabas encendido, eu abrazado.  
Mas oh, que as tuas ancias saõ pequenas  
A' vista do martyrio, em que discorro,  
Porque renasces em morrendo apenas;  
E servindo-te as penas de foccorro,  
Tu renasces do fogo em tendo pennas,  
Eu porq̃ muito peno, em chamas morro.



## A ARMONTE

*Llorando una esquivança a la sombra  
de un laurel.*

## SONETO.

**Q**ueixa-se Armõte, q̄ en llorar descã-<sup>(ça,</sup>  
De un esquivo laurel a la fiereza,  
Porque de la corona a su fineza,  
Ya que dá la color a su esperança.  
De Cinthia la esquivéz, con q̄ le cança,  
Al lauro cuenta, porque su firmeza  
Aun halla entre los trôcos mas terneza,  
Y en lo ingrato menos esquivança.  
Mas si, Armonte, conoces tu sociego  
En tu olvidar, ó en ella querer bien,  
Mal esse lauro aliviará tu fuego.  
Pues compitiendo com igual baybien  
Se dobla la esquivéz cerca del ruego,  
Y cresce amor a la vista del desden.

## A Lysio llorando.

## SONETO.

**E**L pié de Lysis, duda apeteçida,  
Vió Lysio, y afligiõse justamente,  
Que como su pié blanco es accidente,  
No es mucho, q̄ un dolor rinda una vida.  
El llanto en Lysio fué razon devida  
Viendo del pecho el offensor valiente,  
Que era razon, que el coraçon doliente  
Vertiessse sangre viendo al homicida.  
Mas no era fino el llanto, que exhalava,  
Que si en la vista un atomo es espanto,  
No lloró tierno, mas sintiendo enojos.  
Porque si el pié los ojos le llevaba,  
Fuerça fué del dolor verter el llanto,  
Quando tenia un atomo en los ojos.



*A morte de F.*

## SONETO.

**E**ste jasmim, que arminhos defacata,  
 Essa Aurora, que nacares aviva,  
 Essa fonte, que aljofares deriva  
 Essa rosa, que purpuras defata:  
 Troca em cinza voraz lustrosa prata,  
 Brota em pranto cruel purpura viva,  
 Profana en turvo pez prata nativa,  
 Muda en luto infeliz tersa escarlata.  
 Jasmim na alvura foy, na luz Aurora,  
 Fonte na graça, rosa no attributo,  
 Essa heroica deidade, q̄ em luz reposa.  
 Porém fora melhor que assim não fora,  
 Pois a ser cinza, pranto, barro, e luto  
 Nasceo jasmim, Aurora, fonte, rosa.

*A F que traia un Sol de plata en el cabello.*

## SONETO.

**Q**ue vanamenta, ó Clori, esse theforo  
 Los blazones de Febo defacata, (ta  
 Pues rompe el Sol dorado ondas de pla-  
 Y oy miro un Sol de plata en ondas de  
 Mas respectivo el Sol a tu decoro (oro.  
 Todo blanco en desmayo se defata,  
 Que fuera de la luz sobervia ingrata  
 Acercarse a tus hebras fin desdoro.  
 Pues si el Sol mismo es alva a tus cabellos  
 Rompase el alma en fulgidas culebras,  
 Rindase el pecho en láguidos desmayos  
 Que es blaton corto desses Soles bellos,  
 Que sea el alma estrago de sus hebras,  
 Quando el Sol mismo es bláco de sus ra-  
 (yos.



*A F. que no aparecia  
por estar de luto.*

SONETO.

**R**Aya essa esféra, Francelisa hermosa,  
Que dá muerte el mirarla obscurecida,  
No seas tan cruel con una vida,  
Por ser con una muerte tan piedosa.  
Rompa tu Sol la sombra tenebrosa,  
Nó sea, nó, essa niebla mi homicida,  
Que llorar muerte accion no es subida,  
Y es el dar una vida hazaña honrosa.  
Mas si el ver tus luzeros encubiertos  
Me mata, muera yo sin afligirme,  
Pues muriendo mis bienes hago ciertos:  
Matame pues sin verme, y sin oirme,  
Que si tienes piedades con los muertos,  
No quiero yo mas dicha, que morirme.

*A F. chorando a morte  
de seu Esposo.*

SONETO.

**F**Ilis, si en esse aljofar fugitivo  
Vida procuras a un cadaver yerto,  
Mal le puede dar vida, estando muerto,  
Llanto, que le matava siendo vivo:  
Mas si al impulso atroz de harpon nocivo  
Le mataron tus ojos, es acierto,  
Que le sientan con pelago despierto,  
Pues le han muerto cõ golpe executivo.  
Però, si de una muerte te maltratas,  
Filis, no llores, porque dessa fuerte  
Harás siempre en tus soles dos auroras:  
Que como con tu llanto a todos matas,  
Si lloras los estragos de una muerte,  
Mil muertes llorarás, quando una lloras.



*Prohibiéndose continuar cierta  
Academia.*

S O N E T O.

**G**Yrafoles de plumas, que volantes  
Examinais de Apolo los fulgores,  
Siendo en la tierra dulces Ruyseñores,  
Siendo a los astros musicos Atlantes.  
Cantad sonoros, y subid gigantes,  
Aunq̃ os manden callar los resplēdores,  
Porq̃ oyendo-os con gusto, y cō temores  
Vivan los hōbres, mueran los diamātes.  
Castigo fué de Apolo, que embidiolo  
Viendo-os llegar al folio de sasyros,  
Que alla reside en las esfēras sumas,  
Por no daros su throno magestoso,  
Dixo, temiendo vuestros altos gyros,  
Pues tan alto bolais, quitaos las plumas.

*A hum loureiro, que nasceo nas rui-  
nas de huma torre.*

S O N E T O.

**D**E caducas cenizas animado  
Nasces, ó lauro, ciego en tus engaños,  
Pues fabricar tu ser de agenos daños  
Es principio de verte arruinado.  
Esse alcaçar, que ves oy derribado,  
Pensaba ayer burlarse de los años,  
Aprende en el del tiempo defengaños,  
Quicá por no te ver n'el mismo estado.  
Mas q̃ mucho es nascer de polvos vagos  
La planta del desden/Si es ley del mūdo  
Triunfar siēpre un desdē de un abatido:  
Nasca pues el desden de los estragos,  
Que no me admirará ver que profundo  
Cresca un rigor á vista de un cahido.



*Venus llorando la muerte de Adonis.*

SONETO.

**M** Irò Venus fu Adonis desdichado  
 Ser destroço fatal de un bruto fiero,  
 Y por hazer su mal menos severo  
 Vozes al Cielo dá, quexas al hado.  
 Porque rubies, y perlas tenga el prado,  
 En diluvios eclipfa su luzero  
 Llorando por decreto verdadero,  
 Que no viva lo hermoso afortunado.  
 Pero nõ llores, nõ, Venus hermosa,  
 Y vê que de este bruto los renombres  
 Son contra las beldades leys severas:  
 Porque es justo castigo, y ley forçota,  
 Si la hermosura es fiera de los hombres,  
 Oy sienta los rigores de las fieras.

*A F. que olhando para o Sol desmayou.*

SONETO.

**F** Ilis, y el Sol con claros arreboles  
 Se toparon los dos nel campo un dia,  
 Viendo el Sol la ventaja yã cedia,  
 Porq̃ no vale un Sol, onde ay dos Soles.  
 Filis viendo esto apaga sus faroles  
 Por compensar del Sol la cortesia,  
 Desmayando la luz, con que luzia,  
 Porque luzgan del Sol los tornasoles.  
 Fineza fué, que Fili a tanto rayo  
 La luz quitasse, porque sus despojos  
 Los luzeros del Sol no feneciessen:  
 Y fue dicha del Sol con tal desmayo  
 Cegar Filis los rayos de sus ojos,  
 Pues no luziera el Sol, si ellos luziessen.



*A F. escribindo la muerte de Cupido.*

SONETO.

**F**abio, esse ciego Dios, q̄ almas robava,  
 Justo es, que a tus manos se consume,  
 Porq̄ venguen los rasgos de tu pluma,  
 Quanto estragan las iras de su aljava.  
 El alma, que su harpon tyrannizava,  
 Con nuevas libertades se presume,  
 Pues que ansi la isentas de essa espuma,  
 Que en visos de rapaz es fiera brava.  
 Mas, Fabio, aunq̄ de amor muere la calma  
 El alma con tu metro esclarecido (sa,  
 Quãdo aquel daño pierde, otro no escu-  
 Porque no vale a la quietud de un alma,  
 Que falten los harpones de Cupido,  
 Si quedan los agrados de tu Musa.

*A F. que fazia versos.*

SONETO.

**F**ilis, si en los agrados lisongeros  
 Siempre la discrecion vive en retiros,  
 Fea os he de juzgar, si intento oiros,  
 Nescia os he de tener, si quiero veros.  
 La pluma acumulando al Pindo fueros,  
 Los ojos despidiendo al alma tiros,  
 Dominan la region de los safiros,  
 Usurpan la quietud de los luzeros.  
 Si discreta os attiendo, y os miro hermo-  
 Aguila quedo en remontado polo, (sa,  
 Fenix me quemo en bellos arreboles:  
 Pero si Apolo, y Sol es una cosa,  
 No es mucho me mateis con un Apolo,  
 Quando yà me rindisteis con dos soles.



*Retrato de Filis pelas  
flores.*

S O N E T O.

**D**E ti se queixa o prado de offendido,  
Tyranna Filis, pois com modo ingrato  
Metes ao jasmim branco num çapato,  
Quando no collo o tens favorecido.  
Fazendo beijo ao cravo, affaz mordido  
Entre dentes o tens por teu barato,  
E quando o pobre com purpureo ornato  
Te quer tapar a boca, vay partido.  
O' deixa ingrata as flores, que condenas,  
Vê se lhe fazes cara por teu gosto,  
Que he o defeito das flores teu defeito:  
Naõ des Filis de mão ás açucenas,  
Porque as rosas gentis te fazem rosto,  
Quãdo os brãcos jasmims tomas a peito.

*Vendo-*

*Vendo-se entre confusoens nascidas  
de si mesmo.*

S O N E T O.

**V**Asto mar, triste Troya, irado Noto;  
Nasce o prãto, arde o amor, cresce o sus-  
piro ;  
Pois Ceos busco, astros figo, a bês aspiro,  
Etnas guardo, Euros rôpo, Nilos broto.  
Sem norte, sem discurso, e sem piloto,  
Cego á luz, vivo ao rayo, exposto ao  
tiro,  
Luzes bebo, ares corto, escolhos gyro,  
Clicie amante, aguia cega, e lenho roto.  
Se Etnas verto, ares queimo, horrores to-  
co,  
Baste o ardor, pare o harpaõ, cesse o tor-  
mento,  
Cego amor, doce agrado, inecídio loco,  
Vê que na dita, na ancia, e no lamento,  
Leve o bem, viva a dor, o alivio pouco,  
Morre flor, Fenix vive, acaba vento.

*III. Part.*

*Q*

*A F.*



*Pidiendole tabaco.*

## SONETO.

**P**olvo, ó Filis, pidís bien advertida  
 A una alma, que en cenizas desatada  
 Siendo en rayos ardientes abrazada,  
 Se halla en polvos caducos resumida.  
 Que ha de dar más que polvos una vida,  
 Que en las Troyas de un pecho sepulta-  
 Es mariposa en luzes anegada, (da  
 Es salamandra en llamas consumida.  
 Mas si el polvo es memoria de la muerte,  
 Nó es el daros polvo poca gloria,  
 Para q̄ os acordeis de un mal tan fiero:  
 Que si el polvo memorias siempre advi-  
 erte,  
 Quádo os doy de mi muerte la memoria  
 Mal podreis olvidaros de que muelo.

*Desengañando a una hermosa.*

## SONETO.

**N**asce el Sol en celages litongeros,  
 Mas agoniza en liquidos raudales;  
 Rie el alva un aliño en sus crystales,  
 Mas llora un escarmiento en sus luzeros.  
 Goza la Luna transparentes fueros,  
 Mas arrastra capuzes funerales;  
 Vibra una estrella nitidos fanales,  
 Mas viste de un vapor ceños grosseros.  
 Si pues el Sol, Aurora, Luna, Estrella,  
 Ocaso, llanto, eclipse, y mancha llora  
 En dia, madrugada, noche, encanto;  
 Dexa la vanidad, Anarda bella,  
 Vè, que es Estrella, Luna, Sol, y Aurora  
 Para ser mácha, eclipse, ocaso, y llanto.



216  
*A fragilidade da vida  
humana.*

SONETO. 2

**E**ste baxel nas prayas derrotado  
Foy nas ondas Narciso presumido:  
Esse farol nos Ceos escurecido  
Foy do monte libré, gala do prado:  
Esse nacar em cinzas defatado  
Foy vistoso pavaõ de Abril florido:  
Esse Estio em Vesuvios encendido  
Foy Zefiro suave em doce agrado:  
Se a nao, o Sol, a rosa, a Primavera  
Estrago, eclipse, cinza, ardor cruel  
Sentem nos auges de hum alento vago:  
Olha cego mortal, e considera,  
Que es rosa, Primavera, Sol, baxel  
Para ser cinza, eclipse, incendio, estra-  
(go.

*Ao mesmo assumpto.*

SONETO.

**B**axel de confusaõ em mares de ancia,  
Edificio caduco em vil terreno,  
Rosa murchada já no campo ameno,  
Berço trocado em tûba deid' a infancia,  
Fraqueza sustentada em arrogancia,  
Nectar suave em campo de veneno,  
Escura noite em lucido sereno,  
Serea alegre em triste consonancia,  
Viraçaõ lisongeira em vento forte,  
Riqueza falsa em venturosa mina,  
Estrella errante em fementido norte,  
Verdade, que o engano contamina,  
Triunfo do temor, trofeo da morte  
He nossa vida vã, nossa ruina.



*A F. em applauso de hum Soneto, que  
compoz. aos tristes ecos dos sinos  
em dia dos Finados.*

S O N E T O.

**Q**Uando o brôze entre horrores def-  
Quão a tuba entre aplausos fementida  
Mostra em linguas de horror sôbras da  
vida, (do.  
Doura em mimos da voz ancias do agra  
Mentindo adulação, dourando o fado,  
Gentil hoje essa penna esclarecida  
Deixa á fama em clarins enrouquecida,  
Deixa o bronze em padrões eternizado.  
Oh que discreto andais, pois he preciso,  
Que presteis ao metal o eterno alento,  
Quando escutais ao brôze ultimo aviso:  
Porq̃ he razãõ, que aplaudaõ lá no vento  
As vozes, que são mostras do juizo,  
Clausulas, que são provas do talento.

Respon-

*Respondendo a outro, que se lhe fez  
em applauso do antecedente.*

S O N E T O.

**G**EME o brôze em cadêcias delatado,  
Soa a tuba em lisonjas fementida,  
Mas sendo honte o metal pena da vida,  
Hoje a pena será vida do agrado.  
Fiel na duraçãõ, triste no fado,  
Faz duro o bronze a penna esclarecida,  
Triste a vida na magoa enrouquecida,  
Doce o alento na Musa eternizado.  
Cale pois o metal, porque he preciso,  
Que a vida em vossa penna cobre alêto,  
Quando as almas no bronze tem aviso;  
Porq̃ a Musa na voz, o horror no vento,  
Se o bronze indica estragos no juizo,  
A penna aníma vidas no talento.

A huma



*A hum rouxinol cantando.*

SONETO.

**R** Amalhete animado, flor do vento,  
 Que alegremente teus ciumes choras,  
 Tu cantando teu mal, teu mal melhora,  
 Eu chorando meu mal, meu mal augmé-  
 Eu digo minha dor ao sofrimento, (to.  
 Tu cantas teu pezar a quem namoras,  
 Tu esperas o bem todas horas,  
 Eu temo qualquer mal todo o momêto.  
 Ambos agora estamos padecendo  
 Por decreto cruel do deos minino;  
 Mas eu padeço mais, só porq̃ entendo:  
 Que he taõ duro, e cruel o meu destino,  
 Que tu choras o mal, q̃ estás sofrendo,  
 Eu choro o mal, que soffro, e q̃ imagino.

A F.

*A F. agradecendo-lhe  
 humas rosas.*

SONETO.

**E** Stes mimos da luz, do campo alarde,  
 Mariposas do Sol, linguas da Aurora,  
 Sêdo alinhos de Abril, trofeos de Flora,  
 Saõ galas na manhã, lutos na tarde.  
 Sem que do fado infano o Sol as guarde,  
 Marchita as flores, quando as enamora,  
 Pois cada rosa, que com luzes dóra,  
 He borboleta, que nas chamas arde.  
 Filis, mais do que amante, andais ingrata,  
 Querendo dos rigores fazer moda,  
 Embuçando o favor na tyrannia,  
 Pois no caduco ser desta escarlata  
 Dais a hum amor, que dura a vida toda,  
 Hum galardão, que apenas dura hũ dia.

SONE-



## SONETOS VARIOS

*Por diversos Autores.*

DO INFANTE

D. LUIZ.

## SONETO MORAL.

**H**oras breves do meu contêtamento,  
 Nunca me pareceo, quando vos tinha,  
 Que vos visse mudadas taõ azinha  
 Em taõ compridos annos de tormento.  
 Os meus castellos, que fundey no vento,  
 O vento mos levou, que mos softinha,  
 Do mal, que me ficou, a culpa he minha,  
 Pois sobre coufas vans fiz fundamento.  
 Amor com fallas mostras apparece,  
 Tudo possivel faz, tudo assegura,  
 E logo no melhor desapparece.  
 Oh dano grande, oh grande desventura!  
 Que por pequeno bê, que em fim falece,  
 Se aventura hũ bem, que sempre dura.

Do

*Do mesmo Senhor.*

## SONETO.

**A** Redea solta corre o pensamento,  
 Hum só cuidado mil cuidados cria,  
 E quantas torres arma a fantasia  
 Todas vaõ a acabar n'hum fundamento.  
 Se quem me prometteo contentamento,  
 As occasioens delle me desvia,  
 Como poderey crer, que em algum dia  
 Verey ao que delejo o cumprimento.  
 Bem vejo eu dos enganos os sinais,  
 Porém como á vôtade amor se entrega,  
 Querer desenganar-se he por de mais.  
 Ah liberdade preza, ah razaõ cega,  
 Naõ vês que he doudice esperar mais  
 Bem, q̃ sempre está perto, e nũca chega!

A hum



*A hum papagayo de Palacio, que  
fallava muito.*

SONETO.

**I**Ris parlero, Abril organizado,  
Ramillete de plumas con sentido,  
Hybla con habla, irracional florido,  
Primavera con pies, jardín alado:  
Quando del ayre libre enamorado  
Barbaramente hablavas, oy polido  
Prezo te veo, y en vano divertido  
Con la tema de nunca estar callado.  
Tu en Palacio bien visto, y con cadena!  
(Quantos lloran la lastima, que toco!)  
Hablas bien, ser discreto te condena:  
Porque no buelas, gritas como loco,  
Quexate pues, que de Palacio es pena  
Quexarse mucho los que buelan poco.

*A hum retrato.*

SONETO.

**V**Ive no original desse traslado,  
Que venera constante amor rendido,  
O valor mais capaz de ser querido,  
O saber mais capaz de ser louvado.  
Se podera o valor ser retratado,  
Se podera o saber ser esculpido,  
Vencera a copia só todo o sentido,  
Vencera a copia só todo o animado.  
Mas quẽ quizer em fim rêderlhe a palma,  
Tendo o melhor traslado por motivo,  
E vendo tudo vivo no aparente,  
Veja se póde ser de Delia a alma,  
Verá tudo pintado tanto ao vivo,  
Como o vivo pintado eternamente.



# A huma suspeita.

## SONETO.

**A** Mor, se huma mudança imaginada  
 He com tanto rigor minha homicida,  
 Que fará se passar de ser temida  
 A ser, como temida, averiguada?  
 Se só por ser de mim taõ receada  
 Com dura execuçaõ me tira a vida,  
 Que fará se chegar a ser sabida?  
 Que fará se passar de suspeitada?  
 Porém já que me mata, sendo incerta,  
 Sómente o imaginalla, e presumilla,  
 Claro está, pois da vida o fio corta,  
 Que me fará depois, quando for certa,  
 Ou tornar a viver para sentilla,  
 Ou sentilla tambem depois de morta.

*A F. que tocando una cithara hizo  
 morir hum cysne.*

## SONETO.

**T** Añia, Cori hermosa, y la escuchaba  
 Un armiño canoro, un jasmin vivo;  
 Mas no me admiro en verlo assi cautivo,  
 Que una belleza alfin todo lo acaba:  
 A contonancia tal suspenso estaba,  
 Quando de Clori el canto sucessivo  
 A su muerte apressada dió motivo,  
 Quando a su pecho amante alivio daba:  
 Pero no es mucho acabe en tal encanto,  
 Pues de Clori no fué la tyrannia,  
 Como del cysne fué consuelo tanto:  
 Porque si ha de morir con harmonia,  
 Etperar no podia mejor canto,  
 Que de Clori la dulce melodia.



*Alludindo ao que diz Eliano lib. 14.  
cap. 23. que o cysne vence a aguia,  
se esta o desafia.*

S O N E T O.

**A** Rainha das aves provocando  
Persegue o cysne só, como entendido,  
Que quem he por prudente conhecido,  
Só deve pelejar desafiado:  
Prudente, generoso, e alentado  
No conflicto já mais fica vencido,  
Porque como peleja de offendido,  
Animalhe o valor verse aggravado:  
Jeroglyfico o cysne he da sciencia,  
A aguia do valor, e bizzarria,  
Ambos querem vècerem competencia:  
Mas quem trofeos ao cysne negaria,  
Conhecendo q̃ he tymbre da prudencia,  
O saber triunfar da valentia?

*Voando huma borboleta junto  
aos olhos de F.*

S O N E T O.

**V**ano viviente, irracional alado,  
Que quemarte procuras atrevido,  
Por te ver como Fenix renascido,  
Resuscitando en llamas abrazado:  
Aqui tienes el fuego destinado  
En los ojos de Filis encendido,  
Onde revivirás desvanecido,  
Quando no pueda ser por inflammado.  
Quemate como Fenix, pues te inflamas,  
No temas padecer contraria suerte,  
Que atrevidos desdichas no maltratan;  
Quemate pues dichoso en estas llamas,  
Adquiriras la vida con la muerte,  
Que dan vida estos ojos, quando matan.



## A ALEXANDRE

*Chorando, porque ouvio dizer, que  
bavia mais mundos.*

## SONETO.

**S**E defeja mais mundos arrogante  
Para vencer teu animo valente,  
Melhor final de teu desejo ardente  
Era, q̄ hū pranto, hum rayo fulminante.  
Neste luzira teu valor constante,  
E naquelle naufraga debilmente;  
Se já o mundo te adora reverente,  
Suspiras vencedor, choras triunfante?  
Que mais fizeras, se á contraria sorte  
Alguma vez te viras reduzido,  
Se assim sentes as glorias de Mavorte?  
Mas como o mundo, q̄ ha, tens já rendido,  
Naõ se distingue em teu alento forte  
O naõ ter que vencer de estar vencido.

A F. *que morreo de ar.*

## SONETO.

**C**Om ar madruga a flor mais engraça-  
Pavaõ de Abril pomposo, e matizado,  
Mas para o seu alinhio ser prostrado,  
Bastalhe o mesmo ar da madrugada.  
Nasce ayrosa a vergontea delicada,  
Pluma do bosque, pavelhaõ do prado;  
Mas de hum zefiro o sopro arrebatado  
Entre as plantas a deixa sepultada.  
Assim foy, Fabio, Filis soberana  
Delicada vergontea, e flor luzida,  
Hum ar a corta, se outro ar a abala:  
Fragil morreo, se madrugava ufana,  
Porque em fim toda a pompa desta vida  
Apenas brilha, quando em ar acaba.



*A la hermosura de un  
cabello.*

SONETO.

**F**Lamante inundacion, golfo dorado,  
Onde corre tormentas el sentido,  
Pues viendose en las olas sumergido,  
Se mira de los rayos anegado.  
Carcel hermofo, grillo de un cuidado,  
Que estima tanto ser vuestro rendido,  
Que zelando las dichas de prendido,  
Rezelos tiene a verse defatado.  
Mas aunq̄ en rubias hebras fois tan bello,  
De essa crespa sobervia las crueldades  
Effectos deven ser de esse theforo:  
Que como es un Ophir cada cabello,  
No es mucho, q̄ en sobervias vanidades  
Tan crespo os ostenteis, pues teneis oro.

*A F. com huma espada  
na maõ.*

SONETO.

**E**N vano, ó Filis, esse azero, en vano  
Cortar quiere a una vida el plazo estre-  
cho,  
Que quien muere al azero de tu pecho,  
Yà no siente la espada de tu mano.  
Vibra los hilos desse harpon tyranno,  
Que yo le darè mi vida satisfecho, (cho,  
Que si la muerte a un triste es de prove-  
cho  
Quien vive desdeñado, muera ufano.  
Pero nó; que es agravio a tus luzeros,  
Dexa Filis hermosa los enojos,  
Porque escufas las armas, quando miras:  
Vibra los ojos, dexa los azeros,  
Que más rinden pestañas de tus ojos,  
Que sugetan impulsos de tus iras.



*Ao seu cuidado.*

## SONETO.

**N**O verdor da floresta deleitosa,  
 Quando de Abril a Aurora he mais fere-  
 Reclinado nos braços da açucena (na,  
 Vi o purpureo carmim da mesma rosa:  
 Essa de ambar fragrante mariposa,  
 Vi bordar de escarlata a selva amena,  
 E em quebros vi cantar a filomena, (fa  
 Entre as ramas de Daphne mais frondo-  
 De Flora o campo cheyo de harmonias,  
 De aljofar guarnecendo os verdes pra-  
 Essas de Thetis liquidas sangrias, (dos,  
 Tudo em fragrancias concedia agrados,  
 Mas ay, que entre taõ doces melodias  
 Sómente me elevaraõ meus cuidados.

*Aos gostos breves  
do Mundo.*

## SONETO.

**G**Loria do amor, q̃ breve que feneces!  
 Pena do amor, que larga te dilatas!  
 Que largamente hũ coração maltratas!  
 Com quanta brevidade desvaneces!  
 Gosto fingido no melhor pereces,  
 Verdadeiro tormento sempre matas,  
 Se te concedes, logo te recatas,  
 Se te apoderas, nunca te enterneces!  
 Pena cruel, que a alma me traspassas!  
 Gloria caduca, que taõ pouco aturas!  
 Quem podéra emendar tãtas desgraças!  
 Quem tivera n'hum ser sempre as ventu-  
 Es doce de passar, por isso passas; (ras!  
 Es dura de soffrer, por isso duras.



*A hum passaro cantan-  
do.*

S O N E T O.

Q<sup>(nho)</sup>ue alegre pendurado de hũ rami-  
Cantando em alta voz estás contente,  
Sem temeres o mal estando ausente,  
Que te espera, ó incauto passarinho!  
Acorda pois depressa, que adivinho,  
Se tardares hum pouco, descontente  
Inda mal chorarás eternamente  
O roubo de teus filhos, e o teu ninho.  
Faze já de meus males claro espelho,  
Pois por viver ausente, e confiado  
Perdi tudo o que tinha merecido:  
Mas ah, que tarde tomas meu conselho!  
Na perda ficarás defenganado,  
Já que cantas ausente, e divertido.

A O M I N I N O  
J E S U S  
*chorando.*

S O N E T O.

Llorando veo, quien reir debiera,  
Quien debiera llorar, veo reyendo,  
Es Dios aquel, que llora padeciendo,  
Rie el hombre, y mejor llorar le fuera.  
Llora entre pajas, lexos de su esféra,  
Su ter en el de Niño desmintiendo,  
Rie allen de su esféra el hombre, siendo  
Razon que llorara, y no reyera:  
Porque llorais mi bien, quando no llora  
Aquel por quien llorais? tened el llanto,  
Que el hombre con la rifa se amora:  
Pero de que lloreis, ya no me espanto;  
Pues vuestro amor las perlas atesora.  
Para pagar del hombre reir tanto.



GLOSA AO SONETO  
 DE D. LUIZ  
 DE GONGORA.

SONETO.

*A una rosa.*

**A**yer naciste, y morirás mañana:  
 Para tan breve ser quien te dió vida?  
 Para vivir tan poco estás luzida,  
 Y para no ser nada estás loçana?  
 Si te engañó tu hermosura vana  
 Bien presto la verás desvanecida,  
 Porque en tu hermosura está escondida  
 La ocasion de morir muerte temprana.  
 Quando te corte la robusta mano,  
 (Ley de la agricultura permittida)  
 Groffero aliento acabará tu suerte:  
 No salgas, que te aguarda algun tyranno:  
 Dilata tu nacer para tu vida,  
 Que anticipas tu ser para tu muerte.

Carmin

I.

Carmin florido, nacar magestoso,  
 Que en throno de esmeraldas llevádo,  
 Para ser de las flores dueño hermoso,  
 Purpura te fabrica lo encarnado:  
 De que sirve salir tan presuroso  
 Desse verde boton, que has desplegado,  
 Si en la mentira de tu pompa ufana  
 Ayer naciste, y morirás mañana.

II.

Nace a tan breve edad tu vida hermosa,  
 Que ella misma su vida difficulta,  
 Pues cadaver nacida, y muerta rosa  
 Te engendra el Sol, la noche te sepulta:  
 Moriendo vives, pues tu gala ayrosa  
 Solamente el color ser luto occulta,  
 Que a tu muerte la dió tan prevenida  
 Para tan breve ser, quien te dió vida.

III.

Vestida grana, de oro coronada,  
 Tu florido esplendor el campo alumbra,  
 Mas en un soplo ves precipitada  
 Quanta sobervia tu altivez encubra:  
 Advierte, ó necia flor, quan engañada  
 Tu presumpcion altiva te deslumbra,  
 Pues si a tanto luzir te ves subida,  
 Para vivir tan poco estás luzida.)

De



De que serve haver sido tu hermosura,  
 Si con tal brevedad, con tal presteza  
 Se marchita, que advierte lo que dura  
 En el estrago más, que en la grandeza;  
 Mentido el ser, mudable la ventura,  
 Logra en applauso necio tu belleza,  
 Pues a ser mucho madrugaste ufana,  
 Y para no ser nada estás loçana.

En tu misma belleza divertida  
 Para tu daño naces descuidada,  
 La brevedad advierte de tu vida,  
 Más peligrosa, quanto más guardada:  
 Crece en ti misma el tiempo prevenida,  
 Si has de verte en ti misma escarmietada,  
 No te pueda engañar tu edad loçaña,  
 Si te engañó tu hermosura vana.

Desprecia de tu fuerte lo luzido,  
 Pues qual aspid furioso, el tiépo ayrado,  
 Es veneno en tu ser bien escondido,  
 En hollarte tu hojas maltratado;  
 Recogete otra vez al verde nido,  
 Si ave olorosa fuisse al fresco prado,  
 Que essa pompa, essa machina luzida  
 Bien presto la verás desvanecida.

Riguroso ministro de tu muerte  
 Te hizo luego al nacer naturaleza,  
 Decretando fatal la dura suerte,  
 La misma cuna tumba a tu belleza:  
 Ni el ceptro, ni la purpura pervierte  
 De leys tan rigurosas la aspereza;  
 Que se atreve la muerte con tu vida,  
 Porque en tu hermosura está escondida.

Si te vió la Aurora coronada,  
 Con el Sol te verás desvanecida,  
 Tanto en el por caduca despreciada,  
 Quanto en ella por Reyna obedecida.  
 Nace en ti la hermosura desdichada,  
 Pues en ella al principio de tu vida  
 Offreces a la tarde en la mañana  
 La ocasion de morir muerte temprana.

En essas verdes hojas la esperança  
 De tus años promete el tiempo astuto:  
 Mas bien escribe en essas tu mudança,  
 Pues el ser flor te concedió por fruto:  
 Si agora la engañada confiança  
 De ser verde te isenta a tu tributo,  
 Presto verás tu termino tyranno,  
 Quando te corte la robusta mano.



Nunca fué privilegio a la grandeza  
 Vivir en si la Magestad segura, (za,  
 Y bien lo muestra el tiempo en tu belle-  
 Pues solamente lo que nasce dura:  
 Reyna te quiso hazer naturaleza,  
 Pero no segurarte la ventura,  
 Porque son los peligros de tu vida  
 Ley de la agricultura permittida.

XI.

Luego al nacer tu pompa magestosa  
 En la inconstancia de tu ser te avisa,  
 Que apenas eres mal formada rosa,  
 Quando empieças a ser mustia cenisa:  
 Dexa de ser altiva, y temerosa,  
 Las verdes hojas desse throno pisa,  
 Que si las dexas por huir tu muerte,  
 Groffero aliento acabará tu suerte.

XII.

Ves que en throno cercó naturaleza  
 Tu hermosura, con una, y otra espina,  
 Pues nó son archas, nó de la grandeza,  
 Pompa si, que a la muete te avesina;  
 Y pues nó te asegura tu alpereza,  
 Porque al nacer tu suerte te destina,  
 Lastimoso destroço, ayrada mano,  
 No salgas, que te aguarda algun tyrano,

No

No bien tu magestad ambar respira  
 En las tremulas hojas dessa rama,  
 Quando el tiempo cruel trocado mira  
 El solio verde por funesta cama:  
 No creas de tu suerte la mentira,  
 O burla del applauso que te llama:  
 Si es tu vida al nacer mas advertida,  
 Dilata tu nacer para tu vida.

XIV.

Gloria del campo, Reyna magestosa,  
 En esse verde cielo roxa estrella,  
 El antidoto busca en no ser rosa,  
 Pues hallas el veneno en nacer bella:  
 Nó salgas a tu ser tan presurosa,  
 Pues vive el tiempo lordo a tu querella,  
 Huye en ti de ti misma, y sabia advierte,  
 Que anticipas tu ser para tu muerte.





FABULA  
DE NARCISO  
POR  
JACINTO FREIRE  
DE ANDRADE.

I.

FAbulemos, ó Musa, hũ pouco embora,  
Percase com Narciso hum breve rato,  
Que ambição de patife tenho agora,  
Pois q̄ Chronista sou de hum mentecato:  
Musa de disparates inventora  
Soccorre estes, que agora intento, e trato,  
Que hey mister neste tempo, ó graõ Tha-  
Até para fer nescio ter valia. (lia,

II.

Filho Narciso foy da escarcha elada,  
Hum regato o gerou d'aguas taõ frias,  
Que sobre hum só cidraõ da mezurada  
Eu lhe bebera o pay dentro em tres dias:  
Com fer o regatinho hum quasi nada  
Pontes derruba, e faz mil tyrannias,  
De que se burla o tempo, pois elado  
O tem por louco á mesma marge atado.

Bro.

III.

Brotou na ferra dura, e correo logo  
Atroando insolente a penedia:  
Quantos fazem *tres val* com menos jogo,  
Muito ruido, e pouca fidalguia!  
Conquistar pertendeo com brando rogo  
Huma Nynfa gentil, que parecia  
Rico feitio, estampa peregrina,  
Cheguem-se mais, que já corro a cortina.

IV.

De ouro os cabellos tem mina taõ rara,  
Que co' Monomotapa se atravessa,  
Vede de huma mulher, quem tal cuidara,  
Que inda a cousa melhor fosse a cabeça:  
Para nenhum consorte a moça he cara,  
Se se lhe naõ fizer calva depressa,  
Mas o pobre dirá, que em que taõ bellos  
Arrepellido vay pelos cabellos.

V.

Elouse a frente, a ferra está nevada,  
E a prizões de alabastro almas condena,  
Mas se o verniz, que poz de madrugada,  
Se derreter, vereis terra Morena:  
Maravilha he, mas çujamente usada,  
Que hũ corvo negro mude é cisne a pena  
Quem sabe d'arte, aslombralhe a pintura,  
Pois dá cor sobre negro a formosura.

S 2

Os



Os olhos de atrevidos, ou de honrados  
 Não conhecem no Ceo luzes mais bellas,  
 Piratas são do Sol já rebellados,  
 Outro Flandes em fim contra as estrellas:  
 Tudo de Corte tem; são muy rasgados,  
 Mas deixam-se ver pouco, e cõ cautellas,  
 Cobrem a luz, ninguẽ lhe logra os pertos,  
 Vem q̃ são grandes, querẽ estar cubertos.

## VII.

Cheguemos ao nariz, que me promette  
 A Musa aqui cantar, qual casto eunuco:  
 Já se assoma o ladraõ com cavallete,  
 Que póde levar de ancas ao Maluco:  
 Se neste mastro ponho hum só traquete,  
 Surgirá posto á vella em Pernambuco;  
 Mas não se fez nariz em nove mezes,  
 Tinha sido nariz quinhentas vezes.

## VIII.

Corada a boca está fazendo afrontas  
 As rotas, que secar de inveja vemos,  
 Com dous coraes, de q̃ eu fizera contas,  
 A não ter feito a natureza extremos:  
 E se as faces Melpomene me apontas,  
 A papel de Veneza as comparemos;  
 Mas se o dedo cõ cor lhe escreve enganos  
 Dous cartazes parecem Castelhanos

Que

Que valente debuxo! á arte espanta,  
 Espiritos tem vitaes, mas temo agora,  
 Se com dous versos mais faço a garganta,  
 Me peça de comer dentro de hum' hora:  
 Deixar pertendo neste estado a planta,  
 Se pés lhe faço, ha de irse muito embora,  
 Que a mulher deste tẽpo, e em q̃ pintada,  
 Se ira traz qualquer festa retratada.

## X.

Neste portento candido, e formoso  
 O regatinho a idolatrar se atreve,  
 Amhição foy de ser mais caudaloso  
 Derreter huma Nynfa, que he de neve:  
 Inda mais que eloquente lastimoso  
 Assim lhe falla judicioso, e breve,  
 E tal gala mostrou no sofrimento,  
 Que estava ayroso á vista do tormento.

## XI.

Se esta corrente (diz) taõ clara, e pura  
 De teus olhos merece as luzes bellas,  
 A meus males direy alcem figura;  
 Pois tenho já propicias as estrellas:  
 Mas dessas luzes temo, que a ventura  
 Disfarçado o perigo esconde nellas,  
 Se he, q̃ me pedem campo, estou rendido,  
 Pois em dous olhos vejo o Sol partido.

Trata



Trata bem Nynfa esta alma, q̄ rendeste,  
 Nella de teu poder lerás a historia,  
 Não rompas o papel, onde escreveste,  
 Porque ferás cruel com tua memoria:  
 Desbaratar hum peito, em que coubeste,  
 He dos teus proprios bens haver vitoria:  
 Quem a casa destroe, aonde mora?  
 Muito mais o altar, onde se adora.

## XIII.

Não sem religião cuidão os pastores  
 Vêdo o teu resplendor, q̄ ao Sol deo filhas:  
 Erro grande, não saibão agricultores,  
 Que a terra he, que produz as maravilhas:  
 De teu fogo me abrazaõ os ardores,  
 Sendo minina a luz inda mantilhas,  
 Ferio-me como cifra o rosto bello,  
 Sem enxergar a mão via o cutello.

## XIV

Quem logra desse rosto o imperio breve  
 De Monarcha feliz sabio blazona;  
 Pois junto a tanto Sol, e a tanta neve  
 Abatidas vê huma, e outra zona:  
 Mas que discurso meu caduco, e leve!  
 Se hum rio de abraçar o Sol se abona;  
 Estremecido o Mundo cuidaria,  
 Segunda vez se despenhava o dia.

O Sol

O Sol abraza: ás ruas vou estreitas  
 A buscar huma sombra muito á pressa;  
 Livrarme quero agora de maleitas,  
 Que de andar tão ao Sol doeme a cabeça  
 Cuidey pintar a moça hoje ás direitas,  
 Porém a Musa hum mono me arremessa;  
 Debaixo ando do Sol ha dous Estios,  
 Quem vem de S. Thomé, só traz bugios.

## XVI.

Chora o regato amante, he machavello,  
 E com choros, e queixas tece o jogo;  
 Tornou-selhe o amor Mestre Juanello,  
 Artificios tem d'agua, e não de fogo:  
 Se lagrimas offrece ao rosto bello,  
 Levar fontes ao Ceo pertende logo;  
 Por ver com novo engenho o Múdo ledo  
 Subir mais alto as aguas, que em Toledo.

## XVII.

Se amas (Ihe diz a Nynfa) os meus favores  
 De amantes he chorar continuamente;  
 Porque junto do cano do amores  
 Passa a fonte das lagrimas corrente:  
 Porém já se dispensaõ estes rigores  
 Por qualquer donativo facilmente,  
 Não dês fruto ás aveças como errado,  
 As lagrimas primeiro, que o peccado.

S



Se te falta o quattrim para esta empreza,  
 Não solícites minha honestidade;  
 Porque foy companheira da pobreza  
 Em todo o tempo sempre a castidade:  
 Na estrada de casar sinto aspereza,  
 Caminhalla sem bolça, he needade,  
 Que o demonio da carne acobardado  
 Foge da Cruz, e chega-te ao cruzado.

XIX.

De que creyas me espanto, e maravilho,  
 Que hum regatinho pobre tudo arraza,  
 Sem ver, q̄ se eu quizera hum Lazarilho,  
 Hoje tivera o Tormes dentro em casa:  
 Por mais q̄ tu te êcrespes, não me humilho  
 Nem por suave teu crystal me abraza;  
 Só do rio da prata docemente  
 Me agrada o fom, derreteme a corrente.

XX.

Não tens occupação, pobre, e com vicio,  
 Mal me sustentarás em novo estado,  
 E se não tens officio, ou beneficio  
 Terás grande pensão sendo casado:  
 Os conceitos alheyos de artificio  
 Manjar são d'alma, pasto deliado;  
 Eu só d'huma perdiz gosto infinito,  
 Sou tentada co' a carne, e não co' espirito.

Bem

Bem q̄ o meu dote he tal, q̄ me atrevera  
 A fazer hum rayvaço a qualquer rio,  
 Pois só das brancas mãos vender podera  
 Aos regalados neve em todo o Estio:  
 Cõpraraõ-me as guedelhas, se eu quize-  
 Para prender a todos o alvedrio; (ra,  
 Mas christandade pouca em mim feria  
 Vender rayos do Sol, que he simonia.

XXII.

Faça as contas teu mal, que na partida  
 Ficas muito a dever, Sifpho ingrato;  
 Pois se hũ desdem me cõpras com a vida,  
 Pelo custo to dou, vê se he barato:  
 Quem bem soubesse pôr preço á ferida  
 Para estas Indias embarcara o fato;  
 Porque he penar por tanta formosura,  
 Ganhar cento por cento co' a ventura.

XXIII.

Mas deixa as pertençaõs, com q̄ porfias;  
 Pois te canças em vão sem nenhum fruto,  
 Que ou chores triste, ou alegre rias,  
 Te hey de ouvir chorar cõ rosto enxuto:  
 Abrazarme não haõ tuas ondas frias,  
 Por mais cavillações, que armes astuto:  
 Guarda para o graõ Turco o teu abraço,  
 Que he bebedor de aguas o perraço.

Na



Na qualidade occupas baixa esféra,  
 Considero-te tofco, e mal nascido:  
 Es filho de hum rochedo, e não quizera  
 Com achaques de pedra a meu marido:  
 Mas baste de cruel, baste de auctéra,  
 Tem penetrado esta alma o teu gemido;  
 Se he que por eu ser tua tanto morres,  
 Mal te posso fugir, pois tanto corres.

XXV.

Levas-me pois em fim galharda dama,  
 Bem que palma terey d'algum junquete;  
 Não te espantes de ver nodos na fama,  
 Fuy virgem louca, derramey o azeite:  
 De flores vi compôrte o tempo a cama,  
 Que fecundas regando este alegrete;  
 Eu que sou rosa humana he-me decente,  
 Viver, para medrar, junto á corrente.

XXVI

Serpe me pareceste, que enroscada  
 Vaz arrastando em voltas transparentes:  
 Trouxeste-me ao vergel como enganada,  
 Onde até de crystal tentaõ serpentes;  
 Aqui me tens ao doce jugo atada,  
 Quando de meus desdês vingança intêtes:  
 Nestes olhos castiga o meu desvio,  
 Mais duas fontes juntarás a hum rio.

Como

Como o regato vio, que era casado,  
 Hum osculo lhe deo por contentalla,  
 Quem não dirá, que andou nisto avifado,  
 Logo que teve cruz, querer beijalla:  
 Abraçando-a modesto, e namorado:  
 Minha corrente (diz) ao Nilo iguala:  
 Se em teus braços felices me sustento,  
 No Ceo da terra tenho o nascimento.

XXVIII

Inda os velhos se acordaõ, que na aldeã  
 Largos annos vivera bem casada,  
 Ou cuidava a fortuna, que era fea,  
 Ou a não quiz tratar como avifada:  
 Ella vay donde quer, traja, e passeã,  
 Sem que o marido possa impedir nada;  
 O coitado he mais tonto, do que astuto,  
 E não casou com Porcia sendo Bruto.

XXIX.

Como era taõ gentil a desposada,  
 Tinha muitos amigos o marido;  
 Todos o trataõ com traiçaõ trocada,  
 E elle estava vendado, e mais vendido:  
 Porque o Mundo a fizesse authorizada,  
 Diz, que nasceo guerreiro, e mal sofrido,  
 No signo de Leaõ, que he deshumano,  
 Eu sey q̃ no de Tauro, e não me engano.

Com



Com mimos quiz provar se a reduzia,  
 Deo-lhe mil galas, tellas, e brocados,  
 Só colchas não comprou de montaria;  
 Porq̃ em casa a mulher lavra os veados:  
 Mas como de seus tratos se offendia,  
 Prepararlhe intentou certos bocados:  
 Ella lhe diz com rosto muy sereno  
 Unicornio fois vós contra o veneno.

XXXI.

Hum filho em fim pario esta minina,  
 Cuida o marido, he seu, como ignorante;  
 E eu sey que inda que tire huma Paulina,  
 Se não faiba do pay do novo infante:  
 Obrado foy com arte, e disciplina,  
 Sem solecismo algum todo elegante,  
 Com coroa nasceo, e com cerquilho,  
 E mais de quem se cuida não he filho.

XXXII.

Cresce Narciso em dias na belleza,  
 Tinha já de sobejo graça, e brio,  
 Estava-se de gorra á natureza,  
 Dizem que fez trancinhas no feitio:  
 Os cabellos co a cor de Febo acceza  
 Por ouro se gastavaõ fio a fio,  
 E aquelles, q̃ o contéplão crespo, e bello,  
 Andaõ dependurados de hum cabelo.

Dos

Dos olhos corre a fama na Cidade,  
 Que jogaõ demasiado o embaraço,  
 Não faz com elles forte a liberdade,  
 Saõ de sete levar, de topo, e faço:  
 Humanos saõ á mesma suavidade,  
 Mas irados, e azedos, mais que agração,  
 Se elles nocivos saõ, por ser perfeitos,  
 Menos mal fazem os tortos, q̃ os direitos.

XXXIV.

Musa o retrate aqui culta, e limada,  
 Mas não tenho dos criticos o aviso,  
 Comparações de Sol saõ muy d'estrada;  
 Pois q̃ lhe hey de chamar a este Narciso?  
 Retratar formosura, e mais barbada,  
 He ter já no Hospital atado o fizo,  
 Teu pay, que te retrate, ó mentecato;  
 Pois fez o original, faça o retrato.

XXXV.

Tinha Narciso assomos de soldado  
 Animados do tinto, e do palhete,  
 Porém este Annibal, este alentado  
 Melhor despeja os frascos, q̃ o mosquete:  
 Sobremesa Leaõ com rosto irado,  
 O campo da batalha era o bofete,  
 Bizarrias nos traz já muito usadas,  
 Qué ergueo sempre copas, joga espadas.

Meteo



Meteo maõ trinta vezes na estacada,  
 Nunca ferio ninguem co' a columbrina,  
 Todos lhe sabem a cõpleiçaõ da espada,  
 Que he colerica fim, mas naõ sanguina:  
 Já mais trouxe a tizona ensanguentada,  
 Sempre tomava seca a disciplina,  
 Que he valente opilado alguem presume,  
 Por naõ trazer na espada o seu costume.

XXXVII.

Diz delle o vulgo, (e nesciamente falla)  
 Como ao pobrete vê, q̃ anda esmichado,  
 Que nunca nas pendencias se finala,  
 E cu de todas o vejo assinalado:  
 Sempre de calças altas veste a gala,  
 Que até dos fastres anda acutillado;  
 Pouco custara tello amor rendido,  
 Se a todo o tempo o ha de achar ferido.

XXXVIII.

Mas já o nosso valente o escudo apoya,  
 Já naõ quer fer dos bravos maravilha,  
 Que inda que foy valente de tramoya,  
 Naõ quer mais levantar pela espadilha:  
 O medo em fim, q̃ leva ao fundo a boya,  
 Do novo Scipiaõ o escudo humilha;  
 E se pecca no quinto Mandamento,  
 Sómente he por palavra, ou pensamento.

Saltou

Saltou das armas, foy para a Poesia  
 Com refabios tambem de namorado;  
 Que os peccados de sangue aborrecia,  
 Mas nos da carne deo o desgraçado:  
 Em trinta oitavas invoeou Thalia,  
 Todas hũ grito taõ de espirito inchado,  
 Que dos simples dagora o mais perenne  
 Tem oitavas tambem como solene.

XL.

Nova Jerusaleem com traça, e manha  
 Fez imitando a Tasso, engenho fino;  
 Mas cõ levar o engenho a terra estranha,  
 Ninguem chega a dizer, q̃ he peregrino:  
 Na terra santa em fim lustra a campanha,  
 E com estylo ousado, bem que indigno,  
 Ver o sepulchro santo se aventura,  
 Que hum mau Poeta abre a sepultura.

XLI.

He todo o cabedal deste discreto  
 Rayos de luz, porém confuso, e duro;  
 Quem naõ se espantará verlhe hũ Soneto,  
 Sem se lhe pôr o Sol, ser todo escuro?  
 Que aspira a glorias grãdes, vos promet-  
 Mas saõ fumaças tudo, quanto apuro: (to,  
 Eu só da minha Euterpe hoje presumo,  
 Que tem máto de gloria, as mais de fumo.

De



De crystal fez tambem seus lizos dentes,  
 Nem falta logo hũ culto, q̃ os murmura,  
 Como eraõ dispartes transparentes,  
 Deixaõ-se ver de longe na escritura:  
 Naõ já como no barro estaõ luzentes  
 A natureza emendaõ na escultura:  
 Doudices dos Poetas saõ mais finas,  
 Loucos de pedras saõ, mas crystallinas.

XLIII.

Deo Narciso em caseiro estranhamente,  
 Ninguem lhe vê na rua hoje as pizadas,  
 Nem Comedias faz já, sendo eloquente,  
 Que tanto a aborrecer veyo as jornadas:  
 Por illustre se tem, e impertinente  
 Imita aos grandes já nas retiradas:  
 Porque attributos saõ da fidalguia;  
 E elle até nas pendencias as fazia.

XLIV.

Despreza o barro, e lá co' as jerarquias  
 Quer visinhar aquella humanidade,  
 Naõ vive como os mais nas Olarias,  
 Mora pegado aos Anjos na Cidade:  
 Mezura-se, refere as fidalguias,  
 Bragança, Austria, Borbon na qualidade,  
 Bẽ póde dar hũ pique aos mais inchados,  
 Tem quatorze de Reys muito estirados.

Dos

Dos Camaras mayores se gloria,  
 Cujo sangue de bom sempre encarece;  
 Mas tem muy perigosa a fidalguia  
 Com camaras de sangue me parece:  
 Muitas vezes por Castro se avalia,  
 Que hum appellido grande o desvanee;  
 As damas dizem, que lhe sabem o geito,  
 He dos Castros das treze o mais bẽ feito.

XLVI.

Naõ visita a ninguem por soberano,  
 Morre por ser de huns nescios singulares;  
 Sem tomar jubileo se passa o anno,  
 Só por naõ visitar os cinco altares:  
 Inimigo se faz do trato humano;  
 Por descortez já teve alguns pezares;  
 A Medicos naõ deo já mais dinheiro,  
 Por naõ pagar visitas de escudeiro.

XLVII.

Quando sauda alguem muito á ligeira;  
 He co' pescoço tezo, e estacado,  
 Vara tem de justiça muito inteira,  
 Naõ se gabou ninguẽ de o ver dobrado:  
 Já mais faz a zumbaya de maneira,  
 Que se possa cuidar, que he corcovado,  
 Podera ser nas Leys grande sogeito,  
 Homem com tantos annos de direito.

III. Part.

T

Logo



Logo que morre hũ grande, se entristece,  
E arrasta luto, em quanto passa o anno,  
Tanto, que huma caveira o desvanece,  
Com que a todos se préga o desengano:  
Acompanha o cadaver, e adormece  
Debruçado na cova sobre o panno,  
Levanta nescio, e o deixa espaço breve,  
Que lhe seja ao defunto a terra leve.

XLIX.

Deraõ-lhe hũ graõ lugar, cresceo d' esta.  
Grande volateria a casa atroa, (do,  
Como se vê Ministro authorizado  
A caças de rapina se afeição:  
Já diz, que de papeis anda enfadado,  
Que he grande cruz o officio nos pregó;  
Mas a cruz d' hum Ministro, se he velhaco  
He cruz do máo ladraõ, he cruz de caco.

L.

Taõ graõ pirata foy, que retratado  
Por hũ gentil pintor, que achou barato,  
Sem milagre nenhum se haver obrado  
Lhe tem crescido as unhas no retrato:  
Ao que servio melhor, ao q̃ he soldado,  
Antes de o consultar lhe apanha o fato;  
Nenhum Heytor por forte he seu valido,  
Salvo se tiver Mendes no appellido.

Com

Com ser ladraõ se punha affeminado  
Aguas nas mãos, e rosto destiliadas,  
Que anda este papelista costumado  
A trazer de continuo as mãos untadas:  
Sempre sentenças diz, falla alcorçado  
Discriçoens de conserva abemoladas,  
Q; hũ discretassõ doce he justo empenho  
Lavar assucar, pois tem tanto engenho.

LII.

De candido alabastro a gentileza  
Por singular na terra encarecia,  
Tratou de fazer joya a natureza,  
Lavrou Narciso entaõ de pedraria:  
Como Fenix o queima a sua belleza,  
De seus proprios ardores se accendia,  
E em vez de pedir agua, que se abraza,  
Seu mesmo dono punha fogo á casa.

LIII.

Hum pouco mais que humano se affigura,  
Já de aromas o fumo appetecia,  
Sinco mil annos ha, que á formosura  
Estava lavrando altar a idolatria:  
N' huma fonte se vio liquida, e para,  
Mas turbou logo o espelho, em q̃ se via;  
Naõ quer, q̃ dous Narcisos tenha o Mũdo,  
Nem q̃ haja inda por sombras seu segũdo.

T 2

Para



Para perderse topa o novo ensejo,  
 Achou já n'outra fonte o matadeiro;  
 Fora-se elle a viver só no Alemtejo,  
 Não topara com fonte hum anno inteiro:  
 Vayte affogar minguado antes no Tejo,  
 Deixa cuidados nescios malhadeiro,  
 Menos parece amor, do que çurgia  
 Andar abrindo fontes cada dia.



FABULA  
 DE  
 POLIFEMO  
 E GALATEA.

*Do mesmo Author.*

INTRODUCCAM.

I.

NÃO mais Plataõ cançada fantasia,  
 Que me tẽ cõ tres onças de discreto  
 Mais carregado já, que huma elegia,  
 E mais sentencioso, que hum Soneto:  
 Levar á praça quero a livraria,  
 Vender da Instituta até o Decreto,  
 Com os Juristas Vinnios, e Donelos,  
 E os Letrados do tempo Machavelos.

II.

Livros a meus estudos sempre ingratos,  
 Hoje vossa lição deixo importuna;  
 Passome ao bairro já dos mentecatos,  
 Só por avisinhar com a fortuna:  
 Cuidey fosseis a meus trabalhos gratos,  
 E de minhas paredes a coluna,  
 Fiey muito no tempo, andey errado;  
 Porque tratey o Mundo como honrado.  
 Outrem



Outrem do voffo m'ir logre a bonança,  
 Que eu já do meu baixel recolho o pano,  
 E do capote verde da esperança  
 Estou cortando loba ao defengano:  
 Já para as Musas faço outra mudança,  
 Divertindo entre burlas tanto engano,  
 Que por ver se de gofto o lança hum dia,  
 Joga com dados falsos a alegria.

## IV.

Já dos voffos favores defefpero,  
 Deixo feitos, papeis, deixo trapaças;  
 Vifta só do Parnafo pedir quero,  
 Onde não ha favores, mas ha graças:  
 Com ellas divertirme triste efpero,  
 Passando alegre aqui minhas defgraças:  
 De vós nunca já mais quero ter vifta,  
 Nem deste acordaõ me peçais revista,



Onde

Onde espumoso o mar Siciliano  
 Do Lilybeo as fraldas humedece:  
 Monte com fraldas! qué lhe tece o pano?  
 Lascivo este epitheto me parece:  
 Aqui torno a dizer, onde Vulcano  
 Malhando ferro velho lhe anoitece,  
 Habita Polifemo o do pinheiro,  
 Quatro dedos mayor, q' o mesmo outeiro.

## II.

Alverga-o huma graõ concavidade,  
 Bocejo disse hum critico Poeta;  
 Mas se o meu Calepino he de verdade  
 Na pia os nossos lhe puzeraõ greta:  
 Co'n ter a cova immensa quantidade,  
 Encolhido o Pastor dorme á gineta;  
 Porque de Polifemo huma só perna  
 Calça quatorze pontos de caverna.

## III.

Era taõ alto o barbaro gigante,  
 Que, porq' encarecendo-o o não dilate,  
 Cá por baixo na tombrã cum quadrante  
 Lhe tomava a medida o Alfayate:  
 Estava em Cartagena de levante,  
 E via-se em Sicilia o seu gasnate,  
 De balde a sua Nynfa chora ausente,  
 Se estando taõ distante, a vê presente.

Que



Que era lampinho escreve Valdevinos;  
 Porém d'outros Doutores affamados  
 Lemos, que a seus bigodes fernandinos  
 Hiaõ em romaria os mal barbados:  
 E inda hoje affirmaõ peregrinos,  
 Que foraõ em Capadocia venerados,  
 E que delles guardavaõ em seus almarios  
 Emplastros de diabarba os Boticarios.

Arde por Galatea Nynfa bella,  
 De cuja gentileza, e galhardia  
 Dizem, que teve votos para estrella,  
 Daquella digo, com que nasce o dia:  
 Armou em seus cabellos a esparrella  
 A's gadelhas de Venus, onde ardia (cano,  
 Muito mais q' em sua fragoa o Deos Vul-  
 Que de ferro faz cera amor tyranno.

Em seus olhos beldade grande habita  
 Com seus arcos taõ forte, e poderosa,  
 Que excedendo os limites de bonita,  
 Chega a passar a raya de formosa:  
 No coraçãõ se lê crueldade escrita:  
 Mas quando sem espinhos nasce a rosa?  
 Roubou o vellocino algum guerreiro,  
 Sem vir a braços co' dragaõ primeiro?

De Ruy o Toledano a espada brava  
 No valente seu rosto parecia,  
 Bizarra ao Castelhana blazonava,  
 Valente ao Portuguez melhor feria:  
 O rostinho caseiro desprezava  
 Ao çujo Solimaõ dentro em Turquia,  
 Grande ambiçaõ de gloria, pois procura  
 Pelejar desfarmada a formosura!

Das ferras a espessura inculta teve,  
 O nevado dos montes vive nella,  
 Mas com tanta aspereza, e tanta neve,  
 Quando ferra parece, he tó da estrella:  
 A seus rayos amor gigante deve;  
 Pois cahio Polifemo na esparrella,  
 Que saõ seus olhos, quãdo fazem guerra,  
 Hollandezes por mar, Turcos por terra.

Huma tarde de Abril, que espira olores,  
 Pizando Galatea o verde prado  
 Lhe canta o rouxinol cultos louvores  
 N'hum Soneto de Gongora limado:  
 Hum Canario Poeta dos melhores  
 Em consonancia heroica dilatado,  
 Com estylo taõ vario o verso tece,  
 Que com este, que escrevo, se parece.



O pintafilgo, Abril organizado,  
 Citara voadora, Orfeo dos ares,  
 De sua formosura arrebatado  
 Lhe compoem em louvor doces cantares:  
 A chamariz com tiple bemolado  
 Chama musicas aves a milhares,  
 E qual Anfion co' as voaes, que desata,  
 Todo o coro das aves arrebatada.

O pintarroxo a discorrer começa  
 Com naõ menos inchada melodia;  
 Porém hum melro dandolhe á cabeça,  
 Por lhe naõ dar applausos lhe assobia:  
 Suaves pedem á Nynfa favoreça,  
 Esta das aves douta Academia,  
 Que hũ Virgilio calhãdro em voz supre-  
 Lhe fará a seus olhos hum Poema. (ma

Em seu palacio as flores a hospedaraõ  
 De librés roçagantes guarnecidas;  
 As rosas, que entãõ mais se avantaçaraõ,  
 De faldelins purpureos revestidas:  
 De branco as açucenas se trajaraõ  
 Sempre de castidade presumidas;  
 Mas sabe-se que foraõ de amor prezas,  
 Que saõ filhas da terra, e tem fraquezas.

Calhardo o cravo appareceo corado;  
 Mas de excessos, que ao Sol fez no Estio,  
 Vinha hum pouco do figado inflãmado,  
 E receiptoulhe a Aurora orvalho frio:  
 Logo traz delle o gyrasol dourado,  
 A quem mais q' a razaõ deo coroa o brio;  
 Gigante ao diadema se atrevia,  
 Que antigo he fazer Reys a tyrannia.

O jasmim por de Italia presumido  
 De urbano lhe rendeo mil cortezias,  
 Bem que o Gallego inculto, e atrevido  
 Costumado ás antigas rebeldias,  
 Por ser mais oloroso, e etvaecido  
 Nos obsequios quiz ter as primazias:  
 Julgou-se que se em cheiro o igualava,  
 Inferior por Gallego lhe ficava.

Tudo buscava voz a seu conceito,  
 E em louvores da Nynfa discorria,  
 E por ser tanto bem ao prado aceito  
 Entre dentes a fonte se sorria;  
 Vendo tanta excellencia n'hum sogeito  
 Do murmurar nativo se esquecia,  
 E letras escrevendo em branca area  
 Articulavaõ todas Galatea.



Polifemo, que vio saudar as aves  
 Ao crystal animado, se provoca,  
 Com sangue da alma em lagrimas suaves  
 Lava o crystal, que sempre foy de roca:  
 Penas de tanto preço, inda que graves,  
 Não ousa o coração fiar da boca,  
 Antes levar fiel a alma procura  
 As dores em segredo á sepultura.

XVI.

Assim começa enternecido amante,  
 E dando mais licença a seu queixume,  
 Hum auto de querellas poem diante,  
 E que em aberto estaõ todas presume:  
 Diz mais, que provará o Author Gigante  
 Qua sem frio, nem febre se consume,  
 E que não he das leys bom regimento  
 Hum innocente estar posto a tormento.

XVIII

Eu sou (lhe diz) taõ nobre em demasia,  
 Que estou cõ os Torres muy aparentado,  
 E ando por parte de huma minha tia  
 Na arvore dos Pinheiros encoftado:  
 Por ser grande cobrirme eu só podia  
 Melhor, q̄ nenhum Duque, ou Potentado,  
 Que elles por privilegio tem grandeza,  
 Mas eu sou grande só por natureza.

Sylvas

Sylvas á minha vista saõ rasteiras;  
 Os Carvalhos pequenos, e acanhados;  
 Fayas não podem serme sobranceiras;  
 Carvalhais saõ humildes, e minguados:  
 Pois Soverais, e Fresnos, e Pereiras  
 Nem podem ser comigo comparados;  
 Medina Celi só tenho por digno  
 Que junto a mim pareça pequenino.

XX.

Já mais de illustre tronco ha procedido  
 De geração taõ alta homem creado,  
 E ser Moço Fidalgo não hey querido,  
 Só porque ser não posso acrescentado:  
 Hum habito tivera pertendido, (do:  
 Senaõ me hõrara mais meu proprio esta-  
 Pois cubrindo de gado estes outeiros,  
 Me servem de Tusões os meus carneiros.

XXI.

Se algum' hora me obrigaõ teus rigores  
 A queixarme de ti co' este instrumento,  
 Aballar vejo os montes superiores;  
 A melodia os traz, não o sentimento:  
 Taõ musico repito as minhas dores,  
 Que de gloria se veste o meu tormento;  
 Mas como a tanta pena o louvor tiro,  
 Se melhor, do que canto, inda suspiro.

Ver-



Verdade he, que a catarro sou fogeito,  
 Como costuma ser quem melhor canta,  
 Que este vinho de gesto estraga o peito,  
 Posto que abre os passos da garganta:  
 Nem sou por delicado pouco aceito,  
 Nem a musica os brios me quebranta,  
 Cança-se ás vezes sim esta natura, (ra.  
 Porq̃ o trabalho em fim, se he muito, apu-

XXIII.

De teu favor o marmore adorado,  
 Por falta de saber não fico indino,  
 E para ser contigo acreditado,  
 Já tenho de discreto o ser mofino:  
 Se chamar posso claro ao Sol dourado,  
 Não lhe chamo brilhante, nem divino;  
 Não tenho locuçoens de esfolagato,  
 Fallo como meu pay, que he mais barato.

XXIV.

Tão pouco sou laconico encolhido  
 De huns, que por breves deixaõ tudo em  
 Porque he disparate conhecido (branco;  
 Por calçar menos pontos ficar manco;  
 Em pendencias Poeticas metido  
 Co' a mesma furia acabo, com q̃ arranco,  
 Não como alguns, q̃ vejo, quando importa,  
 Vazia a casa, e todo o fato á porta.

Já

Já no que toca a d'estro esgrimideiro,  
 Bem sabe todo o Mundo, minha rosa,  
 Que só com sete palmos de pinheiro  
 Me estou rindo das tretas de Barbosa:  
 De angulo obtuso, vertical, e inteiro  
 Confesso, q̃ aprender não pude a prosa;  
 Nem trapaças de escola em fim procuro,  
 Porque o valor idiota he mais seguro.

XXVI.

Se hum d'estro destes algum dia apanho  
 O faço arrenegar da futiliza,  
 Cum pedaço d'hum pao deste tamanho,  
 Que vibro só co' as leys da natureza:  
 Meu valor só com estas acompanho,  
 Com estas fiz a hum Mestre da destreza  
 Quando recto, mudar ligeiro o passo,  
 E correr muita terra em pouco espaço.

XXVII.

Na caça sou tão bem affortunado,  
 Ou seja do ar, ou seja montaria,  
 Que faço mentiroso ao ditado,  
 De que a caça se mata com porfia:  
 Deste valle, em que agora estou sentado,  
 Huma aguia apanhey eu, que já se via  
 No quarto Ceo. Cacey hũ porco espinho  
 Que hia daqui cem dias de caminho.

Nem



Nem tenhas Galatea por vileza  
 Ver, que para louvarme, aqui sou vindo,  
 Porque para apostar de gentileza (do:  
 Dou de ventage hũ olho a qualquer lin-  
 Mas com estar Polifemo em tanta alteza  
 Anda comsigo proprio desfavindo:  
 Pois quando em merecer mais se assegura  
 Logo lhe faz affintes a ventura.

XXIX.

Tudo, o que tenho dito, me faz digno,  
 Que a ser teu minha forte me levante,  
 Que he nos outros amor fraco minino,  
 E amor em Polifemo he graõ Gigante:  
 Se tens tanto de Ceo, como imagino,  
 Naõ busques para o Ceo mais alto Atlan-  
 E, se teu rosto he Sol, como parece, (te,  
 Primeiro o Sol nos montes amanhece.

XXX.

Poem termo a teus desdês, diamãte vivo,  
 Guardando a tanto affecto igual decoro,  
 Se ques ser mais q̃ humana pelo elquivo  
 Idolatra sou já, pois bronze adoro:  
 Plebeo he o rigor mais do que altivo,  
 Mais q̃ humana te faço, pois te imploro,  
 Mayor a Jove faz, mais o engrandece  
 Quem muito pede, q̃ quẽ muito offrece.

Mas

Mas que cançado estás, ó Polifemo,  
 Deixa conceitos já, deixa gemidos,  
 Se queres ser discreto em todo extremo  
 Abre as mãos, naõ lhe enchas os ouvidos:  
 Que saõ mais eloquentes, como temo,  
 De hum cordeirinho atado dous balidos,  
 Que de conceitos taõ copiosa lista,  
 Que se tu es Elcoto, ella he Thomista.

XXXII.

Galatea lhe diz: Impertinentẽ;  
 Naõ quero fogeiaõ, quero tributo,  
 Que em fim nõ meu pomar vi claramente  
 Quãdo mais flores traz, dar menos fruto:  
 Por mais flores que tenhas de eloquente,  
 Eu te quizera mais diamante bruto;  
 Porq̃ com discrições só ninguem medra,  
 Quizera-te de preço, e foras pedra.

XXXIII

A quem suas pendencias te encomenda  
 Blazona de leaõ forte, e guerreiro,  
 Mas se de mim pertendes, q̃ te entenda,  
 Fallame pela boca de hum cordeiro:  
 Nestes cabellos pois faço a comenda,  
 Nestes olhos amor cunha o dinheiro;  
 Se he que teres procuras franca entrada,  
 Naõ procures mais chave, que a dourada.

III. Part.

V

Se



Se por Musico ser destro, e perfeito  
 Pertendes por justiça os meus favores,  
 Temo que revelado este defeito  
 Me escrevaõ rouxinoes cartas de amores:  
 Da Musica ninguem tirou proveito,  
 Mais que Amfiação de todos os Cantores,  
 Pois quando hia fazer algum caminho,  
 A sua praça da palha era hum golfinho.

XXXV.

Naõ deve ser letrado o conselheiro,  
 Que te julga por caça os meus favores;  
 Pois virãõ com embargos de terceiro  
 Galgos, falcoens, podengos, e açores:  
 Se levarme pertendes por ligeiro,  
 Portehãõ demanda os cervos corredores;  
 Se queres neste pleito matar caça,  
 Has de fazer de dadivas negaçã.

XXXVI.

Se ques vencer sem custas a demanda  
 Por lindo, e doce, sabe, ó mentecato,  
 Que se eu quizer viver dentro em Hollã-  
 Poslo comprar assucar mais barato: (da,  
 De Serafins naõ gosto ter vianda,  
 Nem quero Narcisinhos no meu prato:  
 Antes peixe do rio assado em grelhas,  
 Que trinchar estofados, e guedelhas.

Em

Em fim, que por acordaõ Galalea  
 Dá o Gigante aqui por condenado,  
 E em privaçaõ de vista o sentencea  
 Na Africa de huma ausencia degradado:  
 Desfata a Polifemo da cadea,  
 Aonde o teve tanto tempo atado, (to,  
 Mas sempre taõ constante em seu tormẽ-  
 Que fez sinaes no ferro o sofrimento.

XXXVIII.

Já Glauco hum pescador destro na cana  
 Quiz tẽtar na agua envolta a sua estrella,  
 Mas qual peixe do alto esta tyranna  
 Comelhe a isca, trincalhe a fedella:  
 Mosfino pescador, que assim te engana;  
 E leva a boya ao fundo huma donzella!  
 Mas quando foy o mar de amor sagrado,  
 Se ha fraquezas de carne entre o pescador!

XXXIX.

Creyo que peixe fresco a imaginava  
 Quem Galatea assim pescar queria,  
 Porém logo o successo lhe mostrava,  
 Que he mais de bacalhao, que de azevia:  
 Mas como taõ celeste a imaginava,  
 Que o signo ser de Piscis presumia,  
 Para o recolher melhor na linha,  
 Por ceva o coraçã no anzol lhe tinha.

V 2

Abra-



Abrazava-se o monte em seus ardores,  
 Servindolhe os suspiros de terceiros,  
 E faziaõ seus olhos nos Pastores  
 Mayor dano, que o lobo nos cordeiros:  
 Soube enxerir amor seus passadores  
 Nas mesmas aguilhadas dos vaqueiros,  
 Torpemente esquecido jaz o arado,  
 Aqui jaz o Formoso, alli o Bargado.

Todo o trabalhador com graõ descuido  
 Da cultura do campo se desterra,  
 A Galatea só contempla mudo,  
 Porque á vista do Ceo se esquece a terra:  
 Ovidio alli no coraçãõ mais rudo  
 De sua arte a sciencia toda encerra,  
 Com q̃ fez questaõ nova ao pensamento  
 Se he filosofa a dor, se o sentimento.

Hum, q̃ por mais inculto tinha o monte  
 Já o tosco sayal pule curioso,  
 E mil vezes lavando-se na fonte,  
 Quer ver por alleado se he ditoso:  
 Cuida comsigo só como lhe conte  
 O incendio, em que vive rigoroso,  
 Este conceito escolhe, aquelle tira,  
 Tosco compoem, rhetorico suspira.

Dedicarlhe por templo a alma queria  
 Com delicado affecto, e fé sincera,  
 E cuidadosamente offerencia  
 A deidade de bronze altar de cera:  
 O fogo, que na Nynfa morto via  
 Dentro em seu peito ardente considera;  
 Parcelhe a belleza em fim serpente,  
 Que mata com veneno, e não se sente.

Mas a todos azar pintava o dado,  
 Inda que encontros cada qual procura;  
 Porque confessa hũ douto experimenta-  
 Que só val nestes jogos a ventura: (do,  
 Assim faz mil reparos contra o fado,  
 Como quem mais na sorte se assegura,  
 E eu fico em tanta dita sospeitando,  
 Que para perder mais entrou ganhando.

Era este hum Pastorzinho affeminado,  
 Tiple na voz, gadelhas de Sodoma;  
 Que presumir de hũ destes, q̃ he soldado,  
 He crer nos calcanhares de Masoma:  
 A madre Natureza com cuidado  
 Hia fazer Madamas dentro a Roma:  
 Acis furtoulhe o doce das panellas,  
 Que hiaõ para melindres de donzellas.



Na fresca margem d'hum formoso rio  
 Galatea huma tarde se deitava,  
 E porque amor tem cousas de gentio,  
 Como a deidade adorações lhe dava:  
 E desde a borda de hum lugar sombrio  
 Folha, e folha o Pastor a resistava,  
 Vê papel branco, em q̃ o diabo escreve  
 Impressas tentações de fogo, e neve.

XLVII.

Dormindo descuidada, ou cautelosa,  
 Dizem, que gloria muita aos olhos dava,  
 E que na festa ardente, e rigorosa,  
 Não obstante o calor, toda nevava:  
 Acis nas flores a imagina rosa,  
 Junto ás aguas crystal a imaginava;  
 Porém vista de perto, e com cuidado,  
 Diz que as feições tem todas do peccado.

XLVIII

Hum quarto de manteiga lhe offerece,  
 Que amor tem de Flamengo a natureza,  
 Untalhe em fim as mãos, porq̃ conhece,  
 Que lhe importa abrandar tanta dureza:  
 Quer dizer no presente me parece,  
 Que destilado o traz tanta belleza,  
 Porque sendo amor fogo, aonde chega,  
 Derrete o coração como manteiga.

De

De muy cortez o moço se levanta,  
 Por ter com o sono alheyo cumprimētos;  
 Pois dorme a Nynfa, e na mais alta planta  
 Feitos Cartuxos emmudece os ventos:  
 Mas eu quero acordar modorra tanta,  
 Que vou sentindo os versos sonolentos,  
 Porém q̃ importa (desculparme quero)  
 Não he muito dormir eu, se dorme Home

L.

(ro.

Dona Preguiça pois olhos esfrega,  
 E faz cruces na boca bocejando,  
 Inda que se não benze da manteiga,  
 Que para ser demonio, he muito brando:  
 A' negaça suave em fim se chega,  
 Sobre quem seja o dono vacillando,  
 Que da antiga esquivança a deixou nua,  
 Sendo antes mais que a manteiga crua.

LI.

Doutra parte na relva adverte posto  
 De hum tronco a alma doce, q̃ engenhosa  
 Para delicias fabricou do gosto,  
 Do Hybla a moradora argumentosa:  
 Julgou Acis prudente, que o desgosto,  
 Com que se lhe mostrava rigorosa,  
 Com tanto mel de todo tiraria,  
 Que em fim cõ dons se adoça a tyrannia.

De



De amendoas doces copia numerosa  
 Por presente tambem lhe offerencia,  
 Por lhe mostrar no duro o rigorosa,  
 Com que a suas demandas resistia:  
 F a traça lhe sahio taõ venturosa,  
 Que ama terna, a quem tanto aborrecia,  
 Que foy sempre remedio para as tolles  
 Curar com oleo das amendoas doces.

Corre a buscar o dono toda humana,  
 Que ama, só sabe, ignora, a que fogeito,  
 Vay com tudo buscar dentro á cabana  
 A quem só póde achar dentro em seu pei-  
 Entre os anneis da terra Mexicana (to:  
 Ouro lhe busca do cabello aceito;  
 Dos Alpes entre a neve as faces bellas,  
 E os olhos lhe buscava entre as estrellas.

Já com pinceis de Apelles o retrata,  
 Qual se fora retabolo o Vaqueiro,  
 E neciamente de adorallo trata  
 Qual se fora entre os deoses o primeiro:  
 Sentado entre papoulas de escarlata  
 O vio estar sentado, e lisongeiro,  
 Com gesto taõ gentil, e taõ formoso,  
 Que de o ver o Sol estava ciolo.

Rezem-lhe meus senhores pelo fiso,  
 Que se rendeo a Nynfa ao torpe gosto:  
 Topou no Pastorzinho hum paraíso,  
 Não quiz ser descortez, e darlhe o rosto:  
 Das flores se levanta o seu Narciso,  
 Quando o Sol entre sombras se vê posto,  
 E com braços, e mãos do campo pretas  
 Abraçou quinze soes, trinta planetas.

Ay de mim quantos criticos agora  
 Diraõ, que me esqueci de Polifemo,  
 E que me culpa Apollo esta demora,  
 Pois tanto ao largo mar hey feito remo:  
 De Poeta enfermey já n'algum' hora,  
 E ainda hoje os epizodios temo;  
 Colhi minino esta desventura;  
 Cureyme com Camões, errey me a cura!

Porém com Galatea me parece, (cuido,  
 Que ganho a dez por cento em meu des-  
 Pois se tanto o Gigante lhe aborrece,  
 Cortez lisonja foy tello aqui mudo:  
 Vendo os amantes juntos endoudece,  
 Medonho grita, e calla carrancudo,  
 E batalhando triste em seu tormento,  
 As redeas solta ao justo sentimento.



Leva a sorte cruel, pezando a pena,  
De hum facil sonho os atomos desconta,  
Entre os abertos braços da Syrena  
Triste o gigante as breves glorias conta:  
Fez seu rigor juiz, com que condena  
Culpas de amor no tribunal da affronta,  
Como se ter podera o bem gozado  
Mayor castigo, que ter já passado.

LIX.

Sobre Acis o Gigante precipita  
Hũ môte, q̃ opprimido entre outros teve,  
Sepultura lhe dá quasi infinita;  
Porque não possa serlhe a terra leve:  
Furiôsa a Nynfa contra o monstro grita:  
Deixa, q̃ vingue o tempo hũ bẽ taõ breve;  
Pois quãdo rompe o gosto amanhecêdo,  
Sabe q̃ o Sol se poem logo em nascendo.

LX.

Prodiga arranca despejadamente  
O cabelo, que foy d'amor thesouro,  
Com que podera o morto facilmente  
Comprar perdaõ da parte a pezo de ou-  
Fenece o venturoso delinquente, (ro:  
Porque intentou fazer sortes ao touro;  
Mas pois q̃ morto está, e eu nada espero,  
Preguelhe outro nas hõras, q̃ eu não que-  
ro.

O.

O' tu, que a amor caducas glorias fias,  
Aprende aqui e carmentos receolo,  
Que o que vires theatro de alegrias,  
Chorarás cada falso lastimoso:  
De Acis amante sobre as cinzas frias  
Tragico aviso escreva o mais ditoso,  
E quem não se arrepende a tanto dano,  
Em cada estrago lea hum delengano.



Escre-



*Escrevendo ao Author hum amigo, que se acautelasse contra as mudanças da fortuna, como elle avisava na Oitava ultima antecedente.*

## SONETO.

**V**Es, ó Fabio, entre sombras escõdido  
 Esse, que pouco antes descuidado,  
 Nasceo entre esplendores reclinado,  
 Cresceo em luzimentos presumido?  
 Velo agora entre horrores sumergido,  
 Daquella antiga gala despojado,  
 Taõ diverso, taõ outro, taõ trocado,  
 Que não tẽ, do q̃ foy. mais q̃ haver sido.  
 Quanto temo, que os tempos invejosos  
 De ver o alto estado, em que n os vemos,  
 Nos faraõ de felices desditolos!  
 Todos, tu, e mais eu affim feremos;  
 Que he costume dos fados rigorosos  
 Mudar sempre de extremos para extre-  
 mos,

*Resposta*

## Resposta do Author.

## SONETO.

**D**E escuras sombras, trevas horroroso  
 (fas  
 Mostrar soube o teu grãde entẽdimẽto  
 Com sutil modo, claro fundamento,  
 Quanto saõ as alturas perigosas:  
 Agora vejo o quanto poderosas  
 Saõ as idéas desse pensamento;  
 Pois póde descobrir o teu talento  
 Luzes de exẽplo em sõbras tenebrosas.  
 Crete pois já não posso, em que quizera,  
 E tenho de não crete hũ grande gosto;  
 Pois por Sol da eloquencia te venera  
 O Mundo todo no que tens composto,  
 E teu Sol sempre luzes reverbera,  
 Sempre está no zenith, e nunca posto.

A HUM



A HUM MOSQUITO  
PELO MESMO  
JACINTO FREIRE  
DE ANDRADE.

**I**Nvencível mosquito,  
Emulo do mais livre pensamento,  
Sem corpo, e todo espirito,  
Que deste fim a hum tão alto intento,  
Quando precipitado  
O ceo de Delia acometeste ousado.

As portas de diamante  
Cerradas ao clamor de tanta gente  
Abriste triunfante,  
Zombando da esperança impertinente,  
Que entre temor, e espanto  
Nunca acabou comigo esperar tanto.

Cupido, que inquieta  
Delia sentio ferida,  
Espera, que o finta,  
E deseja por setta  
A lança, que tiraste em sangue tinta,  
Que

Que o peito endurecido  
He de prova das settas de Cupido.  
Porém de nada disto  
Te mostres tão soberbo, e presumido,  
Que podes sem ser visto  
Passar a mais ferir, sem ser sentido,  
E para castigarte,  
Não occupas lugar n'alguma parte.

Foras de amor ferido,  
Se tivera o teu erro algum disconto,  
Ou se achara Cupido  
Aonde á ponta da setta pôr o ponto.  
Consolacão bastante;  
Pois não picaste a Delia como amante.

Buscaste a noite escura  
Por cometer a Delia mais occulto;  
Quem medo te affigura,  
Se não faz o teu corpo nenhum vulto,  
Pobre de ti tão pobre,  
Que a mesma luz do Sol mal te descobre.

Hydropico mosquito,  
Por beber sangue assim não te condeno,  
Nem commettes delicto,  
Que com os olhos d'alma tão pequeno,  
Quando apenas te vejo,  
Que desejas lugar para o desejo.

Tanto



Tanto o saber Divino  
 Trabalhou no teu ser, tão novo, e estra-  
 Que Ambrosio Calepino (nho,  
 Não tẽ nome, q̃ imprima o teu tamanho;  
 Porque o diminutivo  
 He mais em ti, que o teu superlativo.

Por tradiçãõ antiga  
 Deves graças a Deos humilde, e mudo;  
 Pois não falta quem diga,  
 Que de nada te fez, o que fez tudo:  
 Sendo que bem podéra  
 Fazer de ti o nada, se quizera.

Causas ao Mundo todo  
 Admiraçãõ tão grande, que se espanta  
 De ver por novo modo  
 Em corpo tão pequeno traça tanta;  
 Porque o entendimento  
 Fabrica vê em ti sem fundamento.

Oh da suprema idéa,  
 Sutil debuxo, amosra primorosa!  
 Porque em ti mais campea,  
 Que na machina altiva, e magestosa:  
 Que em fazerte tão pobre  
 Sua grandeza muito mais descobre.

Sómente, se se adverte,  
 Dos vidraceiros es bem grande affronta;  
 Pois

Pois não tem para verte  
 Oculos nenhuns, que cheguem á conta;  
 Pois para ver mosquitos  
 He necessario ter graos infinitos.

E vós, que antes do dia  
 Das culpas castigais levando a palma;  
 Por nova tyrannia,  
 Que fizestes do corpo inferno d'alma:  
 Se por esta vitoria  
 Tendes gloria, ou vangloria.  
 Entre tantos rigores não dormais,  
 Pois se as almas sem culpas castigais;  
 Para desinquietar  
 Vosso rigor severo, e infinito  
 Basta só o sonido de hum mosquito.





FABULA  
DE  
POLIFEMO,  
E GALATEA.

AUTHOR  
JACINTO FREIRE  
DE ANDRADE.

ROMANCE BURLESCO.

**L**A' donde o mar de Sicilia,  
Diz o Cordovez famoso,  
Lava os joannetes daquelle  
Levantado promontorio.  
Donde açoutados da escuma,  
Fallando cá por meu modo,  
Como nós na nossa barra  
Tem Vulcano os seus cachopos.  
Aonde foy dar a ossada  
Tyfeo, aquelle tinhofo,  
Que entre descoradas cinzas  
Quiz embalsamar seu corpo.

Aonde

Aonde o trapete zapete  
Dos martellos triste, e rouco,  
Por muito desentoado  
He tristissimo, e medonho.  
Aonde a boca d'huma cova  
Tem cem varas de redondo,  
E com ser feita de terra  
Parece boca de lobo.  
Cuja porta he hum penedo  
Taõ defabalado, e bronco,  
Que podera ser Gallego  
Pelo duro, e pelo toco.  
Alli pois ouvi dizer  
A pessoa, que tem voto,  
Que morava Polifemo  
Daquelles montes assombro.  
Homem de tal estatura,  
Que em estando sequioso  
Lançava maõ d'huma nuvem,  
E della fazia copo.  
O cabelo da cabeça,  
Naõ quero ser mentiroso,  
Daria a trinta chumaços  
Lãa bastante, estopa a rodo.  
Na testa muy largamente  
Se podiaõ correr touros,

X 2

Que



Que com ella era hum cominho  
 O Rocio deste povo.  
 Bem no meyo deste campo  
 Por vista tinha hum só olho,  
 Que por andar ás direitas  
 A natureza o fez torto.  
 A minina lá de dentro  
 Dizem, que depois de morto  
 Veyo a vender alecrim  
 Por estes nossos contornos.  
 Pelas ventas do nariz,  
 O que me contaraõ, conto,  
 Podiaõ entrar folgando  
 O Themudo, e o Jabolo.  
 Naõ era nada a boquinha,  
 Tinha taõ pequeno bojo,  
 Que cada bocado seu  
 Era hum quintal de biscouto.  
 Quando escarrava, ou tossia,  
 Punha a todo o Mundo affombro;  
 E com fer no polo seu  
 Se ouvia cá neste polo.  
 Cinco abobaras mininas,  
 Das que se vem por Agosto,  
 Tinha em cada maõ por dedos,  
 E cuidio, que me accommodo.

Por

Por cousa certa se tem,  
 Que só das pernas os ossos  
 Fartariaõ de canela  
 Os Marinheiros queixotos.  
 Contarlhe os pontos dos pés  
 Eu nunca pude, nem posso;  
 Porque fora emprender tal  
 Materia de largos contos.  
 Este minino disforme,  
 Copia do mesmo demonio,  
 Por amor de Galatea  
 Andava pasmado, e tonto.  
 Galatea Nynfa bella,  
 A cujo templo devoto  
 Dedicava seus altares  
 Acis hum Pastor ditoso.  
 Correspondentes no amor  
 Esta moça, e este moço,  
 Estavaõ juntos hum dia,  
 Ella pomba, e elle pombo.  
 Quando o triste Polifemo  
 Veyo como caõ rayvofo,  
 Todo cheyo de ciumes,  
 De que eu veja livres todos,  
 E pegando do coitado,  
 Como quem pega de hum ovo,

Deu



Deo com elle n'hum penhasco,  
 E fez-lhe em cacos o corpo.  
 Foy fugindo a triste moça  
 Pelo monte, como hum corso,  
 Mas elle alargando o braço,  
 Pegou della, e disse logo:  
 Agora cruel faloya,  
 Que estou abrazado, e doudo,  
 Me pagarás de huma vez  
 Tantos passados desgostos.  
 Não te haõ de valer comigo  
 Alvas maçans, bello rosto;  
 Porque patentes ciumes  
 Daõ colera a hum gafanhoto.  
 Por hum ninguem destes prados,  
 Caramujo destes portos,  
 Formiga destes buracos,  
 Lasca breve destes troncos,  
 Deixaste quererme a mim,  
 Que sou neste territorio  
 Destas montanhas altivas  
 Monarcha o mais poderoso.  
 A mim, que só de espirrar  
 Temem os celestes globos;  
 E quando perto respiro,  
 Naufraga todo o Piloto.

A mim,

A mim, que se tenho fome,  
 Trinta carneiros almoço,  
 E por entretenimento  
 Trezentas perdizes como.  
 A mim, que se acasõ bebo,  
 Quarenta pipas escoo;  
 E só para hum brindes meu  
 O mar he pequeno sorvo.  
 A mim, que se me quizeras,  
 Puzera a teus pés medrosos  
 A America em perlas toda,  
 E de toda a Arabia o ouro.  
 A mim, que arrimado a hum monte  
 O mais altivo, e remoto  
 Conheço que sou mais alto;  
 Pois me não passa dos hombros.  
 A mim, que quando esta ferra  
 Se veste de ruyvos pomos,  
 Em menos d'hum quarto de hora  
 Sou cova de seus medronhos.  
 A mim, que quando chorava  
 Teus desprezos rigorosos,  
 Formava hum rio, com quem  
 Era nada todo o golfo.  
 Mas porque agora conheças,  
 A quem quizeste a modo,

Has



Has de ir a ser fanguesuga  
 Desses mares por meu gosto.  
 E logo atirou com ella  
 A's aguas, mas foy de modo  
 O sentimento dos deoses,  
 Que vieraõ em seu soccorro.  
 E porque viveſte eterna  
 Aos seculos vindouros,  
 A converteraõ em Nynfa,  
 E vive a pezar do coxo.



A la

*A la muerte desdichada de una muger  
 de reputacion, la qual perdiendola  
 con su honor, desesperada se  
 arrojó en el Tajo.*

Sucedio esto en tiempo del mismo  
 Author.

## S Y L V A.

O Tu sacra Melpomene divina,  
 Por quien Daphne se inclina  
 Con verdes laços a ceñir la frente  
 De aquel, que heroicamente  
 Hazia el octavo luminoso cielo,  
 Com metrico primor dirige el buelo,  
 Si floridos poemas ostentando,  
 Canoro brio en ellos retratando,  
 Templada lira alterna, ó pluma de oro  
 De Helicon le aclama el sacro coro;  
 Multiplicando linguas a la fama. (ma,  
 Oy mi affecto, oy mi voz te invoca, y lla-  
 Porque



Porque con canto triste,  
 Y con plectro, que horror, y luto viste,  
 Al Mundo cante la funesta historia  
 Digna de que la escriba la memoria  
 Para el siglo futuro  
 Con pluma de diamante en bronze duro,  
 De una infelice dama,  
 Que en la del ciego amor ardiente llama,  
 Qual simple mariposa, se encendia,  
 Ignorando su muerte en su porfia:  
 Y acometida de un impulso ciego  
 Cysne en el agua, Fenix en el fuego  
 Murió burlada de un amante impio.  
 Tu Musa, pues anima el plectro mio,  
 Pues tu favor invoco,  
 Y los umbrales de la historia toco.

Quando la noche fria  
 Reposo a los mortales concedia,  
 El orbe en pardas sombras sepultava,  
 Y su curso ligero apressurava,  
 Coronada de estrellas rutilantes,  
 Que en joya de çafir son diamantes;  
 Quando la blanca Luna presidia  
 Sol de la noche, emulacion del dia,  
 La tierra con sus rayos plateava,  
 Y en el crystal del mar se retratava,

Serviendole de espejo a sus mexillas  
 El oro, que guarnece a sus orillas;  
 En la playa arenosa  
 De la Ciudad illustre, y populosa,  
 Por donde el Tajo ameno  
 De granos de oro lleno  
 Defata sus crystales más ufano,  
 Y su plata tributa al Oceano;  
 En lagrimas bañado el rostro bello,  
 Libre al ayre el cabello,  
 Descompuesto el vestido,  
 Triste el semblante, el animo perdido,  
 Saliendo de sus labios  
 La voz quexosa pronúciando aggravios,  
 Y de pena excessiva  
 El brio muerto, y la congoxa viva,  
 Hechos fuentes sus ojos  
 Sintiendo offensas, padeciendo enojos,  
 Las ancias en el pecho en graves riñas  
 Sus dos niñas llorando como niñas;  
 Torpe la lengua, absortos los sentidos,  
 El ayre atropellando con gemidos,  
 Llorava enterneciendo suelo, y cielo  
 Llena de affliccion, de desconfuelo  
 Una affligida dama desdichada  
 De un falso amante perfido burlada,



Que le robó la joya de más precio;  
 Que a furia le provoca  
 Loca de pena, y del agravio loca  
 Culpando su deseo,  
 Su amor, su necio empleo,  
 Y su suerte infelize  
 Ansi llorando al Cielo mira, y dize:  
 Como, ó piedosos Cielos,  
 Permitis, que assaltada de diéelos  
 Viva para más pena  
 Una infelice de congoxa llena,  
 De mortales horrores contrastada,  
 Offendida, quexosa, y deshonorada  
 Con tan injusto trato,  
 Que d'un cruel, d'un tyrano, d'un ingrato,  
 Que me dexa sin vida,  
 Quando assi offendida?  
 Cielos vengança deste agrabio pido,  
 Cielos vengad, vëgad mi honor perdido.  
 Ah fortuna cruel, ah fuerte dura,  
 Ay de aquella, que nasce sin ventura!  
 Luzes bellas, estrellas radiantes  
 Fixas para mi no, mas siempre errantes,  
 Quando de ancias cercada  
 El rigor lloro de mi estrella ayrada,  
 Ignorando mi pena en tal querella,

Como

Como se quexe de mi adversa estrella.  
 Quando me veyo en esta playa fria  
 Tan viva para mi la pena mia,  
 Mi vida tan neutral en sus arenas,  
 Que apenas vivo, quando vivo apenas:  
 Lamentando mis males,  
 Augmentando los liquidos crystales  
 Desse sobervio rio,  
 Suelta la rienda al sentimiento mio,  
 Y aunque claras, y bellas  
 Sois todas hermosísimas estrellas,  
 Que estos açules globos de çafiros,  
 Que mide el Sol a giros,  
 Con lineas de oro signos ilustrando,  
 Étais resplandecientes adornando;  
 No la estrella, que figo,  
 Con que pena lo digo!  
 Clara para mi fué, mas siempre escura;  
 Ay de aquella, que nasce sin ventura.  
 Resplandeciente Luna,  
 Imagen singular de mi fortuna,  
 Pues de gustoso amor me vi creciente,  
 Aunque agora de penas solamente,  
 Y al fin me dexa un fingido amante,  
 Bien que cõ vida, en el honor menguãte.  
 En una noche obscura

Como



Como mi fuerte, como mi ventura  
 Mi hermosura infeliz, Luna eclypsada,  
 Agena, y deslustrada  
 De un desleal, que amé tan ciegame,te,  
 A quien como a mi Sol seguí imprudente,  
 Ignorando que ingrato se apartasse  
 De mis ojos, y triste me dexasse  
 Sin la luz del honor, que me ilustrava,  
 Quando firme en sus rayos me abrazava.  
 Oh que amorosa, y tierna le he buscado;  
 Ah que mi honor menguado  
 Como la Luna dexa, ah fuerte dura;  
 Ay de aquella, que nasce sin ventura!  
 Tyrano amor, Dios ciego, niño alado,  
 Con bien razon tyrano te he llamado;  
 Pues tan cruel conmigo te mostraste,  
 Que el honor, y la vida me quitaste;  
 Ciego, bien dixé ciego,  
 Pues me cegó tu fuego,  
 Niño, bien dixé amor, que niño fuiste  
 En el error, que hiziste,  
 Però de que manera  
 Acertara, quien no te considera  
 Alado en tus acciones;  
 Para affligir amantes coraçones  
 Con alas para el mal, para matarme.

Sin ojos, para de el bien despeñarme,  
 Solo en haverte, ay loco amor llamado  
 Dios advierto, que he errado!  
 Porque mal puede falso, y rigoroso  
 Ser dios quien suele ser tan mentiroso:  
 Mas en efectos tales  
 Podrá ser dios quien causa tantos males.  
 Quando me advierto sin honor, sin vida,  
 De un traidor offendida,  
 Pyramo desta Thysbe desdichada,  
 Eneas desta Dido despreciada.  
 Ay congoxa mortal, y pena dura,  
 Ay de aquella, que nasce sin ventura!  
 Ingrato, desleal, fiero, inconstante,  
 Traydor, y falso amante,  
 Ingrato con mi amor, (amores nescios)  
 Pagando mis firmezas con desprecios;  
 Desleal a la fé, que te ha guardado,  
 Una alma, que en ti havia idolatrado;  
 Fiero, pues con rigor tyrano, y fiero  
 Despreciada de ti penando muero;  
 Vario mar de mis locas esperanças,  
 Siendo peña a tus olas, y mudanças;  
 Traydor, pues el sagrado  
 Del honor mio, ay triste, has profanado:  
 Falso, pues con alagos mentirolos,



Con cariños fingidos, y engañosos  
 Me tienes offendido:  
 Qual aspid entre flores escondido,  
 Sin que en tu pecho duro de diamante  
 Mi firme pecho, mi lealtad constante  
 Te moviesse ó a lastima, ó a pena,  
 Viendome de ancias llena,  
 Y de congoxas, que a matar me vienen;  
 Quando las mismas fieras piedad tienen,  
 Si el unicornio fiero,  
 Que corriendo ligero,  
 Y amenazando fuerte con su frente  
 Con el cuerno vehemente  
 Al que mira delante  
 Serviendole a su furia de montante,  
 Delante attento mira una belleza,  
 La furia doma, prostra la fiereza;  
 Como tu siendo humano,  
 Tan cruel te has mostrado, tan tyrano  
 Con mi honor, desta suerte  
 Mejor fuera cruel darme la muerte:  
 Mas justo, ingrato, fuera,  
 Que viviera mi honor, aunq̃ yo muriera  
 A manos de tu furia,  
 Do que vivir sintiendo tal injuria:  
 Dame, dame la muerte,

Nó

Nó me dexes con vida desta suerte;  
 Si es de honor homicida,  
 Sólo desta mi vida,  
 No viva, no, quien es tan desdichada;  
 Atraviessse la punta de tu espada  
 Mi triste pecho, acabense mis males,  
 Tiña mi fangre en purpura, y corales  
 Los filos de tu azero vengativo.  
 Muerto yá mi honor, para que vivo!  
 Acabe, acabe yá mi pena dura,  
 Muera, muera, quien nasce sin ventura;  
 Y tu, ó centro frio,  
 Monstro de nieve, caudaloso rio,  
 Que furioso talvez al Cielo subes,  
 Y en montes de crystal truecas las nubes;  
 Açotando las candidas estrellas,  
 Que son del Cielo luminarias bellas,  
 Yá Tyfeo liquido arrojado  
 Baxas precipitado  
 Al abyssmo profundo,  
 Que quien se atreve al Cielo furibundo,  
 Precipicio fatal le oppone el viento,  
 Sacando en el castigo el escarmiento;  
 Tu pues liquida esfera de crystales  
 Darás fin a mis males;  
 Tu pues, tu pues, ó humido elemento,

Part. III.

Y

De



De mi muerte serás el instrumento;  
 Que pues faltó a mi vida,  
 Muerto el honor, intrepido homicida;  
 Porque en transe tan fuerte  
 Ya más para un triste se halla muerte;  
 Porque se aparta huyendo  
 De aquel, que por morir se está muriendo;  
 Pues que falta a mi pena,  
 Quando me mira de congoxas llena?  
 Azero de puñal, veneno fuerte,  
 Que causen a mi vida triste muerte?  
 Pues a mi cuello faltan los cordeles,  
 Que ahogué mi dolor, mis ancias crueles.  
 Tu rio caudaloso  
 Con impulso furioso,  
 Al pecho mio de congoxas lleno,  
 De puñal sirve, sirve de veneno;  
 Ahoguense mis males,  
 De cordeles me sirvan tus crystales;  
 Que pues del ciego amor la llama fiera  
 La causa de mis males fue primera,  
 Para tener sociego  
 Con el agua se apague tanto fuego,  
 Pon termino a mi pena, al dolor mio,  
 Recojame voraz tu centro frio;  
 Den-me, den-me tus olas sepultura,

Muera

Muera, muera, quien nasce sin ventura.  
 Dixo, y con llanto triste  
 Rios sus ojos, con el rio embiste,  
 Y intrepida se arroja en sus crystales,  
 Oprimiendo su pecho ancias mortales;  
 Bien como el blanco cysne, que suave  
 Can canto triste, y grave,  
 Apretandole el pecho el ancia fuerte  
 De su cercana muerte,  
 Del rio a los raudales  
 Celebra sus obsequias funerales,  
 Y el canto suspendiendo,  
 El espumoso vidrio dividiendo  
 Con furia, con orgullo impetuoso  
 Entre las olas se hunde presuroso;  
 Ansi en la infeliz dama el llanto crece  
 Suspendiendo la voz, triste emmudecé,  
 Y furiosa con impetu violento  
 Ciega se arroja al liquido elemento,  
 Que yá le ofrece en ondas, que delata,  
 Sepulchro de crystal, tumba de plata:  
 Le combaten el pecho vehementes  
 Las olas inclementes,  
 Qual el cuello de nieve derretia,  
 Qual el cabello de oro encanecia,  
 Y a porfia corriendo todas juntas,

Y 2

Lan-



Lanças fon de crystal de agudas puntas  
 Al estafermo de su triste pecho,  
 Hasta que el mismo mar cō laço estrecho  
 Le apretó, y la Parca embravecida  
 Cortó el hilo de oro de su vida.

El mar pues q̄ sin vida el cuerpo advi-  
 Con el impulso de sus olas fuerte (erte,  
 Diligencias hazia  
 Por echarla a la playa, y no podia,  
 Yá con fuerza mayor el brio alienta,  
 Y logra impetuoso lo que intenta:  
 Como aquel, que despoja impetuoso  
 Del crystalino centro cavernoso  
 La concha, en q̄ la Aurora el sudor frio  
 El parto vinculó de su rocío,  
 Que a duros golpes desunir desea,  
 Porque el theforo candido posea  
 Del seno, en que la perla está escondida,  
 Y quebrada, y partida  
 La arroja al suelo, no lo que athesora  
 Guarda la hija blanca del' Aurora;  
 Diciendo al recogerla;  
 Que estima no la carcel, mas la perla.  
 Así el mar alterado,  
 O de la gentileza enamorado  
 De la dama infelice, o imbidioso

De que la tierra objeto tan hermoso  
 Ufana poseesse,  
 Como su rostro candido advertiesse,  
 Sobre su crystal puro  
 Impeliendo veloz del centro obscuro,  
 Alas de vidrio leve,  
 Montantes de çafir, rayos de nieve;  
 Por conquistar la perla de su vida  
 De la carcel del cuerpo desunida  
 Con los golpes crueles, que defata  
 En sus ondas de plata,  
 Y como el cuerpo yá sin vida advierte;  
 Con un impulso fuerte,  
 Qual sin perla concha despreciada,  
 A la playa arenosa le traslada,  
 Con ronca voz diziendo,  
 Sus olas lenguas crystalinas siendo,  
 Si embidioso de ti tierra vivia  
 Hasta oy que advertia,  
 Que de objeto gozavas tan hermoso.  
 Pues mi crystal undoso  
 Con furia repetida  
 Le ha quitado la vida,  
 Yá de mi la embidia se destierra,  
 El cadaver recibe aora tierra.  
 Yá sus tremulos rayos escondia



La hermana del Planeta alma del dia,  
 Y las claras estrellas,  
 Que en el Sol arden mariposas bellas,  
 Sus luzes occultando  
 El polo poco a poco van dexando ;  
 O' porque iluminando el azul velo  
 Advirtieron sin vida humano cielo,  
 Viendo en dos niñas bellas  
 Eclipsadas dos luzes, dos estrellas ;  
 O' porque consideravan  
 La tragedia infelice, y procuravan,  
 Que de luzes la tierra careciesse,  
 Porque llena de luto la sintiesse.

En este tiempo yá la Aurora fria,  
 Veloz con pies de rosa se movia,  
 Porque la luz al orbe restituya ;  
 Y como obligacion es siempre suya  
 Annunciar al mundo el Sol hermoso,  
 Caminava con curso presuroso,  
 Porque en la rubia arena  
 Del Tajo ameno en fôrma de Sirena  
 Pueda explicar, depués de haver llegado,  
 La hermosura de un Sol bien eclypsado,  
 Y como el alva hermosa le encerrava,  
 Quando la noche obscura le occultava ;  
 Aunque eclypsado entonces parecia,

Que

Que del crystal del mar el Sol sahia,  
 Bien q' advirtiendo al suspender el passo,  
 Un Sol defunto en crystalino occaso,  
 Recien nascido un Sol en claro Oriente,  
 Sin luz el uno, el otro refulgente,  
 Parece que al bordar verdes alfombras  
 Publica q' aquel muere en pardas sôbras,  
 Quando este nasce en claros arreboles  
 Por abrazar la tierra con dos soles.  
 Llega la Aurora pues, pero advirtiendo  
 La defunta belleza, que está viendo,  
 Salió toda llorando  
 Blanco aljofar, y perlas derramando.  
 Las Nynfas yá del Tajo caudaloso,  
 Viendo del Alva el esplendor hermoso,  
 Desamparan del rio los umbrales,  
 Y dexando sus lechos de crystales  
 Salen d'entre las olas plateadas,  
 De corales, y perlas coronadas ;  
 Hermosissimas todas, todas bellas,  
 Cielo el mar de çafir, ellas estrellas,  
 En la playa arrojada, y sin figura  
 La misera hermosura  
 Miran, y diligentes  
 Dexan del mar las olas transparentes ;  
 La arena pizan, y a sus plantas bellas,

Y pen-



Y pensando ser muerta algunas dellas  
 Al cadaver se acercan, y advirtiendo  
 En la defunta dama, que estan viendo;  
 De su triste fortuna lastimadas  
 En la playa sentadas  
 La tragedia lamentan lastimosa  
 Mirando aquella rosa  
 Truncada en primavera  
 De su florida edad con mano fiera:  
 Aquella estrella obscura  
 Perdida su hermosura,  
 Eclipsada su luz candida, e bella,  
 O' estrella triste, triste fue tu estrella!  
 En este tiempo el pueblo congorria  
 Para la playa fria  
 Al assomar del Alba, aunque ignorante  
 De tragedia, y sucesso semejante.  
 Las Nynfas pues sintiendo  
 La gente, que venia concurriendo,  
 Turbadas todas ellas  
 Recatandose ya como donzellas,  
 En el crystal del rio se recogen,  
 Y a su sagrado timidas se acogen,  
 Que siempre deve, si es discreta, y bella,  
 Temer, y recatarse la donzella;  
 Pues la fuerte cruel nunca maltrata

La donzella, que teme, y se recata.  
 Recogelas del rio el crystal puro  
 Abriendo el seno obscuro,  
 Y formando de las ondas espumosas  
 Por campos de çafir calles de rosas;  
 Piza la gente pues la rubia arena,  
 Quando de admiracion, de pavor llena  
 En la orilla del mar viendo arrojada  
 A la dama defunta desdichada,  
 Triste, absorta, confusa, y pavorosa  
 Llorava la tragedia lastimosa.  
 Y un ferrano del Tajo, y su ribera,  
 Que el tragico sucesso considera,  
 Que la fama le está manifestando,  
 De la sierra baxando,  
 Cuyo pié el Tajo ameno prende, e ata  
 Con laços de crystal, grillos de plata,  
 A la dorada orilla descendiendo,  
 Que ufana se dilata guarneciendo  
 Del rio el çafir puro,  
 Al pié sentado de un peñasco duro  
 Esta Sylva cantó, hiriendo al viento,  
 Con rustico instrumento,  
 Respondiendo a su canto  
 El ayre con tristeza, el mar con llanto.



*Ao mesmo assumpto.*

S O N E T O.

**N**As aguas nasce a luz esclarecida;  
 Eu nas aguas te vejo sepultada,  
 Sendo o Oriente da luz refuscitada  
 Occaso de tua luz amortecida:  
 Deve a terra ao mar d'elle nascida  
 Ser Venus: mas está desempenhada;  
 Pois se deo huma Venus animada,  
 Recebeo outra Venus falecida:  
 Mas posto, que esse mar eternamente  
 Ha de ser de tua luz occaso undoso,  
 Já não tem mar o Sol para Oriente:  
 Mas não, porque outro mar mais copioso,  
 Largando de meus olhos a corrente,  
 Lhe formará meu pranto saudoso.

*Do mesmo Author.*

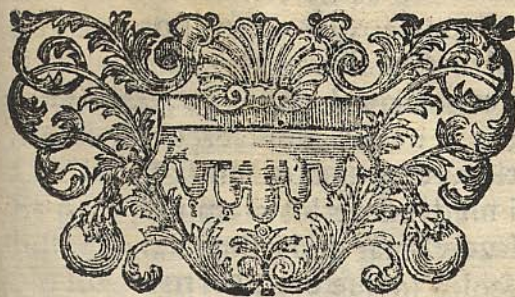
R O M A N C E.

**L**Auro, las grandes fortunas  
 Son más passion, que interez,  
 Porque a lo menos el tiempo  
 Mide su mal por su bien.  
 El Sol, que en trono de luzes  
 De todas se ostenta Rey  
 Todos le ven, si se eclipça,  
 Si luze, nadie le vê.  
 El dia, que rayo a rayo  
 Las sombras puso a sus pies,  
 Se declina hasta las sombras,  
 Se atreven a le offender.  
 Las estrellas, que a la noche  
 Dia fingieron tambien,  
 Porque otras falgan a luz  
 Las haze el Cielo caer.  
 De la magestad de Abril  
 Esse ayresillo infiel,



Que antes aduló sus hojas,  
 Fué su caudillo despues,  
 Al escollo, que robusto  
 Se opone a los mares, quien  
 Mas arruina, que el agua,  
 Que humilde le besa el pié?  
 Al baxel, que ondas, y vientos  
 Servieron más de una vez,  
 Quien finó traydor baxio,  
 Caviloso estrago fué?  
 Contra las plumas reales  
 Del aguila, quien no vè,  
 Que armada de plumas viles  
 Flecha se atreve cruel.  
 A todos su sombra el arbol  
 Ofrece el estivo mez,  
 Y oy su tronco abraza ingrato  
 Quien buscó su amparo ayer.  
 Pues, Lauro, si el elcarmiento  
 Es de los males el bien,  
 Y nunca a los infelices  
 Ha sido el hado cortex.  
 Si por condicion del siglo  
 El Mundo es yà tan sin fé,  
 Que el trato es cavilacion,  
 Y aun la maldad interez,

Sea usura de tu prendas  
 Despreciar, y conocer  
 Un obsequio, que es agravio,  
 Una dicha, que es desden.  
 Nuevas Circes no te encanten,  
 Que es accion de mejor ley  
 Pizar cuerdo a tu fortuna,  
 Que bolverla a poseer.  
 Vive para los prudentes,  
 Pues en sus discursos vés,  
 Que no ay más logro en las dichas,  
 Que saberlas merecer.





## ROMANCE.

**A** Los infelices, Lauro,  
 Que importa el merecimiento,  
 Si finezas, que agraviaron,  
 Son estrellas, que caeron?  
 Que aprovecha la razon,  
 Si avisan tantos exemplos,  
 Que siendo fiscal la industria,  
 El delicto es nó tenerlo?  
 Que importa, que de sus flores  
 Galan se afeite el almendro,  
 Si es caricia de Favonio,  
 Para ser rabia del cierço?  
 De tiempo, y mar quien se fia,  
 Si mudandose los tiempos,  
 Haze el mar de la fortuna  
 Escollo lo que era puerto?  
 Mas tambien, Lauro, que importa  
 Subir un vapor sobervio,  
 Si el Sol, que más se levanta,  
 Es quien le abate más, presto?

Que

Que importa aumentarse a rio  
 El que ha nascido arroyelo,  
 Si el ser más le precipita,  
 A que se pierda corriendo?  
 Precipicio es la grandeza,  
 Pues es buscala un sugeto,  
 Subir por muchos peligros  
 Al más eminente dellos.  
 La fortuna, que es origen  
 De los estragos, y aumentos,  
 Haze el nó poder ser más  
 Camino para ser menos.  
 Como rayos de su rueda  
 Son yá bastones, y sceptros,  
 Es fuerça que unos se abatan,  
 Para que otros van subiendo.  
 Todos ruedan, porque en todos  
 Muestra el siglo bandolero,  
 Que la razon de encumbrarlos  
 Es para desvanecerlos.  
 Assustense los dichosos,  
 No los infelices, viendo,  
 Que el mayor dia del gusto  
 Es vespera del tormento.  
 Aves son nocturnas, Lauro,  
 Los imbidiosos, y nescios,

Pues



Pues de un discreto en las luzes

Se offende la vista dellos:

La imbidia, que si alimenta

De aspides, y de venenos,

Su proprio martyrio traga,

Quando muerde al bien ageno:

La ignorancia su castigo

Fulmina en sus mismos yerros

Como gusano, que lavra

Con la vida el mausoleo.

No pues las tristezas, Lauro,

Os desesperen, sabiendo,

Que es la noche del disgusto

Crepusculo del contento.



# SENTIMENTO NA MORTE DE FILIS.

## R O M A N C E.

**F**illis morta, o Mundo em trevas

Sentindo lamenta estragos;

Porque sem a luz o Mundo

Só se considera hum chaos.

Arrastaõ luto as estrelas

Por exequias dos seus rayos;

Pois sem influxos de hum Sol

Mal podem luzir os astros.

Languidas as flores murchaõ

Sendo lastima do campo,

Que só na vida da Aurora

Brilharaõ flores no prado.

As plantas naõ brotaõ folhas,

E vestem libré de pasmos:

Por naõ terem primavera,

Que lhes dê gala de ramos.

As aves, que eraõ no bosque

Clarins de pluma animados,

Faltadolhe a estrella da alva

Suspendem tristes o canto.



As fontes, que em olhos de agua  
 Eraõ da vida os agrados,  
 Naõ tem para rir mininas,  
 Só olhos tem para os prantos.  
 Os rios, que eraõ de Filis  
 De crystal espelhos claros,  
 Correm turvos por naõ serem  
 De objecto menor retrato.  
 As féras bramaõ sentidas,  
 E bebem da morte os tragos,  
 Pois lhes falta o ar no monte  
 Faltando de Filis os passos.  
 O ouro, que era na cabeça  
 De Filis o melhor morgado,  
 Sente caduca a capella  
 Verse de memorias falto.  
 O bronze metal mais forte  
 Rompe os ares lastimado;  
 Que morrendo Filis, os bronzes  
 Dobraõ-se em final de brandos.  
 As pedras deixando o duro  
 De dor se fazem pedaços,  
 Cuidando se acaba o Mundo,  
 Pois que vem por terra hum astro.  
 O mar com roucos gemidos  
 Vaga com tormentas bravo,

Porque de Filis no alento  
 Lhe falta o zefiro brando.  
 Os peixes, que eraõ viventes  
 Baixeis desse mar falgado,  
 Perdem o rumo, pois ás vidas  
 Lhe servé a costa de estragos.  
 O mar, peixes, montes, pedras,  
 Féras, bronze, bosque, campo,  
 Prado, ouro, rio, fontes,  
 Flores, plantas, aves, astros  
 Sentem da morte os rigores,  
 Choraõ de Filis o occaso;  
 Eu mais de que todos peno,  
 Eu mais do que todos bramo.  
 Roubaste-me, ó morte, em Filis  
 Primavera, Sol, e Astro,  
 E me deixaste com a vida  
 Confusoens, trevas, e paísmos.  
 Os tormentos, com que morro,  
 E martyrios, com que estallo,  
 Filis em fé do que te quero  
 Neste mausoleo consagro.  
 E a Deos meu perdido bem  
 Quando mais idolatrado,  
 Que no pranto dos meus olhos  
 A pena suspende os ratgos.



# A D. MANOEL DE ATAIDE,

*Agradecendo-lhe hum presente de doces,  
que lhe mandou estando  
sangrado.*

## ROMANCE.

**C**Hegou Senhor esta frota  
Ao porto do meu retrete,  
Para deixarme areado  
Quanto era mayor a enchente.  
Por senhor de grande engenho  
He razaõ que eu vos venere,  
Pois nestas caixas de assucar  
Mostrais quanto engenho tendes.  
Só vós com doces taõ ricos  
Imagino que podereis,  
Metendo-me a India em casa,  
Porme o Brasil num bofete.  
Se nelles de amor em graça  
Doce a boca me fizestes,

Como

Como naõ quereis que diga  
Que a graça vos chove nelles?  
Sobre estes doces entendo  
Que beberey na Hipocrene,  
Por ver se sobre elles posso  
Matar desta agua huma sede,  
Se estes saõ os tresvalios,  
Com que esse mal vos offende,  
Nunca terey por maligna,  
Meu senhor, a vossa febre.  
Com tudo sinto, que quando  
A vea está mais corrente  
Naõ seja perenne a Musa,  
E o sangue seja o perenne.  
Mas vivey vós muitos annos,  
Pois he bem que eu considere,  
O que fareis de futuro,  
Se isto fazeis de presente.

A FRAN-



# A FRANCISCO

## PEREIRA DE AZEVEDO.

### ROMANCE.

**I** Nsigne amigo Pereira,  
 Cujas prendas generosas  
 A propria inveja encarece,  
 A mesma calumnia louva.  
 Cujos coraçõ bisarro  
 Julga com vaidade honrosa  
 Breve esfêra todo o Mundo,  
 Pouco applauso a fama toda.  
 Taõ querido das estrellas,  
 Que vos chama a mais opposta  
 O requebrado de Venus,  
 O valido de Belona.  
 Camarada em fim das Musas,  
 E em fim sem fazer lisonjas,  
 O benjamin da fortuna,  
 E o tudo da patria nossa.  
 Em cuja arvore fecunda,  
 Por mais que hum pique, outro roa,

Tendo

Tendo todos para peras  
 Saõ mais que de Conde todas.  
 Vós, que sem ser dos Forjazes  
 Pereira com qualquer folha  
 Podeis mandar ir á feira  
 O fruto das mais formosas,  
 Vós, a cuja sombra tantos  
 Vivem luzidos, pois monta  
 Mais a vossa sombra escura,  
 Que effoutra luz, que os adorna,  
 Que quereis hoje vos diga  
 Se ao que sois fazendo a soma  
 Na cifra só dos extremos  
 Tenho mil erros de contas.  
 Digaõ-no estes vossos mimos,  
 Que me tapaõ trinta bocas,  
 Quando mais o pasmo as abre,  
 Ou mais a vontade as dobra.  
 Mostrem-no estas vossas pessas,  
 Cujas menores amostras  
 Saõ canhoens, com que se bate  
 Aos juizos de mais prova.  
 Lembrem-no estes vossos queijos,  
 Pois saõ já tamanha cousa,  
 Que tem feito memoravel  
 O que he mais contra a memoria,

Os



Os doces , bem que entre dentes  
 Os trago, fazem, que eu ponha  
 A boca aos pés de quem tanto  
 Doce ma tem feito agora.  
 Dos quejos, se assim me amardes  
 He bem que a poder que eu possa,  
 Quando os não coma por traça,  
 Que por muito rato os coma.  
 Do vinho não sey que diga,  
 Só sey que em casa ha pessoa,  
 Que o poem na sua cabeça  
 Quando o poem menos á boca.  
 Vá bogiar Alexandre,  
 Cesar a hum canto se ponha,  
 Dem-lhe a Cresso quatro figas,  
 E a Midas dem-lhe huma força.  
 Pois do Grego, e do Romano  
 He nada o mais que se conta,  
 E he fabula Cresso, e Midas  
 Até quando fois historia.  
 Crede que digo mil vezes,  
 Quando estou comigo a solas,  
 Valhate Deos por Pereira,  
 Quem ha que chegar te possa!  
 Tu só de palmas, e cedros  
 Tens feito sem muitas roneas,

Humilde

Humilde a mayor grandeza,  
 Folhagem a menor coroa.  
 Nesse tear das idades  
 Parcas sem duvida heroicas  
 Para gram senhor te ordiraõ,  
 Sem selo em Constantinopla.  
 Tens por nada dar hum Reyno,  
 E he nessas mãos pouca roupa  
 Todo o Mundo para hum dia,  
 Toda a India para huma hora.  
 Cuido, que Juno estimara  
 Por blasonar de senhora  
 Mais que ser mulher de Jove,  
 Que a tomasles para moça.  
 Cuido, que se Venus surcara  
 O mar de Chipre até Coyna,  
 Que só por ser de teu rancho  
 Andara de foz em fóra.  
 Entendo, que se Mercurio  
 Te quizera erguer tramoya,  
 Que souberas mais dormindo,  
 Do que elle acordado sonha.  
 Entendo, que se te vira  
 O deos, que na guerra he coca,  
 Que sem comeres mininos  
 Te julgara praça morta.

Creyo,



Creyo, que se o Sol se apeya  
De lá do Tejo nas ondas,  
Que por campar por tu estrella  
Lhe tomarás a carroça.

Presumo, que se souberas  
O ninho, onde a Fenix mora,  
Que nessa casa em tres dias  
A viramos na gayola.

Creyo se em França tiraras  
O que lá chamaõ pistollas,  
Que hum Portuguez mais valera,  
Que mil Castelhanas doblas.

Detem-te pois por tua alma  
Pasmio desta idade nossa,  
Que se dás hum passo avante  
Atraz os fará quem te olha.

Aquietate alma de azougue,  
Que teme a fortuna propria  
De que hoje a rodar a deites  
Sem que lhe untes bem as rodas.

Deixanos viver no Mundo,  
Que teme a razaõ mais douta  
Como em todo elle não cabes,  
Que entre nós de abaso morras.

Vay lá morar nesse Empyreo,  
Ou vê se sobre elle ha cousa,

Que

Que no espaço imaginario  
Te possa servir de alcoba.  
E tem maõ nesse bizarro  
Coraçãõ, pois será força  
Quando á boca te não venha  
Sahirte pelas mãos fóra.  
Mas a Deos, que a entrar de guarda  
Toca o tambor, com que importa,  
Bem que falte ao mais, que devo,  
Que não falte ao que me toca.



Quei-



*Quexa-se de una soledad, y de los rigores, con que le tiraniza.*

## ENDECHAS.

**D**esierto solitario,  
De cuyas asperezas  
Murmuran esas aguas,  
Y lloran estas peñas,  
Cuya triste espesura  
Cargada, y macilenta  
Es muerte de los valles,  
Y luto de las selvas.  
En cuyo alvergue obscuro,  
En cuyas pardas greñas  
Mueren las alegrías,  
Y viven las tristezas.  
De mis melancolias  
Escuchad las endechas,  
Pues merecen por tristes  
Lo que nó por discretas,

Yo soledades mias  
No lloro que me offenda  
Lo que vivo en saudades,  
Sinó morir de ausencias.  
Porque si de una muerte  
Ha de acabar la fuerça  
Un cuidado tan fino,  
Una fé tan perfecta.  
Que han de llorar mis ojos  
Sinó ver que mi estrella  
Hasta el tiempo, que gusto,  
De padecer, me niega?  
Peró si el alma mia  
En desgracias tan nuevas,  
Solo para ser firme  
Estimó verse eterna:  
Que ha de importar, que el daño  
Consumirse pertenda  
Si es gloria una desdicha,  
Que apura una fineza?  
Confieso, que a la vida  
Mucho las ancias cuestan,  
Mas como han de acabarla  
Si nó caben en ella?  
Que al fin como muchas  
En la vida se estrechan



Para el alma inmortales,  
 Con el tormento apelan.  
 Medio lustro ha, que lloran  
 Entre vuestras riberas  
 Un siglo de impossibles,  
 Y muchos de sospechas.  
 Medio lustro ha, que gimo  
 Rigores de una estrella,  
 De una fortuna embidias,  
 De un destino inclemencias.  
 Los respetos no bastan  
 A suspender mis quexas,  
 Que passiones zelosas  
 Mucho tienen de ciegas.  
 La memoria offendida  
 De infelices tragedias,  
 Ahoga los discursos,  
 Y arrastra la paciencia.  
 El alma escrupulosa  
 De soñadas quimeras  
 Entre sus mismas dudas  
 Fabrica sus offensas.  
 La razon eclypsada  
 De penosas tinieblas  
 Con tanta tierra en medio  
 Se deslumbra traspuesta.

El amor condenado  
 A continuas violencias  
 Yá tiene de precito  
 Ver que se desespera.  
 Rendida la esperança  
 A tiros de una pena  
 En sus propias ruinas  
 Edifica sus quexas.  
 Mis lagrimas perenes,  
 Que esta montaña riegan,  
 En odio de las flores  
 Se han mostrado perpetuas.  
 Los tiempos me amenazan  
 Con tan terribles señas,  
 Que más que padecidos  
 Temidos me atormentan.  
 Pero si los dichosos  
 Solo es razon que teman,  
 Porque en los infelices  
 No es la desgracia nueva.  
 Que importa que los hados  
 Acobardarme quieran,  
 Si nó puede temerlos  
 Quien no tiene que pierda?  
 Basten pues los suspiros,  
 Los llantos, y tristezas,



Que no ay daño, que assombre  
A quien sufre una ausencia.

## ESTRIBILHO.

A Dios desierto amigo,  
Porque en mi ausencia  
Solo en ti halle  
Alivio a mi pena.



En ocasion que padecio una tormenta  
en el rio Duero.

Do mesmo Author.

## SONETO.

**D**Etete, ó buelve atraz, barquillo osa- (do)  
Mira que vá qualquier de nós perdido:  
Tu del agua en los pielagos hundido,  
Yó del llanto en los mares soçobrado:  
Tu de contrarios vientos assaltado,  
Yó de amigos suspiros combatido:  
Tu de Neptuno en Reynos offendido,  
Yó de amor en imperios maltratado:  
En fin oy quieren solo por hundirme  
Mar, vientos, y Neptuno maltratarte,  
Y a mi suspiros, lláto, y amor rendirme:  
Mas menor suerte viene atormentarte,  
Que a mi un incēdio llega a cōsumirme,  
Y a ti solo un naufragio a soçobrarte.



*Casando-se Clori.*

## SONETO.

**C**Lori de que me sirve el adorarte,  
 Si agena (ay dueño hermoso!) es fuerza  
 Y ha de ser la fineza de quererte (verte,  
 Motivo a las offensas de zelarte?  
 Razon fuera dexar de idolatrarte,  
 Por librarme a las culpas de offenderte,  
 Mas como podré yó no apetecerte,  
 Si es propiedad del alma (ay Clori!)  
 amarte.  
 Sé q̄ es fuerza morir, yá lo estoy viendo;  
 Mas que haze en perder por ti la vida  
 Quien pudo sustentarla padeciendo?  
 Pero sea el respeto mi homicida,  
 Que más de tu hermosura no pertendo,  
 Que verla de mis ancias merecida.

## SOBRE AS PALAVRAS DE JOB

*Qui quasi flos egreditur, & conteritur.*

## SONETO.

**S**I la vida del hombre incierta, y breve;  
 Es luz, que passa, y flor, que se marchita,  
 Para que fin el alma sollicita  
 De humano bien la vanidad aleve?  
 El mismo passo, que a vivir se mueve,  
 Para la muerte el tiempo precipita;  
 Y los estragos de su gusto incita,  
 Quien con más priessa sus engaños beve.  
 Pues si la vida un punto apenas dura,  
 Y es voz que nos avisa el mismo daño,  
 Quien esta luz ephimeral procura?  
 O' si el Mundo saliera de su engaño,  
 Que escarmiento no fuera una ventura!  
 Que ventura no fuera un desengaño!



## SOBRE AS PALAVRAS DE JOB

*Dies mei transierunt.*

## SONETO.

**B**uelan las horas, passante los dias,  
 Corren los meses, huyense los años,  
 Y nuestra vida hidropica de engaños  
 Beve ambiciones, pasce tyrantias;  
 Sin ver que el gusto es todo fantesias,  
 Sin que la vida aprenda de sus daños,  
 Que el alma, q̄ arrastrou sus defengaños,  
 Es toda a su delicto idolatrias:  
 O Mundo ciego, a la razon defunto,  
 Como no ha hecho en ti más movimiêto  
 Verte al peligro por instantes junto?  
 Dexa la liviandad, mira de assiento,  
 Que ha de espirar la vida a cada punto,  
 Pues se muere la edad cada momento.

MOTE;

## M O T E,

*Tan bien estoy con mil mal,  
 Depues que perdi mi bien,  
 Que el mal me parece bien,  
 Y el bien me parece mal.*

Do mesmo Author.

## G L O S A.

I.

**C**ustando de verme triste  
 Quiero a pezar de la quexa  
 Mal al bien; porque me dexa  
 Assi que mi bien consiste:  
 Bien al mal; porque me assiste  
 En este mal, porque es tal,  
 Que el es mi bien principal;  
 E el bien es mi mal tambien;  
 Tan mal estoy con mi bien!  
 Tan bien estoy con mi mal!

Anfi



## II.

Ansi del bien disgustado,  
 Y ansi de mi mal gustoso,  
 Aquello estoy más dichoso,  
 Que vivo más desdichado:  
 Estimo en tan alto grado  
 Este dulce mal, de quien  
 Todos me dan parabien,  
 Que igual bien no tuve yo  
 Antes de mi mal, sinó  
 Depues, que perdi mi bien.

## III.

Mas como es tan delicioso  
 Este mal, que el alma dize,  
 Hasta de ser infelize  
 Vengo a estar escrupuloso:  
 Porque amando obsequioso  
 Al desden, porque es desden,  
 Y al mal, porque es mal; tambien  
 Siento digan de ancia tal,  
 Porque gusto de mil mal,  
 Que el mal me parece bien.

Causa

## IV.

Causa en fin extremos tales  
 Ver que el hado en sus desdenes  
 Dá para lograr los bienes,  
 Para merecer los males:  
 Y finezas que immortales  
 Son para un sentir mortal,  
 El bien les quita el caudal,  
 El mal la gloria le aumenta,  
 Por esto el mal me contenta,  
 Y el bien me parece mal.



A UNA



## A UNA DAMA.

*Do mesmo Author.*

## DECIMAS.

I.

**F**ilis, yó vi tu beldad,  
 Y vi luego en la razon,  
 Que no amar tu perfeccion  
 Era offender tu deidad;  
 Porque si la voluntad  
 Deve adorar lo divino,  
 Mas fuera agravio, que atino;  
 Querer rendir el cuidado  
 A los miedos de callado  
 La reputacion de fino:

II.

Confesso que te adoré;  
 Y te adoro, que en rigor  
 Todo es voces el amor,  
 Nunca silencios la fé:

Aguila

Aguila tu Sol miré,  
 Tu luz mariposa vi,  
 Aunque de mi me perdi  
 Por transformarme contigo,  
 Nunca me hallé más conmigo,  
 Que quando me hallé sin mi.

III.

Filis yó muero, y de suerte  
 Venera el alma esta herida,  
 Que doy de gracia la vida,  
 Por ver se encuentro la muerte:  
 Tan dulce se haze al quererte  
 Este gustoso inimigo,  
 Que quando a callar me obligo,  
 Y quando dezirlo espero,  
 Muero de callarlo, y muero  
 Del gusto, con que lo digo.

IV.

No sê que efficacia siento  
 En tu altivez, y mi ardor;  
 Que el respeto se haze amor,  
 Y porfia el escarmiento:  
 Porque se halla mi tormento  
 En sus extremos tan sabio,

Que



Que quando se atreve el labio,  
O la pluma se confia,  
Es fineza la ousadia,  
Porque es merito el agravio.

## V.

Jusga el alma desvario

Ver que a las estrellas buelo,  
Como si fuera refelo  
Credito del alvedrio:  
Mas si veo en tu desvio,  
Que amor no es atrevimiento,  
Como solo amarte intento,  
Sin otro intento que amarte,  
Destá culpa de adorarte  
Hafe amor merecimiento.

## VI.

Acredita lo adorado

Tanto lo desvanecido,  
Que el acierto de entendido  
Se halla en las culpas de osado:  
Si pues merecer tu agrado  
Puede un amor tan discreto,  
No malogres un afecto,  
Que en su mayor confianza

No

No sabe ser esperanza,  
Y muere por ser respecto.

## VII.

Mas que haze el merecimiento,  
Si en tan deliciosa calma,  
Es la fineza del alma  
Deuda del entendimiento?  
Pues quando el conocimiento  
Lo que amó supo entender;  
Llegó luego a conocer,  
Que era al mayor presumir  
Pequeña paga el servir,  
Mucho logro el padecer.

## VIII.

Si con todo es desatino,  
Perdona mi loco error,  
Que no es culpa del amor,  
Lo que es fuerza del destino:  
Aqui me postro, y me inclino  
A tu rigor, y piedad;  
Si en matarme tu beldad  
Tiene gloria más crecida,  
El alma ofrece una vida,  
Y muchas la voluntad.

Medi-



*Meditacion de su desdicha en la  
mudança de Clori.*

CANCIÓN.

**C**on bruta vanidad quiso aquel mōte  
Las plātas, y la frente, aun mas q̄ Atlante,  
Calçar de nubes, coronar de estrellas,  
Y elevandose barbaro Thifonte  
A las esfēras, que batió el Tonante,  
Pitó del sacro Olympo las centellas,  
Donde tanto sus huellas  
Esse imperio aflombraron luminoso,  
Que a su seño espantoso  
Palidos los luzeros supriores  
Dieron sustos al Cieló, al Mundo horro-  
Mas ay, que el centro roto (res.  
Al castigo fatal de un terremoto  
Se rompió tan herida  
Esta machina excelsa estremecida,  
Que de verla, essas rocas  
Abren pasmadas las horrendas bocas,  
Y mues-

Y muestra su tristeza,  
Que excedió su ruina a su grandeza.  
Tiernas caricias, y amorosos laços  
Hazia un tiempo en tremulo recinto  
Aquella yedra al olmo mas desnudo;  
Mas bolviendose grillos sus abraços,  
Y atandole en su verde laberinto,  
Subir, prenderle, y dominarle pudo:  
Y dava el postrero nudo  
Su altivez ambiciosa apenas, quando  
Insolente pizando  
Lo que humilde besó, ya sin cautela,  
Mas trono aspira, y mas imperio anela.  
Mas ay, que a golpe infano  
De villana segur, de aspera mano,  
Troncadas sus raizes,  
Precipitadas las ramas infelizes,  
Y en su estacion mas verde  
Hojas, tronco, esperanza, y vida pierde,  
Donde entre aquellas peñas  
Aun los estragos no an dexado señas.  
Presumida garçota de alabastro  
Emplumó la cabeça esse obelisco  
A sobervio edificio sumptuoso;  
Y las joyas de un astro, y de otro astro  
Engastando altanero en tanto risco



Luzió galan , y remontose hermoso ;  
 Mas tan vanaglorioso ,  
 Que porque , ó Phebo , Fenix agonizas ,  
 Quiso de tus cenizas  
 Ser con pasmo de Menfis eminente  
 Urna immortal , pyramide iusolente .  
 Mas ay , que la violencia  
 De un rayo atroz postrada su eminencia  
 Cayó en tan breve trecho ,  
 Deshecho en trócos , y en cenizas hecho ,  
 Que oy con funesto encanto  
 Mas escarmiento dá , q̄ un tiépo espanto ;  
 Pues pagando el insulto  
 Donde un valle enterró , yase insepulto .

Pupilo de una peña fugitivo  
 Era apenas llorando arroyo breve ,  
 Quando a ser mar se despenó sediento ;  
 Sin que el cariño esplendido , y nativo  
 De las flores , que arrulla ave de nieve ,  
 El curso embargue de su vago aliento ;  
 Y con libre ardimiento  
 De otras fuentes hurtando los caudales ,  
 Campea de crystales  
 Tan rico , que con ellos se dilata ,  
 En imperios de Abril , grande de plata .  
 Mas ay , que el ancia oculta ,

Con

Con que el mar en sus ondas le sepulta ,  
 Le engañó de tal suerte ,  
 Que donde buscó vida , halló la muerte ,  
 Y porque más se assombre ,  
 Aun antes que la vida pierde el nombre ;  
 Y assi a pagar empieça  
 Aun mas la vanidad , que la grandeza .

Menos se opuzo baluarte al duro  
 Bronze , que a rayos le dexo batido  
 De espaldas , flancos , y cortina armado ,  
 Que en otro tiempo inexpugnable muro  
 De fuertes barbacas guarnecido ,  
 De almenas , y de torres coronado :  
 Y bien que en este estado  
 Catapultas , y arietes furiosos  
 Le hirieron espantosos  
 Invencible al asalto , y bateria ,  
 Aquel burlava , a esta se oponia :  
 Mas ay , que horrenda mina  
 Fabricando secreta su ruina  
 Con tal daño , y querellas  
 Le boló apedreando las estrellas ,  
 Que oy por sus senos vagos  
 Triste lamenta el ayre sus estragos ;  
 Y el agua entre esta yedra  
 Lamenta una ruina en cada piedra .

De



De Clori a las divinas luzes bellas  
 Mas que el monte subió mi penlamieño;  
 Y yedra presumi ser de su hermosura;  
 Eleveme obelisco a sus estrellas;  
 Al mar de su beldad corri sediento  
 Arroyo, y guardo muro esta ventura,  
 Y a tan suprema altura  
 Me remontó la suerte  
 Que me embidieron en su bien mas puro  
 Monte, yedra, obelisco, arroyo, y muro.  
 Mas ay, que oy olvidado  
 Soy el monte sobervio arruinado;  
 La yedra desafida;  
 El obelisco en su fatal cahida;  
 El arroyo en su muerte;  
 El muro en sus estragos; pues se advierte  
 Que ha sido el mal que noto  
 Mina, rayo, segur, mar, terremoto.



## POESIAS VARIAS

PARA SE ADDICIONAREM  
 aos cinco Tomos

## DA FENIX

RENASCIDA,

O U

## OBRAS POETICAS

Dos melhores Engenhos Portu-  
 guezes,

QUE TEM DADO A LUZ

MATHIAS

PEREIRA DA SYLVA.



POESIAS VARIAS  
DE HUM ANONYMO.

*A huma Dama san-  
grada.*

ROMANCE.

**F**Rancisca a quelle jasmim  
A quem do Tejo o crystal  
Amou flor da Corte hum tempo,  
E flor deste campo he já.  
Com as calmas de huma febre  
Taõ agravadinha está,  
Que a fez este Sol cahir,  
Porque a naõ pode murchar.  
Maltratou-a o Sol no campo:  
Quem vio Pastores já mais  
O campo offender as flores,  
O Sol ao Sol maltratar?  
Se em fim naõ he que adoece  
Por verem todos que dá,



Ou nova inveja á faude,  
 Ou mayor vangloria ao mal.  
 Veyo a sangralla o Barbeiro  
 Com cuja arte as liberaes,  
 Prodigas entaõ queriaõ  
 Sua nobreza trocar.  
 Tomou-lhe o pulso, e de forte  
 O vio n'hum ponto alterar,  
 Que sentio febres malignas  
 Em contagios de crystal.  
 Defabotoou-lhe a manga  
 Da camisa de cambray,  
 Onde elle quiz esconder  
 Quanto era força invejar.  
 Atoulhe no braço a fita,  
 A cujo fito, inda mal,  
 Atirava o meu delejo,  
 E assertava o meu pezar.  
 Em fim tirando a lanceta,  
 E atiçando a luz, que já  
 De compadecerse amante  
 Começava a agonizar.  
 Grosseiro ferio, e agudo  
 A neve, em cujo raudal  
 De ponta os crystaes estavaõ,  
 Porém de vea os coraes,

Sahin;

Sahindo ays, e sangue a hum tempo,  
 Deste ferro vi tirar  
 Em cada gota huma vida,  
 Mil almas em cada ay.  
 Esmoreceo-se Francisca,  
 E era força desfayar,  
 Que a quem hum affago offende,  
 Huma offensa que fará?  
 No eclipse do rosto bello  
 Naõ foy menos de admirar  
 Ver sahir sombras de hum Sol,  
 Que verter sangue hum crystal.  
 Correrãõ borrasca as luzes,  
 Até que pondo-se em paz,  
 Na praya branca de hum lenço  
 Se vio de ondas d'ouro hum mar.  
 Soltaraõ-felhe os cabellos,  
 Cuido que para matar  
 A rayos, quem presumisse,  
 Que o Sol estava mortal.  
 Borrifos, e almas choverãõ  
 Para haver de em si tornar,  
 Mas a pezar dos borrifos  
 As almas poderaõ mais.  
 Pozse-lhe logo a atadura,  
 Causando lastima igual

Fechar



Fechar minas de rubins,  
 Que vellos desperdiçar.  
 Em fim poz-se a luz do dia,  
 E em nuvens de neve lá,  
 Onde entaõ cobria olanda  
 Os Alpes de Portugal.  
 Porém ficou taõ formosa,  
 Que já a alguns do lugar  
 Nunca pareceo taõ bem,  
 Como quando a viraõ mal.

## R E T R A T O .

**M** Aricas, aquelle extremo,  
 A quem toda a Corte chama,  
 Toda brinco na lindeza,  
 Toda feitiço na graça.  
 Aquella animada flor,  
 Aquella pedra animada,  
 Quando flor, perpetua aos olhos;  
 Quando pedra, iman das almas.  
 Vestio-se de verde escuro,  
 E escureceo tanto a gala,  
 Que a todas deixou no verde  
 A's escuras a esperança.

Em

Em comparaçã da gloria,  
 Que o manto zela, e recata;  
 Com ser gloria o que se via,  
 Era fumo o que se olhava.  
 Val o pello muito ouro,  
 Mas despreza-o taõ bizarra,  
 Que todo o ouro derrama  
 Nas ondas, que o vento espalha.  
 Campo he breve a branca testa,  
 Onde amor, que nella campa,  
 Ceo de neve aos olhos mostra,  
 Laços de ouro ás almas arma.  
 Saõ de evano as sobranceilhas  
 Dos arcos por onde passa  
 A vista quando triunfa,  
 E a belleza quando mata.  
 As mininas dos seus olhos  
 Com as settas das pestanas,  
 Tem por brinco tirar vidas,  
 Por costume fazer rayvas.  
 Destes olhos, a que eu dera  
 A vida com os olhos d'alma,  
 A mais breve vista de olhos  
 Me custa os olhos da cara.  
 Negros saõ, mas taõ formosos,  
 Que a mesma Aurora tomara,

Para



Para zombar das estrellas,  
 Tellos para estrellas d'alva.]  
 Estas mentiras fingidas  
 De tanto Poeta, nadas  
 Saõ, pintura, que os bosqueja,  
 Naõ verdade, que os iguala.  
 Com meynos de proporção  
 O nariz, que o mais realça,  
 He sendo meyo de extremos  
 Hum dos extremos da cara.  
 As faces de sangue, e leite  
 Com guerra sempre encarnada  
 Pondo a fogo, e sangue as vistas  
 Zombaõ dos Pares de França:  
 He taõ picante o coral,  
 Que a breve boquinha esmalta,  
 Que a naõ ser arma de tiro,  
 Fora acipipe de nacar.  
 Taõ avarenta, e taõ rica  
 Nectar verte, e minas guarda:  
 Se se ri, perolas mostra,  
 Se respira, ambar exhala.  
 Junto da garganta bella,  
 Que he rosca de neve, e nata,  
 Fica a esperança em jejum,  
 Fica o desejo em garganta.

As

As mãos, de cujos thesouros  
 Ninguem colhe ás mãos a prata,  
 Se ás mãos cheas saõ formosas,  
 Saõ crueis ás mãos lavadas.  
 He taõ bem feita a cintura,  
 Que eu nunca nas filagranas  
 Achey cousa taõ bem feita,  
 Nem cousa taõ delicada.  
 Taõ bem prendida se mostra,  
 Taõ ayrosa o Mundo pasma,  
 Que se o geito o Mundo prende,  
 O ar as vidas traspassa.  
 A lindeza dos pészinhos  
 He tal, que faz junto á saya  
 Gato çapato das vidas,  
 E fiveleta das almas.  
 Com tudo os olhos me affirmaõ,  
 Que quanto delles se falla,  
 Aleive he do coração,  
 Que cada xispo levanta.  
 E assim me resolvo, e creyo,  
 Que a Maricas muito agrava  
 Quem poem em pés de verdade  
 O que he pouco mais de nada.  
 Este diamante, esta flor  
 Sahio na manhã de Paschoa,

Tra-



Trazendo a Paschoa nos olhos,  
 E as Alleluias na graça.  
 Sahio para a nossa Igreja,  
 E nella prendeo as almas;  
 Nem valeo fagrado ás vidas,  
 Nem houve refugio ás ancias.

## R E T R A T O.

**F** Eiticeiros das almas,  
 Que roubaõ as vidas,  
 Saõ os olhos formosos  
 Da minha Jacinta.  
 Ay que todo me morro,  
 Ay que todo me fino,  
 E como huma gellea  
 Todo me derreto.  
 Sua boca de cravo,  
 Cheirosa respira  
 Bafos de calambuco,  
 Que nasce na China.  
 Com o cheiro parece  
 Tambem sua boca  
 Pucarinho da maya,  
 Que vem de Lisboa.

Hum

Hum feitiço goloso  
 He sua garganta,  
 Porque toda está feita  
 De assucar, e nata.  
 Esta bella minina,  
 Que a todos affombra,  
 Porque seu bello talhe  
 He feito de alcorça.  
 Esta rapariguinha  
 Bonita do prado  
 Tem as mãos refinadas  
 De assucar rosado.  
 Saõ desta cachopa  
 Os pés polidinhos  
 Dous confeitos do Porto  
 Dos mais pequeninos.  
 Toda a bella Jacinta  
 Dos pés á cabeça  
 Está feita de assucar  
 De mel, e manteiga.

Ausen-



*Ausente fallando com  
o seu suspiro.*

ROMANCE.

Vinde cá, meu suspiro,  
Que já basta o que tendes  
Peregrinado amante,  
E padecido ausente.  
Vinde cá, porque he tempo,  
Que venhais a trazerme  
Novas de hum bem, se ha novas,  
Que a hum infelice alegrem.  
Dizey-me se as saudades  
Assim se crem como sentem,  
Se as lagrimas se estimaõ,  
Ou se penas se agradecem.  
E dizeyme se de Tisbe  
Fostes vós algumas vezes  
Mimosamente ouvido,  
Se ouvido ingratamente.

Diç

Dizey-me se os seus olhos  
Ainda taõ livres prendem,  
E taõ bellos enfeitigaõ,  
E taõ senhores se atrevem.  
Dizey-me se os adora  
Quem lograllos só merece,  
E se ciofo os recata,  
Ou se tyranno os offende.  
Dizey-me se inda se lembra  
Daquelle tempo alegre,  
Que só gozey, porque hoje  
Mais me custe o perderse.  
Mas ay, suspiro triste,  
O dizermõ de que serve,  
Quando mataõ repetidas  
As desgraças, que se sentem,  
Sepultemos as memorias,  
Que nas de hum bem taõ breve  
He martyr de esperanças  
Quem com a vida as naõ perde.  
Dizey-me vós, meu suspiro,  
Que he tempo de saberse,  
Tambem de mim, se de mim  
Ha ainda quem se lembre.  
Olhay para os meus olhos,  
E vereis no pranto delles

Se



Se excedem no que choraõ  
 A tudo quanto sentem.  
 Notay meu sentimento,  
 E vereis se quizeres  
 Sentir bens passados  
 Com desgraças presentes.  
 E he nelle taõ continuo  
 Este mal, com que os vedes,  
 Que muito mais costume  
 Que tormento parece.  
 Mas como, meu suspiro  
 Naõ quereis responderme?  
 Taõ mal estais comigo,  
 Já de Tisbe aprendestes?  
 Ora vinde cá, fallayme,  
 Porque vos naõ merece  
 Quem vos fiou a alma,  
 Que o magoeis rebelde.

### *A huns olhos.*

**A** Qui de amor, que me ferem  
 Huns olhos, mas com tal graça,  
 Que arrependido o queixume  
 De agradecido se jacta.

Fiados

Fiados num certo rosto  
 Pestanejaõ cutilladas:  
 Saõ os primeiros traidores,  
 Que envestem cara a cara.  
 A' conta de sua dona,  
 Sem que contra ella valha  
 Alguem, a tudo poem fogo,  
 Suppondo a neve de casa.  
 Facinorosos já agora  
 Do castigo fazem chança,  
 Pois por fugirem da forza  
 Trazem por final as alvas.  
 A senhora sua dona  
 He por certo huma boa alma,  
 Metida com dous ladroens,  
 Como se naõ fora nada.  
 De suas traiçoens valida  
 Naõ ha cousa, que naõ faça,  
 Que se vale aos olhos vistos  
 De sua mesma esquivança.  
 Quando os dorme tudo rõuba,  
 Quando os move tudo aballa,  
 Quando os cerra tudo assombra,  
 Quando os abre tudo mata.  
 Malquista com todo o Mundo  
 A tyrannia graduada,

Quando



Quando pelega he verdade,  
 Quando favorece he chança,  
 Já desculparse não póde  
 De cruel, se inda no que anda  
 Com a cara descuberta  
 Mostra as razoens de culpada.  
 Sey que a vida me tirou,  
 E inda por mimo mo encampa,  
 Mas tirando-a de huma vista  
 Fez-me favor em tirarma.  
 Já lhe não peço piedade,  
 Que fora crassa ignorancia,  
 Porque lhe ignorara as prendas,  
 Se os rigores lhe ignorara.  
 Em fim coração callemos,  
 Negue-se este alivio á magoa,  
 Que queixar a huma cruel  
 He lisonja, e não vingança.



*Cayendo*

*Cayendo a los pies de Cloris una rosa,  
 que tenia en el tocado.*

R O M A N C E.

**S**I la reyna de las flores,  
 Cloris, vuestras plantas besa,  
 Quien puede dudar, que ha sido;  
 Porque os reconoce reyna.  
 Por rendirse a vuestras plantas  
 Vuestras hebras de oro dexa,  
 No porque las desestima,  
 Si porque las reverencia.  
 Aliños de cortezana  
 En lo que se os postra muestra:  
 Que han de hazer, Clori, las almas  
 Si las flores os respetan?  
 Dizen, que la condenaron.  
 A libre vuestras madexas;  
 Porque es destierro andar libres  
 Despues que ay prizion tan bella.  
 Dizen, que ha sido arrojada:  
 Mas quien no vê, que es fineza

*III. Part,*

Cc

Caer



Caer en un precipicio  
 Por lograr una modestia.  
 Ella cayó de entendida,  
 Pues viendo-se en vuestras trenças  
 De ser rosa, y laço indigna  
 Serlo en vuestros pies intenta.  
 Si no es que ha sido traça  
 De cortezanas decencias,  
 Echarse a los pies de un Angel,  
 Que la puó en la cabeça.  
 Y se cayó de tentada  
 Quien vio, bellissima prenda,  
 Los despeños tan felices,  
 La tentacion tan discreta.  
 Tan fina acion bien merece,  
 Que un auxilio de assucenas  
 La llevante a vuestra gracia  
 Ya vuestra cabeça buelva.  
 Pero si por su desgracia  
 Cayó de tan alta esféra  
 Llevar, Clori, un cahido  
 Es accion de la grandeza.  
 Si tan bella estrella tiene  
 Quando se halla mas por tierra;  
 Flor pensará que ha cahido,  
 Para llevarse estrella.

No pues se os olvide, Clori,  
 Esta flor, porque Abril sepa,  
 Que quando la flor os cae.  
 Podeis ser su primavera.

## ROMANCE.

**L**A mas bella zagaleja,  
 LA quien rinde todo el valle  
 Poca offrenda en muchas vidas,  
 Breve culto en amor grande.  
 Sallio una tarde de Abril  
 Al campo, porque en la tarde  
 Amanecieffen dos soles  
 Con Auroras de azavache.  
 Un verde sayal le adorna;  
 Porque los ojos se engañen;  
 Mas que esperança no es burla  
 Si un imposible la trae!  
 Sallio tan ayrosa, e bella,  
 Que en sus ojos, y en su talle  
 Quanto los rayos perdonan,  
 Dizen que lo enciende el ayre.  
 Las selvas viendo sus luzes  
 Tocaron luego al instante



Lyras de plata en las fuentes,  
 Tonos de amor en las aves.  
 Las que a sus pies varias flores  
 De cortazanas se abaten,  
 No pizadas se marchitan,  
 Vanagloriosas renascen.  
 Estos vivientes jasmines  
 Breves de la vista imanes,  
 Joyas fueron de un arroyo  
 En los floridos plumages.  
 Vio-los el arroyo humilde,  
 Y creció tan arrogante,  
 Que ardiendo en llamas de nieve  
 Corrio sediento a bezarlos.  
 Mas viendo en ayrosa fuga  
 Morir de sed sus cristales  
 Se despeño furioso  
 Por nó correrse de facil.  
 Viendo-la el Sol, de una nube  
 Se amparó, que a Soles tales  
 Hasta el Sol por no incenderse  
 De quitasoles se vale.  
 Assombrose, mas que mucho,  
 Si puesto en dos luminares  
 Desalumbrado se eclipsa,  
 Que desluzido se ultraje?

Y el dia, que a tantas luzes  
 Prodigio devio tan grande  
 Dexar de morir no pudo,  
 Quando la vio ausentarse.  
 Anohecidas las flores,  
 Y saudosos los zagales  
 Sentieron del prado eclipses  
 Los que de Cloris celajes.  
 Mas Aonio, un pastorzillo  
 Humilde, y pobre del valle,  
 Si lo puede ser un alma  
 Onde tanto cielo cabe.  
 Tanto quedó de la muerte,  
 Mas que retrato cadaver,  
 Que la misma muerte pienso,  
 Que se temió de tu imagen.  
 Idolatrando una pena  
 Por la causa de que nasce,  
 Hasta un venial deseo  
 Hizo en sus respetos martyr.  
 Mas porque alguno en su muerte  
 Estos excessos nó estrañe,  
 Assi del alma el secreto  
 Fia del papel de un sauze.



## ESTRIBILLO,

Yo me muelo por Cloris  
 Ninfas del valle,  
 Culpeme de atrevido,  
 Mas nó de amante.  
 Si es delicto morirme  
 Por prendas tales,  
 Los decoros se pierden  
 A las deidades.

*Amante zeloso.*

## ROMANCE.

**A** Onde meu suspiro amante  
 Caminhais enternecido?  
 Suspendey hum pouco os voos,  
 Paray, paray, meu suspiro.  
 Se de vossa ancia em Tereza  
 Ides buscar os alivios,  
 Ay que imagino intentais  
 Remedio ter nos perigos.

Deixay

Deixay de ser Faetonte,  
 Porque eu mesmo vos advirto,  
 Que nos mares de hum desprezo  
 Vos lastimareis cahido.  
 Se quereis correyo ser  
 Do meu amor, naõ consinto,  
 Pois confessar a fineza  
 Se me avalia delicto.  
 Naõ voeis suspiro, naõ,  
 Já que por meu fado iniquo  
 Vos querem cortar as azas  
 Com que voais entendido.  
 Conversay comigo agora,  
 Pois de vós sómente fio  
 As penas, que me atormentaõ,  
 As ancias, com que me afflijo.  
 Com tanto gosto padeço  
 Por esta ingrata, a quem sirvo,  
 Que me he lisonja o tormento,  
 Com que peno, e com que sinto.  
 Quasi chorando lhe dey  
 Fogos da alma em sacrificios,  
 Pois os diluvios dos olhos  
 Saõ dos incendios indicios.  
 Mas foy bronze taõ rebelde  
 A fogo taõ incendiado,

Que



Que ella era toda tibieza,  
 Quando eu ternura, e carinhos.  
 Agora morro de zelos,  
 Que he de amor mayor martyrio,  
 Mas bem que zeloso morro,  
 Como fino amante vivo.  
 Vede que dor tão intensa,  
 Que tormento tão activo,  
 Pois o meu gosto esperado  
 De outrem yejo possuido.  
 Vejo sem razão me queixo,  
 Mas temo tanto hum perigo,  
 Que o temor delle me mata  
 Antes de fer percebido.

*A huma dama esquivada.*

## ROMANCE.

**A** Mais vossa liberdade,  
 Certo que o sinto, minina,  
 Pois vos não quero tão vossa,  
 Quando vos suspiro minha.

Se

Se para matar a muitos  
 Viveis tão vossa, minina,  
 Ay não tendes por ingrata  
 O que já tendes por linda.  
 Ora sois cruel, meus olhos,  
 Pois com tanta tyrannia  
 Matando já por formosa,  
 Quereis matar por esquivada.  
 Não bastava esse donaire,  
 Cuja gala, e galhardia  
 Faz a morte desejada,  
 Faz a pena appetecida.  
 Não bastava essa belleza  
 Em quem de amor a porfia  
 Desejado incendio gosta,  
 Amante fogo suspira.  
 Senão ver tal ifençaõ  
 Senão ver tal valentia  
 Para que sinta os rigores  
 A quem vós deveis caricias.  
 Oh sede minha, e não vossa,  
 Porque esta ancia vos affirma  
 Sendo vossa sois meu mal,  
 E sois meu bem sendo minha.  
 Não vedes, querida ingrata,  
 Que quem não paga advertida,

Ou



Ou as finezas offende,  
 Ou as vontades castiga,  
 Senti pois estas ternezas  
 A que vosso amor obriga,  
 E já que não inclinada,  
 Satisfazez por sentida.  
 Que desar he na nobreza  
 Ser na paga amortecida,  
 Porque a gratidaõ nasceo  
 No berço da fidalguia.  
 Sabey, que eu lá no mando  
 Dessas de amor batarias,  
 Ou mentiroso zombava,  
 Ou esquecido me ria.  
 Hoje, meu bem, minha flor,  
 Minha ancia tanto se afina,  
 Que gósto de não ser meu  
 Por vosso ser, vida minha.  
 Mas neste penoso estado  
 O que mais me martyriza,  
 Que ameis vossa liberdade  
 Tendo eu a minha cativa.

*A huma*

## *A huma Dama for- mosa*

### ROMANCE.

**H**E Francisca taõ bonita,  
 Taõ linda Francisca he,  
 Que o ameago da belleza  
 Cuido que podera ser,  
 Preza-se ella tanto disso,  
 Disso tal capricho tem,  
 Que para o confirmar mais  
 Se passou a ser cruel.  
 Por certo, que a debuxara  
 Com tal arte, tal pincel,  
 Se me não metera medo  
 A sombra de hum seu desdem.  
 Porém vá de retrato  
 Francisca; quem  
 Se retrata por sombras  
 Mais bella he.  
 Desta muchacha o cabelo  
 Contemplaçaõ de hum a fé

*Inda*



Inda que seja muy falso  
 He ouro de muita ley.  
 Que seja luz, claro está,  
 E he claro de conhecer,  
 Que quem he manhã luzida  
 Tudo luzes póde fer.  
 O Sol renega de todo,  
 Quando nessas luzes vê  
 Laços, que cada hum delles  
 Garrote de forca he.  
 Por isso quando contempla  
 Nestes garrotes, bem sey,  
 Que de puro imaginillos  
 A' dependura se vê.  
 Os olhos cuida são negros,  
 Mas huma differença tem,  
 Que sendo elles os negros,  
 O cativo venho a fer.  
 Olháy o que he amor,  
 E que louco fuy, porque  
 Atirando ao alvo todos,  
 Só eu ao negro atirey.  
 Não sey se por ter alentos,  
 Que lhe daõ vida, porque  
 Sempre nas faces muy viva  
 A primavera se vê.

A boca

A boca he hum ponto breve  
 De que eu poderia ler  
 Se em opposiçaõ puzera  
 A lindeza, que ella tem.  
 Esta he Francisquinha  
 Aquelle bem,  
 Que sendo em tudo Aurora  
 Em sombras he.

*A huma rosa.*

## ROMANCE.

**P**ara que nasceste rosa,  
 Detem o nascer, que morres,  
 Em flor tens os desalentos,  
 Desmayos crueis na morte.  
 Em berço florido nasces  
 Donde o sepulchro descobres,  
 Sendo as mantilhas que vestes,  
 As mortalhas que te envolvem.  
 Imperatriz te acclamou  
 A republica das flores,

Discre-



Discretas te veneraraõ,  
 Porque sentidas te chorem.  
 Quando de aljofar a Aurora  
 Te enfeita a purpura nobre,  
 Chora a monarquia breve  
 Da flor monarca, que morre.  
 Tyranno verdugo o tempo  
 Te deu rigoroso golpe,  
 Porque o sangue da ferida  
 De defunto nacar corre.  
 A garganta te atravessaõ,  
 Agudos espinhos torpes;  
 Que sendo da rosa guardas  
 Saõ para a rosa garrotes.  
 Qual aspid, que a flor occulta  
 Tu propria contigo foste,  
 Pois na mesma suavidade  
 Escondeste teus rigores.  
 Saõ as folhas de teus dias  
 Azas cheirosas, que encolhes,  
 Morres qual Fenix do prado  
 Em chama ardente de olores.  
 Arde a pyra de teu nacar  
 Com teus lascivos ardores,  
 Consumindo em hum só dia  
 Tantas lisonjas enormes.

Do

Do sangue herdaste de Venus  
 Os animados fulgores,  
 Mas quando a vida desmaya  
 O sangue nas veas morre.  
 Naõ he discreta a belleza,  
 A que em seu bem naõ discorre,  
 Por abrir boca imprudente  
 Te castiga a culpa á morte.  
 A natureza te fez  
 A mais gentil, e mais nobre  
 Foy muy liberal nas prendas,  
 Mas muy esquivia na sorte.  
 Naõ quiz que muito durasses,  
 Porque a belleza naõ fosse  
 Escandalosa á inveja,  
 Que se cega em resplandores.  
 Deo-te a purpura brilhante,  
 Mas foy com trato taõ doble,  
 Que em quanto flora te veste  
 Cruel a Parca te corte.  
 Se muito tempo viveras,  
 Naõ te choraraõ na morte;  
 Que o bem, que depressa acaba,  
 He bem, que se sinta, e chore.  
 Espiras em fim na tarde,  
 Assim na grã, que te cobre,

Que



Que es da mudança o retrato;  
 Por isso mudas de cores.  
 Perdendo vaõ seus alentos  
 Os aromas superiores,  
 Vendo que te foge a vida,  
 Com medo da morte fogem.  
 As boninas, que te assistem  
 Fazendo florida corte  
 Nas lifonjas, com que crescem  
 Teus defenganos descobrem.  
 O Sol que te vio taõ bella  
 Desejou ser teus amores,  
 Menos estimou seus rayos  
 Do que as galas, que te cobrem;  
 Julgou-te Venus da terra,  
 Esse do Ceo bello Adonis,  
 Deixou-te viver no prado,  
 Sem embargo, que te encobre.  
 Porém quando lá na tarde  
 Te vio lastima do Orbe,  
 Por naõ ver taõ triste caso  
 Na sepultura se esconde.  
 Contra o proprio esquecimento  
 Conserva a terra teu nome,  
 Mas ah, que a flor por caduca  
 Tambem se escreve nos bronzes.

## RETRATO

*Por titulos.*

## ROMANCE.

P<sup>O</sup>sto sejaõ titulares  
 As prendas de Lyfes bella  
 Hoje se haõ de descobrir  
 Como se fossem pequenas.  
 O cabelo, que de rayos  
 He golfo em feliz tormentã  
 Conde do Prado se julga,  
 Porque todo em ondas quebra.  
 A testa, jardim nevado,  
 Onde Venus se recreya,  
 Porque duas fontes logra;  
 He de Fontes a Marqueza.  
 Da corrente de seus rayos,  
 Sendo arcos as sobranceilhas,  
 Condeças da Ponte saõ,  
 Servindo de ponte a testa.  
 As pestanas praça de armas  
 Do deos, que traz arco, e flecha,  
 Part. III. Dd Por



Por praça de armas de amor  
 Saõ Marquezas de Fronteira.  
 Dos seus olhos as mininas  
 Por alegres, e travessas,  
 Qualquer dellas por formosa  
 He de Alegrete Condeça.  
 As duas rosas das faces  
 Sendo de amor primavera,  
 Condeças de Villa-For  
 Me parece qualquer dellas.  
 Por ser no mar de seu rosto,  
 O nariz Ilha perfeita,  
 Conde da Ilha parece,  
 Sendo Visconde de Asleca.  
 Porque de Arrochella o porto  
 Por breve barra navega,  
 Condeça de Portalegre  
 A boca se considera.  
 A barba, porque termina  
 Do rosto a brilhante esfêra,  
 He Condeça do Redondo,  
 Tendo para tudo quêda.  
 A garganta, onde a neve  
 Faz perpetua sentinella,  
 He Condeça de Atalaya  
 Onde sempre amor peleja.

Fazendo

Fazendo feira de flores  
 As suas mãos de assucenas  
 Tambem na Corte de Flora  
 Seraõ Condeças da Feira.  
 O pé por ser de solar,  
 Inda que pequeno seja  
 Por Conde de Villapouca  
 O tem qualquer, que o penetra  
 Para acabar a pintura  
 De Lyfes pede licença,  
 Quem hoje por Senhorias  
 Pintou suas excellencias.

## R E T R A T O

*Pelos Reynos.*

## E N D E C H A S.

**A** ttenção, curiosos,  
 A esta pintura,  
 Que se retrata em Reynos  
 Venus segunda.  
 Maranhão o cabelo,  
 Onde ha riqueza,

Dd 2

Sem



Sem ser grande o thesouro  
Será Veneza.

A testa affirmão todos,  
Vendo-a taõ clara,  
Que he no branco, e nevado  
A mesma Hollanda.

As sobranceiras são,  
Com ser miudas,  
Dous Reynos de Turquia.  
Com meyas Luas.

Castella, e Portugal  
São as pestanas,  
Porque sempre as vejo  
Postas em armas.

Dous Reynos são os olhos  
Do rico Oriente,  
Posto que se tem visto  
Em Cabo Verde.

As faces peregrinas  
Pelo encarnado,  
Affirma o Mundo todo,  
São de Damasco.

De superfluo não tem  
O nariz tacha,  
Porque o julgaõ todos  
De Dinamarca.

Toda

Toda a India se vê  
Na breve boca,  
Se em fragrancia arrochella,  
Na graça Roma.

Teve a barba por bella  
Bastantes Reynos,  
Pois vê-se nella Italia  
Junto do Estreito.

Inglaterra a garganta  
Com os hombros julgo,  
Pois junto do canal  
He neve tudo.

As mãos bellas parecem  
Indias de Hespanha,  
Pois sempre vejo nellas  
Frotas de prata.

Ceilaõ sobre o pé mostra  
Em breve esféra,  
Porque não póde haver  
Melhor canella.

O pé não pintarey  
Entre os mais Reynos,  
Que a ser Reyno não chega  
Por ser pequeno.

Não ha mais que pintar  
Neste retrato,

Porque



Porque tanta perfeição  
He o Mundo em claro.

*A huma Dama escre-  
vendo.*

ROMANCE.

**T**isbe formosa, se as penas  
São taes, como se encarecem,  
Mais são que para a alma affagos,  
Para o coração deleites.  
Dais co' pincel dessa penna  
Taes cores ás que não tendes,  
Que quanto da alma he destroço  
Fazeis do juizo enfeite.  
Triste de mim, que entre tantas  
Não tenho pena que chegue,  
(Por mais que affirme o que custaõ)  
A dizer quanto se sentem.  
Por isso Tisbe presumo,  
Que a vossa como eloquente

Diz

Diz muy bem quanto se cuida,  
Mas não quanto se padece.  
Pois como ha diversas penas,  
He cousta muy diferente  
A penna, com que se escreve,  
Da pena, com que se sente.  
Da vossa penna, que he d'Aguia,  
Quem ha, que não confidere,  
Que no voo a todas passa,  
Pois no córte a todos vence.  
Mas do que nunca sentiste,  
Quem poderá crer fizesseis  
Taõ apparente a mentira,  
E os aggravos taõ cortezes.  
Verdade he, que nas distancias  
A penna de lingua serve,  
Que assim quiz amor, que os tristes  
Se fallassem quando ausentes.  
Porém como ha de cuidar-se,  
Que quem nunca penas teve  
Da pena, que mais magõa  
Faça com que mais se alegre.  
Crer, que em vós póde haver penas  
Será cuidar, que foy sempre  
Inferno o Ceo, noite o dia,  
Sombra o Sol, e fogo a neve.

E se



E se a pena ás divindades  
 De nenhum modo se atreve,  
 Como haõ de atreverse as penas  
 A hum fogeito taõ celeste.  
 A pena, com que a alma falla,  
 Faz que quando se encarece  
 Numa lagrima se leya,  
 Num suspiro se soletre.  
 Mas como ha de isto esperar-se  
 De quem discreta, sómente  
 A voz de lagrimas borda,  
 E de ays a eloquencia veste.  
 Ay Tisbe quanto receyo,  
 Que esta, que foy tantas vezes  
 Toda palavras, e plumas,  
 O ar, e o vento mas leve.  
 Mas isto, em que he maravilha,  
 Se já da flor, em que déstes  
 As toilhas do amor perfeito,  
 Trocastes em mal me queres.  
 Ou se eu tivera essa penna,  
 Quem duvida, que florente  
 Em conceitos tremulara,  
 Quanto rasgo em galhardetes.  
 Mas quem com pennas de cisne,  
 Que morre ao canto mais breve,

Vos chegará se fois aguia,  
 Vos vencerá se fois Fenix.  
 Só pasmo Tisbe sublime,  
 Que nestes voos, que déstes,  
 Fosse nas penas taõ grave,  
 Quem no pranto he taõ corrente.  
 Crera eu, que se cortaraõ,  
 E porque a pluma abatessem,  
 Fora canivete a magoa.  
 Como o ciume alfinete.  
 Se as lagrimas fossem tinta,  
 E a pena d'alma escrevessem,  
 No papel de hum rosto os olhos  
 Leriaõ quanto a alma sente.  
 Porém que hey de esperar, Tisbe,  
 Das vossas regras, se sempre  
 Vejo este amor entre pontos,  
 Porém nunca entre parentes  
 Pouco se correm comigo  
 Vossas lagrimas, pois querem  
 Deixarme sempre corrido,  
 Porém nunca foccorrerme.  
 Mas ainda assim tanto as amo,  
 Que quando seus caracteres  
 No vosso papel saõ rasgos,  
 Na minha alma saõ ferretes.



Vede pois Tisbe formosa  
 Se finezas vos merecem,  
 Que no gosto, com que morrem,  
 Paguem pena, que não devem.

## Sitio amoroso.

### ROMANCE.

**T**oquem arma as liberdades,  
 Ponha-se a vida em defenta,  
 Que contra a praça de huma alma  
 Sahe á campanha a belleza.  
 Despede por batedores  
 Aquellas vistas travessas,  
 Que a tiros de luzes chocaõ  
 Dos olhos co' as sentinellas.  
 A ganhar os postos sahem  
 Humas raras altivezas,  
 Contra quem não valem nada  
 As mayores eminencias.  
 Os movimentos atacaõ  
 Huma escaramuça freica,

Pois

Pois até ferindo fogo,  
 Que mataõ de ar se experimenta.  
 Como achaõ numa vontade  
 Sitio para tanta empreza,  
 No primeiro assalto d'alma  
 A bizzarria se empenha.  
 A bataria aos sentidos  
 Poz a formosura, que era  
 General da artilharia,  
 Que he quem tudo poem por terra.  
 Dentro na praça o juizo  
 Servia de intelligencia,  
 Com que dobrando os avisos  
 Foy fomentando as entregas.  
 Feita primeiro a chamada,  
 De huma hypocrita clemencia,  
 A quem foraõ dando ouvidos  
 Huns suspiros, e ternezas.  
 Por ver, que se não rendia  
 Ao partido das finezas,  
 Envestio á escala vista  
 Todo o exercito de prendas.  
 Já por toda a parte rodaõ  
 Os alentos, e as cruezas,  
 Chovendo de huns olhos rayos,  
 E de humas pestanas settas.

Já



Já se perde a contra escarpa,  
 Porque na estrada encuberta  
 De hum coração se fez forte  
 Huma galharda violencia.  
 Pelas portas de hum sentido  
 Fazem logo as vistas brecha,  
 Por onde já lhe não pára  
 Coufa em fim, que viva seja.  
 Nas muralhas do alvedrio  
 Anda a vontade suspensa  
 De ver, que os seus rendimentos  
 Se empenhaõ na resistencia.  
 Sobre as ruinas, e estragos,  
 Vendo as minas, que estaõ feitas,  
 Intentaõ fazer sortidas  
 As ultimas lavaredas.  
 Mas como o peito opprimido  
 Ardeendo em fogo rebenta,  
 Pertende nas cortaduras  
 Ter de seu mal a defensa.  
 Não lhe daõ folego as iras,  
 Com que a prevençaõ soberba  
 Nas baterias não pára,  
 Nas avançadas não cessa.  
 Vendo-se em fim reduzida  
 Já á ultima differença,

E as

E as forças deste inimigo,  
 Que a sangue, e fogo faz guerra.  
 Sobre a homenagem da ancia  
 De paz tremola a bandeira,  
 Com que a vozes de hum gemido  
 A pedir quartel começa.

## ESTRIBILHO.

Bom quartel, porque huma alma  
 Renderse intenta:  
 A formosura os golpes  
 Pare, e suspenda,  
 Que saõ tiros ociosos  
 A quem se entrega.



ROMAN-



## ROMANCE.

**D**esterrado de tus ojos  
 Vé como vivir podré,  
 Si me dan tus ojos vida,  
 Aunque la muerte me den.  
 Muerto para las venturas,  
 Eterno para el desden,  
 Ni vivo para gozar,  
 Ni muero de padecer.  
 Solitario entre la Corte  
 Passo, que sin ti mi bien  
 Es yermo la compañía,  
 Soledad la Corte es.  
 Las venturas de los otros  
 Son ya mis males, porque  
 Ver un triste agenos gustos  
 Su desgracia viene a fer.  
 Hase su officio la embidia,  
 Porque las memorias ven,  
 Que es ancia de las saudades  
 Lo que es crysol de la fé.

Mi

Mis engañosas quimeras  
 Me dan mas en que entender,  
 Para que dentro de mi  
 Me dé batalla tambien.  
 Sin salir de mis ideas  
 Ando sin mi por querer,  
 Que un pensamiento civil  
 Sea ofadia cortez.  
 Alfin sin tus ojos, Cloris,  
 Que juizios puede hazer,  
 Si quien sus luzes no mira  
 Desalumbrado se vé?

## SEGUIDILLAS.

**Y**O, zagala, me ausento  
 De tu presençia,  
 Que mi amor de tu alma  
 Nunca se ausenta.  
 Mandame la fortuna,  
 Que no te vea,  
 Como si apartamientos  
 Mudanças fueran,

No



No es la ausencia mudança  
 Donde ay firmeza,  
 Porque en almas unidas  
 Todo está cerca.

Antes solo almas tibias  
 Hazen que sea,  
 En distancias del gusto  
 La vista ausencia.

No se vá quien al irse  
 La vida dexa,  
 Que quien parte sin alma  
 Partiendo queda.

Es verdad dueño mio,  
 Que me destierran,  
 Mas de que bien me apartan,  
 Si nó te alexan?

Porque quando a mis ojos  
 Tu luz se niega,  
 En conceptos mi alma  
 Te representa.

Lloren verse los ojos  
 Sin lo que anelan,  
 Porque mas que a la vista  
 Te adoran a ciegas.

Cieguen de llorar tristes,  
 Porque se vea,

Que

Que te escriven con llanto,  
 Que de amor ciegan.

Que si alfin de amor ojos  
 Por mirarte eran  
 Ser sin verte ojos de agoa  
 Parece deuda.

Haga pues la fortuna  
 La más que intenta,  
 Que presume contigo  
 Mi fé de eterna.

No podrá la distancia  
 Por mas que pueda,  
 Desatarme los nudos  
 De tus cadenas.

Que si amarte es la vida,  
 Que me sustenta,  
 Sin amarte forçola  
 Mi muerte fuera.

Y si son las prisiones,  
 Que arrastro eternas,  
 Como podran los tiempos  
 Librarme dellas?

Puede alfin como mia  
 Mi infausta estrella,  
 Apartarme del Cielo  
 De tu belleza.

III. Part.

Ee

Pero



Pero no de su influxo  
 Podrá la fuerſa  
 Defunir de mi alma  
 Tu imagen bella.  
 Y anſi ſepan los hados,  
 Que en ſus violencias  
 Mas en mi te acompaño,  
 Se a ti me auſentan.  
 Pues no puede dexarte,  
 Quien en ſu pena  
 Por llevarte conſigo  
 A ti te dexa.



## DECIMAS.

## I.

Coração baſta o ſofrido,  
 Ponhamos termo ao cuidado,  
 Que hum deſprezo averiguado  
 Não he para repetido:  
 Baſta o que haremos ſentido,  
 Não demos mais ao tormento,  
 Que paſſa de ſofrimento,  
 Dar por hum deſdem tyranno  
 Toda a alma ao deſengano,  
 Toda a vida ao ſentimento.

## II.

Fujamos deſte perigo,  
 Livremo-nos coração:  
 Que não he bom galardaõ  
 O que parece caſtigo.  
 Eu com voſco, e vós'comigo  
 Melhor o mal paſſaremos,



Pois entre amantes extremos  
 Taõ divididos ficamos,  
 Que se nos communicamos,  
 He só quando padecemos,

## III.

Aquelle bronze animado,  
 Por quem deixais de assistirme,  
 Ay, que as finezas de firme  
 Troca em desdens de mudado!  
 Deixemos pois hum cuidado,  
 Que serve só de homicida;  
 Porém se he força, que a vida  
 Fique igualmente arriscada,  
 Antes que de desprezada  
 Quer já morrer de esquecida.

MOTE

## MOTE ALHEYO.

*Cuidados assim vos quero,  
 Que sejais desesperados.*

## G L O S A.

**H**E tal a causa, que amor  
 Vos deo, cuidados queridos,  
 Que em ferdes della nascidos  
 Me dais o premio mayor:  
 Quem não aspira ao valor,  
 Que não esperando espero,  
 Tenha por caso sevéro  
 Querervos sem pertender,  
 Que eu só para merecer  
 Cuidados assim vos quero.

Só sinto a difficuldade,  
 Com que este amor satisfaço,  
 Por não dizerem, que faço  
 Virtude a necessidade:  
 Porque a seres com verdade

De



De esperanças animados,  
Eu as deixara, cuidados,  
Por merecer nesta empresa,  
Por cuja razaõ me peza,  
Que sejais desesperados.

F I M.

